

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Eduardo Klock Frank**

**A Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ensino de História da Grécia Antiga,  
em uma Perspectiva Afro-asiática:**

Uma Revisão parcial dos Livros Didáticos de História aprovados pelo PNLD no Triênio de  
2017-2019, destinados ao 6º Ano do Ensino Fundamental

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Eduardo Klock Frank**

**A Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ensino de História da Grécia Antiga,  
em uma Perspectiva Afro-asiática:**

Uma Revisão parcial dos Livros Didáticos de História aprovados pelo PNLD no Triênio de  
2017-2019, destinados ao 6º Ano do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Licenciado em História pelo curso de  
Graduação em História da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul. Área de  
concentração: História Antiga.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski  
Vargas

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Eduardo Klock Frank**

**A Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ensino de História da Grécia Antiga,  
em uma Perspectiva Afro-asiática:**

Uma Revisão parcial dos Livros Didáticos de História aprovados pelo PNLD no Triênio de  
2017-2019, destinados ao 6º Ano do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Licenciado em História pelo curso de  
Graduação em História da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul. Área de  
concentração: História Antiga.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski  
Vargas

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Anderson Zalewski Vargas

\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Marcello Paniz Giacomoni

\_\_\_\_\_  
Doutoranda e Mestre Marina Pereira Outeiro

Porto Alegre

2019

4

Dedico esse trabalho a tantas vozes ignoradas e silenciadas, ontem e hoje, indevidamente.

## AGRADECIMENTOS

Após meus turbulentos 26 anos, breves mas intensos, penso ter muito a agradecer e lembrar. Primeiro, aos meus pais que sempre me acompanharam. Em segundo, a tantos que, de uma forma ou outra, não simplesmente passaram pela minha vida, mas produziram marcas significativas, seja se positivas ou não. A lista seria sem fim e por isso a omito. Porém, certas pessoas nunca mais se esquecem. Principalmente as que sempre portavam algum sorriso ou apoio, de quem não conseguimos guardar más lembranças. E, enfim, agradeço a tantos que, nesse país, de uma forma ou outra, lutam em defesa dos valores mais belos que possamos almejar. Que ainda creem que o ensino, o estudo, a cultura, a arte, a leitura, a reflexão crítica podem superar dilemas do hoje; que a real batalha não é sobre escravizar ou ser escravizado, mas achar a essência da beleza e da virtude em nós. A esses agradeço.

Sou, entretanto, obrigado a agradecer a meu orientador Anderson Zaleswki Vargas, bem como à minha orientadora do Estágio do Ensino Fundamental Carla Meinerz, a qual em grande parte inspirou-me a fazer essa pesquisa. Faço também minhas saudações a Francisco Marshall, professor de Antiguidade, com quem estudei e quem primeiro me apresentou o livro *Black Athena*, de grande suporte a essa pesquisa. Igualmente, penso não poder omitir meus agradecimentos ao meu coordenador de bolsa no Núcleo Rondon Renato Ribas a meus antigos orientadores de monitorias João Daniel Dorneles Ramos e Cláudia Rodrigues de Freitas e a meus professores do Ensino Médio no Colégio João Paulo I Rafael Balardin e Pedro Canabarro Cunha. Todos foram muito importantes na minha formação.

Agradeço também às professoras do Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS Silvia Moehlecke Copé e Adriana Schmidt Dias pela formação dada. Ainda que não ligadas a essa pesquisa, sendo suas áreas de estudo outras, penso que seria injusto não citá-las em gratidão. Penso que merecem um reconhecimento maior do que o que já tem, visto produzirem um ensino e pesquisa de qualidade no que tange à Arqueologia e História Pré-colonial das Américas; um ensino que busca superar o eurocentrismo na História, ao mesmo tempo em revelar a relação entre o tempo presente brasileiro e seu(s) passado(s) pré-colonial(is).

Quero, ao mesmo tempo, agradecer o privilégio que tive de- enquanto elaborava minha proposta de pesquisa- me aprofundar nos estudos de língua e cultura acadêmica com a

assirióloga Kátia Maria Paim Pozzer. Por mais breve que tenha sido meu contato com tal professora, creio que sua ousadia de ensinar acádico marcou minha vida e a de tantos outros estudantes, em disciplina em que mais de vinte alunos se inscreveram, apesar da dificuldade envolvida. Infelizmente, até onde alcança meu conhecimento, apenas um outro professor universitário domina a língua acádica no Brasil, Marcelo Rede, da USP. Penso que isso ajuda a fortalecer certo eurocentrismo no ensino da Antiguidade, em que Grécia e Roma são estudadas mormente. A situação do ensino do egípcio no Brasil é igualmente muito precária. Se desejamos realmente que este país tenha pesquisa de ponta e um ensino da Antiguidade adequado, bem como que fuja de um eurocentrismo que ignora outras culturas, dever-se-ia pensar em incentivar a formação, a contratação e o apoio de profissionais de Antiguidade em campos como a assiriologia e a egiptologia, dentre tantos outros inexplorados praticamente no Brasil. Isso, infelizmente, tem sido muito difícil diante de certo discurso utilitarista sobre o conhecimento universitário, o mensurando unicamente pelo valor monetário; em que o saber histórico é tido como um luxo fruto de erudição, **e não** uma necessidade. Igualmente, não me adentrarei na dificuldade de valorizar todo passado longínquo humano fora do grande projeto da Modernidade (e logo do colonialismo). Sobre o campo da História da África, me deprime o nível de discussão que se encontra o país. Penso que já deveria haver missões arqueológicas brasileiras na África para além do Egito, depois de tanto tempo de discussão sobre a aplicação da lei 10.639/03, bem como do combate ao eurocentrismo. É incrível após tanto tempo de debates ainda se ver a História da África com um tamanho diminuto. No caso da UFRGS, até onde tenho ciência, há apenas um africanista, José Rivair Macedo.

No mais, agradeço a todos esses que tem buscado construir uma universidade e uma escola de qualidade, em tempos tão obtusos em que se opõe realidades escolares e universitárias; como que para se ter uma escola de qualidade se deveria retirar verbas do ensino superior ou vice-versa. Tempos em que muitas vezes se opõe Europa e África, Ocidente e Oriente, Antiguidade, Medieval e Contemporaneidade, para fins políticos espúrios; em que o passado vira espelho das ambições não-confessadas do presente. Meus aplausos aos que tem superado tais tempos.

“Então, disse o sumo sacerdote Hilquias ao escrivão Safã: Achei o livro da Lei na Casa do SENHOR. E Hilquias deu o livro a Safã, e *ele* o leu.

(...)

Também Safã, o escrivão, fez saber ao rei dizendo: O sacerdote Hilquias me deu *um* livro. E Safã o leu diante do rei.

Sucedeu, pois, que, ouvindo o rei as palavras do livro da Lei, rasgou as suas vestes.”

**(Livro Segundo de Reis, Capítulo 22, versículo 8 a 11, Bíblia, Versão Almeida Revista e Corrigida, 2009)**

“Não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? Diz o Senhor. Não fiz eu subir a Israel da terra do Egito, e aos filisteus, de Caftor, e aos siros, de Quir?”

**(Livro de Amós, Capítulo 9, versículo 7, Bíblia, Versão Almeida Revista e Corrigida, 2009)**

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar seis livros didáticos de História aprovados pelo PNLD (*Plano Nacional do Livro e do Material Didático*) do triênio de 2017 a 2019, destinados ao sexto ano escolar do Ensino Fundamental, no que se refere à Educação para as Relações Étnico-Raciais no tema da História Antiga, particularmente no caso do ensino sobre a denominada História da Grécia Antiga, a partir de uma perspectiva afro-asiática de análise: isto é, interpretar como os livros estão contemplando as relações entre a Grécia Antiga com a Ásia e a África. Sugere-se, a partir da análise feita, que os livros didáticos ainda mantêm certo grau de ocultamento da importância das contribuições afro-asiáticas no processo da História da Grécia Antiga. Igualmente levanta-se a hipótese de que, a partir de leituras feitas, tal abordagem negligencia aspectos afro-asiáticos na História da Grécia Antiga e mantém explicações próximas ou mesmo genéticas com influências colonialistas na construção da historiografia, em que o eurocentrismo e o racismo pesam em sua construção. Nesse sentido, esse trabalho também sugere existir um caráter subalterno dado às contribuições afro-asiáticas na Grécia Antiga nos livros didáticos, em que seriam ignorados inúmeros pontos nos quais povos e culturas não-europeias tenham contribuído para a formação da Antiguidade grega sem ser de forma subalterna e negativa. Por outro lado, percebeu-se também uma construção “orientalizante” das influências não-europeias à Grécia Antiga, em que se utilizaria com frequência ideias genéricas de Ocidente e Oriente nos livros didáticos, de forma acrítica. Dessa forma, esse trabalho se aproxima tanto da crítica de *Edward Said* ao que denomina de Orientalismo, quanto da de *Gayatri Spivak* a respeito do silenciamento dos subalternos. Em relação a bibliografias que pensam sobre contribuições afro-asiáticas, cita-se aqui tanto *Martin Bernal* quanto *Walter Bukert*, dentre outros autores elencados ao longo da pesquisa.

**Palavras-chave:** Grécia Antiga, África, Ásia, Educação para as Relações Étnico-Raciais, PNLD, livro didático, Ensino de História, Eurocentrismo, Orientalismo, Colonialismo

### ABSTRACT

This paper aims to analyze six history textbooks approved by the PNLD (National Plan of Book and Teaching Material) from 2017 to 2019, intended for the sixth grade of Elementary School (*Brazil*), in relation to Education for Ethnic-Racial Relationship on the subject of Ancient History, particularly in the case of teaching on the so-called History of Ancient Greece, from an afroasiatic perspective of analysis: that is, to interpret how books are contemplating the relations between Ancient Greece, Asia and Africa. It is suggested from the analysis made that textbooks still maintain some degree of concealment of the importance of afroasiatics contributions in the process of Ancient Greek History. It is also hypothesized that, based on readings, such an approach that neglects afroasiatics aspects in the history of ancient Greece and maintains close or even genetic explanations with colonialist influences in the construction of historiography, in which Eurocentrism and racism weigh in their construction. . In this sense, this work also suggests that there is a subordinate character given to afroasiatics contributions in Ancient Greece in textbooks, in which many points in which non-european peoples and cultures would have contributed to the formation of Greek antiquity without being negated or dominated would be ignored. On the other hand, a “orientalizing” construction of non-european influences to Ancient Greece was also perceived, in which generic ideas of the West and East would often be used in textbooks in an uncritical way. Thus, this work is as close to Edward Said's critique of what he calls Orientalism as to Gayatri Spivak's criticism of the silence of the subalternes. Regarding bibliographies that think about afroasiatics contributions, it is cited here both Martin Bernal and Walter Bukert, among other authors listed throughout the research.

**Keywords:** Ancient Greece, Africa, Asia, Education for Ethnic-Racial Relationships, PNLD, Textbook, History Teaching, Eurocentrism, Orientalism, Colonialism

## ZUSSAMENFASSUNG

Dieser Aufsatz zielt darauf ab, sechs vom PNLD (Nationaler Plan der Lehrbücher und Lehrmaterialien) genehmigte Geschichtslehrbücher für die Sechste Klasse der Grundschule (*Brasilien*) bezüglich der Erziehung zu Ethnisch-Rassischen Beziehungen zum Thema Alte Geschichte zu analysieren insbesondere im Fall des Lehrens über die sogenannte Geschichte des antiken Griechenlands aus afroasiatischer Perspektive: das heißt zu interpretieren, wie Bücher die Beziehungen zwischen dem antiken Griechenland, Asien und Afrika betrachten. Aus der Analyse geht hervor, dass die Lehrbücher die Bedeutung der afroasiatischen Beiträge für den Prozess der Geschichte des antiken Griechenlands immer noch in gewissem Maße verbergen. Es wird auch die Hypothese aufgestellt, dass ein solcher Ansatz, der afroasiatische Aspekte in der Geschichte des alten Griechenland vernachlässigt, enge oder sogar genetische Erklärungen mit kolonialistischen Einflüssen in der Konstruktion der Geschichtsschreibung enthält, in deren Konstruktion Eurozentrismus und Rassismus eine Rolle spielen. . In diesem Sinne legt diese Arbeit auch nahe, dass den afroasiatischen Beiträgen im antiken Griechenland in Lehrbüchern ein untergeordneter Charakter beigemessen wird, in dem viele Punkte ignoriert werden, in denen nichteuropäische Völker und Kulturen zur Bildung des griechischen Altertums beigetragen hätten, die nicht negiert oder dominiert haben werden. Andererseits wurde auch eine „orientalisierende“ Konstruktion außereuropäischer Einflüsse auf das antike Griechenland wahrgenommen, in der Gattungsideen des Westens und Ostens oft unkritisch in Lehrbüchern verwendet wurden. Damit steht diese Arbeit Edward Saids Kritik an dem, was er Orientalismus nennt, ebenso nahe wie Gayatri Spivaks Kritik an der Sprachlosigkeit der Subalternen. In Bezug auf Bibliografien, die sich mit afroasiatischen Beiträgen befassen, wird hier sowohl Martin Bernal als auch Bukert zitiert, unter anderen Autoren, die in der gesamten Forschung aufgeführt sind.

**Schlüsselwörter:** Altes Griechenland, Afrika, Asien, Bildung für Ethnisch-Rassische Beziehungen, PNLD, Lehrbuch, Geschichtsunterricht, Eurozentrismus, Orientalismus, Kolonialismus

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1. Problemas e objetivos da pesquisa.....	12
1.2. Justificativa.....	13
2. Discussões bibliográficas pertinentes: referências adotadas.....	18
3. Livros didáticos analisados.....	34
3.1 A abordagem da temática das relações étnico-raciais nos livros didáticos.....	35
4. A Gênese: de Creta às Pólis.....	36
4.1 Os primórdios da Grécia: Creta, Micenas e os indo-europeus.....	36
4.2. Da “Idade das Trevas” grega e do “breu” sobre as influências afro-asiáticas à pólis e à colonização grega.....	56
5. Do perigo à conquista: dos persas ao Período Helenístico.....	82
5.1 Os Persas e o Período Clássico.....	82
5.2 A conquista macedônica e o Helenismo: o Oriente subjugado.....	95
6.Outras referências à Educação para as Relações Étnico-raciais no tema da História da Grécia Antiga nos livros didáticos.....	115
7. Conclusões.....	128
Obras analisadas:.....	133
Referências:.....	134

## **1. Introdução**

Com a lei número 10.639/03, tornou-se obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e em 17 de Junho de 2004 o da educação para as relações étnico-raciais por meio do Conselho Nacional de Educação na Resolução número 01 juntos de uma educação que valorize a pluralidade étnica e combata a discriminação a respeito.(BRASIL, 2013) Tal legislação surge de reivindicações de movimentos sociais, de combate ao racismo no Brasil, que tem feito um país estruturado em bases de desigualdade e discriminação. Em particular, isso afeta o ensino de História, visto a invisibilização e a negatização de culturas e povos que não são inseridos na narrativa eurocêntrica do passado, mormente – no Brasil- relativos a História Africana e Indígena. Isso ocorre, infelizmente, no saber histórico que chega às escolas, com frequência reproduzidos, Torna-se salutar combater um eurocentrismo vicioso no ensino. Nesse sentido, inserem-se as políticas brasileiras de promoção do ensino de História da África e Indígena e do para as relações étnico-raciais, que combatam o racismo e valorizem o multiculturalismo (GONÇALVES E SILVA,2007; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013; MEINERZ, 2017). Esta pesquisa busca revisar parcialmente os livros didáticos de História aprovados pelo PNLD em 2017 para o 6º ano do Ensino Fundamental<sup>1</sup>, focando o ensino para as relações étnico-raciais em História, no caso da Grécia Antiga, em um foco afro-asiático. A proposta é viável diante de debates atuais (BERNAL, 1987; BURKERT,1992; EL-NADOURY E VERCOUTTER,2010; SOUZA NETO, 2012; ANDRADE DURÃO, 2017; CANDIDO, 2018)

### **1.1. Problemas e objetivos da pesquisa**

Haja vista o debate da importância da Cultura e da História Afro-asiática para a constituição da Grécia Antiga e a obrigatoriedade da educação para as relações étnico raciais, mormente em História; este trabalho se questionou de como estão sendo contempladas as

---

<sup>1</sup> O Programa Nacional do Livro e Material Didático se trata de uma política pública nacional em que o Ministério da Educação avalia, aprova, seleciona, compra e distribui os livros didáticos a serem usados em sala de aula, conforme também preferências escolares. Por triênios, se avalia, seleciona e distribui-se livros didáticos de História para o uso escolar no sexto ano do Ensino Fundamental, bem como para outros anos da Escola Básica (BRASIL, 2019)

questões de educação para as relações étnico-raciais nos livros didáticos de História aprovados pelo PNLD em 2017.

Considerando as problemáticas expostas acima, os objetivos da pesquisa foram:

1. Pensar como estão sendo contempladas as questões relativas à educação para as relações étnico-raciais nos livros didáticos escolares
2. Perceber as representações veiculadas nos livros didáticos referentes a questões étnico-raciais relativas à História da Grécia Antiga
3. Refletir sobre as relações étnico-raciais na conformação da História da Grécia Antiga com sua articulação ao ensino de História.

## **1.2. Justificativa**

Questões sobre as relações étnico-raciais são vitais no debate acadêmico e escolar, sendo obrigatório as abordar em todos níveis de ensino. Urge uma cultura antirracista e multicultural, valorizadora da História africana e da indígena, em um país construído por africanos e indígenas. A invisibilização e o aviltamento feitos a esses são notórios, afetando a autoimagem estudantil (GONÇALVES E SILVA, 2007; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013). É possível em História da Grécia Antiga abordá-la por uma postura não-eurocêntrica.

O tema me toca por um estágio no Ensino Fundamental que realizei. A experiência inspirou-me esse projeto de pesquisa, ao me deparar com os recursos didáticos disponíveis. Por sugestão da supervisora na universidade, eu e colegas fomos desafiados a abordar o ensino de relações étnico-raciais. Sabia haver debate a respeito da Grécia Antiga, em que me aprofundei. Percebi o efeito positivo de uma perspectiva não-eurocêntrica em sala, motivando em especial certo aluno negro que tive, gerando nesse orgulho de saber dos gregos serem possivelmente grandes devedores dos africanos, dos egípcios: os mesmos gregos dos desenhos e séries pelos quais ele se interessava. Isso o ajudou a gostar das aulas, avaliando-as bem ao fim do estágio. Tal aluno tinha já sofrido problemas escolares e reprovação anterior, tendo porém uma postura questionadora, crítica, logo inquieta na escola. Pensei na época o quanto a História que lhe era ensinada dialogava com sua vida, satisfazia sua curiosidade; o quanto o sistema escolar fora pensado para ele e outros tantos brasileiros.

Penso que outros tantos estudantes merecem conhecer a perspectiva não-eurocêntrica sobre a Grécia, pensar sobre influências multiculturais no Mundo Antigo, onde o racismo não era determinante, em que gregos viam-se devedores de povos negros. (BERNAL, 1987; CANDIDO, 2018) Penso que muitos se beneficiarão de tal abordagem que retira a Grécia Antiga de um particularismo europeu para inseri-la em um plano global, beneficiando o ensino em um país descendente de africanos, ameríndios, asiáticos e não só europeus.

Por outro lado, o saber histórico ganha ao adentrar em novas discussões e perspectivas, questionando sua construção, influências recebidas e refazendo-se diante de novas ideias. Igualmente, deve-se refletir sobre postulados racistas e colonialistas que formularam, infelizmente, muito do conhecimento dito científico. (BERNAL, 1987; LARSON, 1999; SAID, 2007; SPIVAK, 2012; VAN DOMELEN, 2012; BIAZOTTO, 2013, 2017; URQUHART, 2014; ANDRADE DURÃO, 2017; CANDIDO, 2018)

Por fim, a pesquisa é positiva ao analisar a aplicação de políticas públicas na educação para as relações étnico-raciais e o ensino de História nos livros didáticos. Contribui pensar sobre as práticas, e não só intenções, da ação e da interlocução entre governo e sociedade em diretrizes, planos, leis. (SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013), como também sobre o próprio fazer-se social da História, repensar-se como sujeito.

Além disso, o próprio tema da História Antiga na sala de aula tem sido “incendiado” ultimamente pelas políticas públicas, com a sua quase extinção, ao se propor a primeira versão da Base Nacional Curricular Comum no Brasil (BNCC); extinção felizmente depois revertida com alterações na BNCC (ainda que encapsulando após isso toda Antiguidade, Medievo e Pré-História juntos em apenas um ano escolar.). Mesmo com a previsão constitucional de 1988 de uma base mínima de saberes escolares, somente após 30 anos veio a se definir a respeito no Brasil, conforme Santos( 2019, p.129):

(...) Apesar das três décadas que separam a primeira menção a tal exigência e sua publicação em forma de documento, a primeira versão não foi elaborada em diálogo com os pesquisadores das áreas envolvidas, as entidades científicas, os grupos de pesquisa e assim por diante. Ou seja, não foi fruto de um debate aberto com o conhecimento da sociedade brasileira. Ao contrário, uma comissão de especialistas composta por 116 pessoas foi formada e a participação externa só foi permitida, limitada a um sistema previamente concebido que não permitia alterações, mas apenas acréscimos e questionamentos feitos individualmente a cada um dos itens disponíveis, a partir da elaboração de um texto base.

Na área de História, as interpretações apresentadas geraram grande polêmica, uma vez que duas categorias importantes ao trabalho do historiador, tempo e espaço, foram insuficientemente abordadas. Assim, as várias associações, grupos de pesquisa, núcleos de estudo, laboratórios e docentes, que não haviam sido consultados (as), manifestaram-se sobre o tema, também por motivações diversificadas, pois o texto inicial da BNCC prejudicou inúmeras áreas do conhecimento histórico e, além disso, praticamente excluiu a História Antiga do currículo sugerido, algo sugestivo, sobretudo se considerarmos que a tal comissão especialista não contava com nenhum representante sequer da grande área de História Antiga e Medieval da CAPES. A reação foi quase imediata, professores (as) de História Antiga de todas as partes do Brasil manifestaram-se, principalmente a partir de artigos científicos, redes sociais e mídia, questionando o porquê de uma narrativa de tal natureza ter sido sequer concebida e, ao mesmo tempo, apresentando alguns motivos que justificam a necessidade de se estudar as sociedades antigas em um currículo que se pretende nacional.

Já ouvi, com frequência no meio acadêmico, um desprezo aberto para com a Antiguidade grega, como se necessariamente ensinar sobre Grécia Antiga (ou outros temas, como o Império Romano) seria ensinar um tema eurocêntrico, colonialista e que promovesse uma violência contra os saberes dos estudantes. Penso que isso não é, nem deve ser, uma verdade. Infelizmente, em uma abordagem tradicional acrítica, isso pode ser, porém, reproduzindo preconceitos advindos do colonialismo europeu.

Penso, igualmente, que o passado da denominada Grécia Antiga é um tema interessante para contrapor com uma tradição eurocêntrica que ignora culturas outras: no sentido de a incensada Grécia ter se transformado no epítome de civilização europeia graças enormemente a seus contatos com a Ásia e a África, com uma população que de alguma forma interconectava-se à Ásia, à África e à Europa pelo Mediterrâneo e Mar Negro e a tais continentes (isto é, as populações nestes) é fortemente devedora.

Por outro lado, conforme Santos( DA ROSA *apud* SANTOS, 2019: 139):

Cláudia Beltrão da Rosa, professora de História Antiga da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), observa que “mesmo no nível mais cotidiano, é difícil escapar dos clássicos”. Segundo ela, “desde as colunas que adornam as fachadas dos bancos, dos edifícios públicos e dos condomínios residenciais que se pretendem luxuosos aos filmes hollywoodianos, o clássico faz parte do tecido da nossa modernidade diária”. Seja porque nosso idioma é uma língua latina e nossas palavras com ela se conectam seja por conta das diversas apropriações e ressignificações que fizemos ao longo do tempo, “os clássicos, então, estão ao nosso redor e em nosso interior, tenhamos consciência disso ou não”. Assim sendo, não faz o menor sentido pensar em uma Antiguidade desconectada com o Brasil do tempo presente, pois ela tem ligações com o nosso país. A autora recorre a Koselleck e Funari para argumentar que “boa parte, senão a maior parte, dos conceitos ocidentais modernos implicam apropriações e ressemantizações de

conceitos, noções e palavras oriundas do grego e/ou do latim, em um processo cuja estruturação é demonstrada por Reinhart Koselleck, em seus estudos sobre a contemporaneidade do não-contemporâneo”, por isso, afirma, o estudo da Antiguidade é fundamental.

Isto é, penso que é incontornável o conhecimento de alguma influência grega em nosso país, de uma população que foi dominada por um povo europeu(português), que recebeu influências latinas(como nossa língua), bem como gregas indiretamente(citemos, por exemplo, a própria fé neotestamentária de grande parte da população brasileira, de alguma forma influenciada por textos judaicos escritos em grego koiné durante o Império Romano; ou mesmo a etimologia de grande parte das palavras nesse trabalho). Porém, penso que devemos pensar isso em um viés não-eurocentrado, em que citemos o quanto isso se deu no contato com diferentes povos e culturas e graças a esses contatos. O quanto os próprios fundamentos usados pela tradição europeia baseados na Grécia Antiga não são apenas europeus, mas nascidos de um mundo multicultural, em grande parte devedor da Humanidade existente na África e na Ásia. O quanto, por exemplo, os deuses gregos dos desenhos animados aos quais meus alunos assistiam poderiam - de fato - não serem unicamente gregos... O quanto a influência grega, representada no desenho “Cavaleiros do Zodíaco” (um dos assistidos pelos meus alunos; diga-se de passagem, um desenho japonês) poderia ter suas origens na Ásia e na África. Penso que os alunos que tive e outros no Brasil merecem melhores explicações sobre essa Grécia que tanto ouvem falar. Nesse sentido, realizei essa pesquisa.

Porém, não ocorreria talvez esse debate sem todo percurso anterior que “incendiou” o tema, pondo para reflexão o quanto nosso ensino tradicional renegaria outras culturas que não as europeias, bem como todas consequências disso na sociedade. De certa forma, não fosse toda discussão no meio universitário e fora dele sobre o ensino da História da África e Indígena (este último não contemplado nessa pesquisa pelo recorte), não me motivaria a pensar no tema. Lembro-me tanto de meu fascínio em tempos escolares em ler páginas de livros didáticos (na biblioteca, não no material usado em sala) que comentava sobre os reinos africanos na Idade Média e a total ausência do tema “História da África” em toda formação do que eu me lembro - que tive no Ensino Fundamental, com exceção da atuação de professora de Artes<sup>2</sup> comentando sobre a arte egípcia influenciar a grega; ou ,então, de meu

---

2 No momento, falta-me à memória seu nome completo, apenas lembrando-me do primeiro nome, Sabrina.

incômodo na universidade de não ver igualmente a temática da História da África abordada com a profundidade que esperava. Posso citar igualmente da influência positiva da professora Carla Meinerz<sup>3</sup>, ao pedir que nos estágios pensássemos o quanto o que ensinaríamos dialogaria com o tema da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Cabe lembrar aqui também das aulas com Francisco Marshall<sup>4</sup>, em que, explicando sobre o período minoico, comentou do livro *Black Athena* de Martin Bernal. Por outro lado, pesquisar e analisar sobre a temática tem me fascinado, ao mesmo tempo incomodado, eu que- como pessoa- aprendi a me apaixonar por História na escola primeiramente lendo na biblioteca sobre mitologia grega, outras narrativas religiosas (maias, astecas, nórdicas, mesopotâmica, xintoísta...) e livros infantis sobre História Antiga, principalmente grega (além de outros temas consagrados, como mesopotâmica, chinesa, egípcia...). Junto a isso, posso falar que me aproximou do tema a minha simpatia ao Oriente Próximo, a partir de minhas influências de leituras bíblicas. Encerro essa exposição da justificativa desse trabalho por meio desse breve relato de percurso sobre o que me motivou a realizar essa pesquisa. Apesar de minhas motivações, já aqui expostas, disponho essa pesquisa para o debate, a partir de toda análise referenciada academicamente que farei nas próximas páginas. Dispondo assim, para além de minhas motivações, as reflexões e referências que se seguem para o debate racional e consequente ação no mundo. Felizmente, desde pelo menos a filosofia grega (VERNANT, 1998), se já não antes em parte de forma germinal nas tradições sapienciais que a antecederam, não precisamos subordinar nossas reflexões sobre o mundo aos nossos deuses, às nossas opiniões pessoais, aos nossos credos; podemos chegar a um consenso comum por meio da razão, naquilo que é compreensível e possível de ser partilhado entre todos, para além das experiências e percepções de cada um. Nesse sentido, compartilho a análise aqui feita, para o debate racional e os seus efeitos na realidade a que estamos construindo.

---

3 Professora do Departamento de Ensino e Currículo/Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

4 Professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Depto. e PPG História (IFCH) e no PPG Artes Visuais (IA). Curador Cultural do StudioClio. Atua no Núcleo de História Antiga/UFRGS.

## **2. Discussões bibliográficas pertinentes: referências adotadas**

A defesa por uma educação e conhecimento histórico menos eurocentrados se insere em uma luta global muito iniciada por historiadores interessados no combate ao racismo (BERNAL, 1987; GONÇALVES E SILVA, 2007, SAID, 2007; ANDRADE DURÃO, 2017), tornando-se política pública brasileira, com diretrizes para a educação para as relações étnico-raciais.(GONÇALVES E SILVA,2007; BRASIL, 2013) Esses debates são de suma importância no ensino de História da Grécia Antiga, onde relações étnico-raciais entre gregos, asiáticos e africanos estão presentes. Esta pesquisa visa analisar nesse sentido alguns livros didáticos de História aprovados pelo PNLD em 2017, destinados ao 6º ano do Ensino Fundamental, conforme a atual política de educação para as relações étnico-raciais e promoção da História da África. Para tanto, será referencial a obra *Black Athena: The Africoasiatic Roots of Classical Civilization- Volume I- The fabrication of Ancient Greece 1785-1985* de Martin Bernal, que propôs ampla revisão da Antiguidade grega por um olhar não-eurocentrado, em uma perspectiva afro-asiática.<sup>5</sup>

Há uma tendência atual na historiografia em rever modelos acadêmicos construídos sobre a Grécia Antiga, pondo em dúvida o menosprezo acadêmico anterior ao mundo asiático e africano, devido a pressupostos racistas feitos durante o colonialismo(BERNAL, 1987; LARSON, 1999; SAID, 2007; SPIVAK, 2012; VAN DOMELEN, 2012; BIAZOTTO,2013, 2017; URQUHART, 2014; ANDRADE DURÃO, 2017; CANDIDO,2018). Aliava-se a isso visões europeias que exaltavam a Grécia como civilização superior “ariana” europeia frente aos povos colonizados e semitas, no que Bernal chama de *Aryan Model*( *Modelo Ariano*) focado em explicações históricas indo-europeias ou nativistas, em contraposição a que denomina de *Old Model*( *Modelo Antigo*), focado nas influências afro-asiáticas sobre a Grécia. A relação egípcia e a fenícia com a História grega teriam sido invisibilizada, ignorando evidências e indícios arqueológicos, iconográficos, filosóficos, testemunhais, mitológicos, cerâmicos, toponômicos, políticos, epigráficos, artísticos.( BERNAL, 1987).

---

<sup>5</sup> Tanto o livro, quanto o autor, são referências centrais em estudos a respeito da Grécia Antiga envolvendo os contextos afro-asiáticos circundantes. Igualmente, surgiu tal obra em um cenário de lutas políticas do movimento negro. (ANDRADE DURÃO, 2017; CANDIDO,2018) Por outro lado, resulta da trajetória *sui generis* acadêmica de Martin Bernal, inicialmente na sinologia, interessando-se pelos estudos de Antiguidade a partir de seu aprofundamento em língua grega e hebraica.

Há no Brasil um descompasso entre políticas públicas educacionais e suas práticas. Isso, em matéria de educação para relações étnico-raciais, se torna uma possível realidade, infelizmente. Precisa-se não só de ações genéricas, mas propositivas e objetivas (GONÇALVES E SILVA, 2007; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013; MEINERZ, 2017). Nesse sentido, a pesquisa procura pensar uma educação não-eurocentrada sobre a Grécia Antiga. Cabe pensar porque ensinar a seu respeito, certamente não o é pela posição geográfica. Trata-se de uma História multicultural que afeta até hoje os brasileiros, feita por influências europeias, africanas e asiáticas. É injusto a restringir a uma tradição europeia, visto o contato com regiões e populações afro-asiáticas. Não há porque negar aos alunos a discussão sobre tal influência afro-asiática, desconstruindo o racismo e promovendo o multiculturalismo. Este projeto busca analisar como os livros didáticos do PNL D de 2017 a 2019 de História no 6º ano contemplam a temática étnico-racial.

Em relação à História Antiga, serão referências a obra *Black Athena- Volume I*, textos da *História Geral da África* organizada pela UNESCO (2016) sobre o Antigo Egito até os Ptolomeus, especialmente de El-Nadoury e Vercoutter (2016) *O legado do Egito*, com a perspectiva afrocêntrica,<sup>6</sup> buscando explicações históricas a partir da África (a obra de Bernal tem o diferencial da perspectiva afro-asiática). Cito também o livro de Vernant (1998) *As Origens do Pensamento Grego*, que argumenta serem orientais as origens da filosofia e do pensamento político gregos. Adicione-se a obra de Berthold (2003) *História Mundial do Teatro*, por sugerir da arte dramática grega poder derivar de Creta e da Mesopotâmia, tornando-se no teatro clássico.<sup>7</sup>

---

6 Citando Durão (2018, p. 31):

O princípio fundamental, na abordagem crítica do afrocentrismo, é a aceitação de que os estudos das Ciências Humanas e Exatas foram alicerçados nas bases eurocêntricas e mesmo quando se voltavam para o continente americano e africano, continuavam fazendo parte de um cânone concernente a uma elite intelectual branca, muitas vezes comprometida com os mecanismos de dominação imperialista. O afrocentrismo é fruto de uma vontade de demonstrar as raízes africanas em grande parte dos ramos do conhecimento histórico, filosófico e em amplos espaços do saber. Ele não foi um movimento de “redescoberta da África”, mas esteve ligado a essa perspectiva mais voltada para os estudos étnico-raciais e diaspóricos em que se primou pela valorização do conhecimento dos povos africanos em si mesmos.

7 Como sugere a autora :

As orgias desenfreadas dos vinhateiros áticos honravam-no, assim como as vozes alternadas dos ditirambos e das canções báquicas atenienses. Quando os ritos dionisiacos se desenvolveram e resultaram na tragédia e na comédia, ele se tornou o deus do teatro.

Muitas correntes de forças da Mesopotâmia, Creta e Micenas confluíram para a península Ática, banhada pelo mar, e lá encontraram seu auge histórico na polis, a cidade-Estado de Atenas. A política de poder e uma deliberada e sagazmente conduzida intensificação da vida religiosa levaram ao pomposo programa festivo da

Outro trabalho essencial para essa análise é a de Burkert(1992), que comenta de possíveis influências orientalizantes na Grécia Arcaica, com algumas dessas remontarem até ao período Pré-Homérico. Burkert defendeu que a Grécia arcaica recebeu inúmeras influências religiosas, artísticas, literárias, médicas, técnicas e linguísticas vindas do mundo semítico asiático. Isso teria se dado pelo contato marítimo, em que o comércio, bem como a circulação de artesões(*craftsmen*) e “videntes” (*seers*) e curandeiros(*healers*) no Mundo Antigo possibilitariam a transmissão de tradições religiosas, literárias, artísticas, mágicas, médicas entre a Grécia Antiga e o mundo asiático. Burkert estabelece paralelos entre nomes de deuses gregos e seres mitológicos asiáticos, bem como de palavras entre ambas culturas. Defende um mundo mediterrânico conectado, em que inclusive as influências orientalizantes chegariam até a Etrúria(hoje, na Itália). Estabelece paralelos nas narrativas mitológicas, nas práticas mágicas, nos recursos literários(como entre a obra de Homero e o épico de Gilgamesh). Relaciona o contexto cretense e cipriota como pontes de ligação entre a cultura egeia ao mundo oriental. Tal bibliografia possibilita pensar com mais profundidade a influência asiática na Grécia. Junto a Burkert, acrescentamos texto de Van Dommelen(2012), comentando sobre a arqueologia do colonialismo grego, em que ressalta tanto haver uma forte herança colonialista quanto hoje haver novas leituras, buscando visões pós-colonialistas.<sup>8</sup>

---

Panatenéia, a glorificação da deusa da cidade, Palas Atenas. Do século VI a.C. em diante, Atena passou também homenagear Dioniso na grande Dionisa cidadina, que durava vários dias e incluía representações dramáticas. (Berthold, 2003,p. 103)

Na mesma obra(Berthold, 2003,p. 7-19) a autora defende existir arte dramática no Egito e na Mesopotâmia, em meio aos seus rituais. Ainda que não abertamente, em tal obra se esboça a possibilidade de uma origem afro-asiática do teatro grego, e não meramente nativista. Caso pensemos o caráter oriental e exógeno dado por alguns a Dionísio( Vlassopoulos,2012,p. 77-78), bem como o casamento sagrado, como no rito da união de Inana e Dumuzi, sendo um dos primeiros rituais dramáticos registrados na História da Humanidade(Berthold, 2003,p. 16-17), penso que cabe tal hipótese exógena do teatro grego, e não unicamente nativista.

<sup>8</sup> Citando o autor:

In the eighteenth and nineteenth centuries, education became entirely focused on the Classical world, and as a result the educated elites, who came to occupy government and university positions in the European colonial empires, increasingly conflated their own modern colonial experiences with their views of colonial situations in Classical Antiquity (Marchand 1996; Vasunia 2005; Amodeo 2009; Dietler 2009, pp. 13-23; Canete 2010). These views inevitably fed back into academic research, and before long the ancient Mediterranean was described in modern colonial terms and Western scholars identified explicitly with Greek and Roman colonizers: Dunbabin's (1948) landmark study *The Western Greeks* is also a classic example of a one-sided colonialist interpretation of an ancient colonial situation (see van Dommelen 1997a, De Angelis 1998). In short, the archaeology and history of the ancient Mediterranean became part and parcel of modern colonial projects and contemporary imagination in both the Mediterranean and elsewhere (Mattingly 1996; Gosden 1999, pp. 15-61; Dietler 2005, 2009, 2010). Although the modern colonial situations were dismantled in the latter half of the twentieth century, much of the colonial mindset, including the conceptual entanglement, persists up to the present day, the latter supported by educational, including academic, structures and disciplinary conventions that remain more or less unchanged

Acrescentamos a reflexão de Urquhart(2014) sobre as releituras feitas a respeito da colonização grega do sul da Itália, e como disputas políticas produziram uma releitura, de uma chave de inferiorização para valorização do papel das populações nativas.

Outra bibliografia de importância é a de Jonathan Hall(2001), em que o autor pensa a respeito da etnicidade na Grécia Antiga. O trabalho nos ajuda a pensar o conceito de etnia para na Grécia Antiga e como historicamente se construiu identidades étnicas helênicas, se caso podemos falar desse modo. Hall levanta que a identidade helênica pode ter surgido a partir do conflito com os persas ou no período clássico.<sup>9</sup> Percebe anteriormente a vinculação

(Morris 1994). Through out the twentieth century, a one-sided perspective, invariably that of the colonizers, has been a consistent hallmark of colonial studies in the ancient Mediterranean, informed by concepts of Greek and Roman cultural superiority (van Dommelen 1997a, 2002). If the indigenous Iron Age inhabitants of colonized regions were given any attention at all, they were always described in terms clearly distinct from the colonizers, who invariably held the upper hand in the resulting binary colonial relationships (van Dommelen 2002; Malkin 2004; Stein 2005a, pp. 25-26; Hayne 2010) (VAN DOMMELEN, 2012, p.396-397)

Em tradução livre ao português:

Nos séculos XVIII e XIX, a educação tornou-se inteiramente focada no mundo clássico e, como resultado, as elites educadas, que passaram a ocupar cargos de governo e universitários nos impérios coloniais europeus, gradativamente confundiu suas próprias experiências coloniais modernas com suas visões de situações coloniais na Antiguidade Clássica (Marchand 1996; Vasunia 2005; Amodeo 2009; Dietler 2009, pp. 13-23; Canete 2010). Estas opiniões inevitavelmente foram retroalimentadas na pesquisa acadêmica, e em pouco tempo o mediterrâneo antigo foi descrito em termos coloniais modernos e estudiosos ocidentais se identificaram explicitamente com colonizadores gregos e romanos: O estudo fundante de Dunbabin (1948) sobre os gregos ocidentais também é um exemplo clássico de uma interpretação colonialista unilateral de uma antiga situação colonial (ver van Dommelen 1997a, De Angelis 1998). Em suma, a arqueologia e a história do antigo Mediterrâneo tornaram-se parte integrante dos projetos coloniais modernos e da imaginação contemporânea tanto no Mediterrâneo como noutros locais (Mattingly 1996; Gosden 1999, pp. 15-61; Dietler 2005, 2009, 2010). Embora as situações coloniais modernas foram desmanteladas na segunda metade do século XX, grande parte da mentalidade colonial, incluindo o emaranhamento conceitual, persiste até os dias atuais, este último apoiado pela educação, incluindo acadêmica, e as estruturas e convenções disciplinares que permanecem mais ou menos inalteradas (Morris 1994). Ao longo do século XX, uma perspectiva unilateral, invariavelmente a dos colonizadores, tem sido uma marca consistente de estudos coloniais no antigo Mediterrâneo, informado por conceitos de superioridade cultural grega e romana (van Dommelen 1997a, 2002). Se os habitantes indígenas da Idade do Ferro das regiões colonizadas receberam alguma atenção, eles sempre foram inscritos em termos claramente distintos dos colonizadores, que invariavelmente mantinham a vantagem nas relações coloniais binárias resultantes (van Dommelen 2002; Malkin 2004; Stein 2005a, pp. 25-26; Hayne 2010) (VAN DOMMELEN, 2012:396-397)

<sup>9</sup> Citando o autor(HALL, 2001):

Com efeito, considera-se um princípio cardinal do pensamento antropológico desde pelo menos os anos 1960, que o conceito de etnicidade envolve muito mais a percepção interna de cada membro de um grupo. O grupo étnico é, assim, definido não pela soma de diferenças objetivamente observáveis mas por apenas aquelas diferenças que os membros do grupo, eles próprios, percebem como diferenças significantes. E esta idéia não é uma invenção da era pós ‘melting pot’: já em 1912, o grande sociólogo alemão Max Weber definira os grupos étnicos como ‘os grupos humanos que mantêm uma crença subjetiva em sua descendência comum .... sem importar se uma relação objetiva de sangue existe ou não’. Assim, minha preocupação hoje, não é com o que nós pensamos que os gregos eram mas com o que eles pensavam que eram. Ao mesmo tempo que concordo com a conclusão de Myres de que os gregos estavam ‘sempre no processo de vir a ser’ eu proponho que este processo não havia sido concluído antes do período clássico e que os critérios em que os gregos fundamentavam sua auto-

de populações onde hoje está a Grécia a identidades feitas em cima de heróis míticos: isto é, percebe identidades passadas como a dos aqueus, dórios ou jônios; porém não uma tradição que remetesse claramente a uma visão pan-helênica. Não percebe uma unidade religiosa<sup>10</sup> e até linguística<sup>11</sup> entre os chamados gregos na Antiguidade; entende que o conflito com o Império Persa pode ter vindo a estabelecer a etnicidade helênica e a emergência da ideia de Hélade.

Por outro lado, há críticas ao próprio Hall em sua abordagem por Vlassopoulos (2015) identificação transformaram-se de acordo com a época.

Aparentemente, há poucos grupos étnicos através da História que não tenham expressado sua auto-consciência comum por meio de um nome coletivo. A razão disto não é difícil de determinar. A etnicidade depende de categorização, ou seja, da habilidade em dividir o mundo entre 'nós' e 'eles'. E a categorização é muito melhor operacionalizada quando há nomes. É, portanto, surpreendente que os nomes que os gregos utilizaram para designarem-se a si mesmos - Helenos - e a terra que habitavam - Helas - aparecem relativamente tarde nas fontes textuais. As nossas mais antigas obras sobreviventes são provavelmente os poemas épicos homéricos: a *Ilíada* que se acredita tenha adquirido mais ou menos a forma que conhecemos hoje ao final do século VIII a.C. ou talvez no transcorrer do início do século VII a.C. e a *Odisséia* cuja composição é provavelmente de uma geração mais tarde. Nos dois poemas os gregos que sitiavam a cidade de Tróia são coletivamente denominados aqueus, argivos, dânaos - aparentemente de modo intercambiável - mas não helenos. (HALL, 2001, p.216)

E:

Mais recentemente, os especialistas têm sugerido com frequência que um sentimento de auto-consciência verdadeira, de helenidade, surgiu apenas depois da invasão dos persas e a sua derrota na Grécia nos anos 480-479. A evidência examinada até o momento parece refutar esta hipótese. Muitos gregos, ainda que nem todos, procuraram uma unidade comum em termos de parentesco compartilhado, pelo menos duas gerações antes da invasão dos persas. Entretanto, é verdade que a invasão persa teve um efeito na forma como os gregos se enxergavam. (HALL, 2001, p.220)

10 Conforme Hall(2001,p. 221-222):

Entretanto, tal como no caso da linguagem, a religião no mundo grego operava essencialmente no nível da cidade- estado, o que implica que crenças e práticas podiam variar de região para região. Na planície argiva, na Grécia do sul, por exemplo, a deusa Hera, que é para nós tão conhecida da epopéia homérica como a esposa sofrida de um Zeus bastante namorador, era cultuada como uma virgem que presidia os ritos da agricultura e da fertilidade, enquanto na própria cidade de Argos, o culto de Afrodite, praticado em um pequeno santuário próximo ao famoso teatro da cidade, aparenta ter um aspecto marcial muito diferente da deusa sensual cultuada pelas cortesãs de Corinto. Com efeito, Heródoto não faz qualquer menção em sua definição de helenidade às crenças comuns, apenas aos santuários e aos sacrifícios, mas aqui também a comunhão grega de culto não pode ter sido totalmente evidente.

Ou, noutra passagem(Hall, 2001, p. 222):

De um outro lado, há evidências de que as comunidades de culto muitas vezes separavam os gregos ao invés de uni-los. Diz-se que a sacerdotisa de Atena Polias na acrópole ateniense tentou impedir que o rei espartano Cleômenes oferecesse sacrifícios, alegando que ele era um dório e uma inscrição do século V a.C. proveniente de um santuário da ilha jônica de Paros também proíbe o acesso aos estrangeiros dórios.

11 Como argumenta o autor, a respeito do grego em suas inúmeras variantes dialetais:

Em segundo lugar, vejamos a questão da língua. Do mesmo modo que os italianos não falavam italiano antes do 'Risorgimento', os gregos do século V a.C. também não falavam 'grego'. Ao contrário, cada região e cada cidade-estado tinha o seu próprio dialeto do grego. Considera-se normalmente que esses dialetos eram inteligíveis entre si, mas, na ausência de registro literário de como os gregos se comunicavam com os que não falavam o grego - e muito menos com os que falavam dialetos - tudo o que possuímos são as informações oferecidas pelas inscrições oficiais e por alguns grafites eventuais. Conhecemos, por isso, as variadas formas em que eram escritos os diferentes dialetos. Mas, como os sinais do alfabeto são muito menos numerosos do que a

que discute a validade de se utilizar o conceito de etnia na Grécia Antiga proposta por Hall. Vlassopoulos critica Hall no sentido de como define etnicidade no contexto da Grécia Antiga. Igualmente Vlassopoulos critica Hall no sentido de não explorar o quanto a noção de etnia inova, no sentido de caso esta se aproxima ou não de nacionalidade e, logo, o quanto se revive a ideia de Estado-Nação ao se evocar a ideia de etnicidade. Conforme cita Hall:

Hall forneceu um resumo puro de sua compreensão da etnia:

'(1) A etnia é um fenômeno social e não biológico. É definido por critérios social e discursivamente construídos e não por indicia física.

(2) Características culturais genéticas, linguísticas, religiosas ou comuns não definem, em última análise, o grupo étnico. Estes são símbolos que são manipulados de acordo com limites descritivos subjetivamente construídos.

(3) O grupo étnico distingue-se de outros grupos sociais e associativos em virtude da associação com um território específico e um mito compartilhado de descendência. Esta noção de descendência é putativa e não real, e julgada por consenso[*tradução livre*]<sup>12</sup> (HALL *apud* VLASSOPOULOS, 2001, p. 4)

Enquanto Vlassopoulos concorda que grupo associado que compartilha de um mesmo território e um mito de descendência comum possa ser posto como uma etnia, nem sempre vê tais critérios tão claros na definição de uma etnicidade. Por exemplo, os dórios, jônicos e eólios estavam dispersos em territórios muito diversos, que não consideravam historicamente seus. Igualmente, se deve pensar a que nível de identidade se refere o conceito de etnicidade, às *poleis*, às *ethnes*, aos helenos ou às identidades transregionais como dos dórios? Questiona-se também como trabalhar com o conceito de etnia em identidades regionais que não se reconheciam como uma identidade étnica comum. Por fim, propõe que se pense mais processualmente no conceito de etnia, em que menos se planejasse criar um conceito geral para aplicar no contexto antigo do que a partir desse contexto pensar na ideia de etnia.

---

quantidade de sons vocálicos que podem ser produzidos oralmente, é muito possível que os dialetos fossem muito mais diferentes em suas formas orais do que podemos imaginar a partir de suas formas escritas. Certamente, a evidência comparativa não nos autoriza a considerar, com segurança, o fato de que todos os que falavam dialetos gregos poderiam compreender-se mutuamente e, portanto, assumir uma afinidade étnica. (...) Heródoto é o primeiro autor a fazer referência a uma única língua 'grega', sugerindo que, anteriormente a ele, nem todos os gregos pertencessem a uma única comunidade linguística. (HALL, 2001, p.221)

12 Hall has provided a neat summary of his understanding of ethnicity:

'(1) Ethnicity is a social rather than a biological phenomenon. It is defined by socially and discursively constructed criteria rather than by physical indicia.

(2) Genetic, linguistic, religious or common cultural features do not ultimately define the ethnic group. These are symbols that are manipulated according to subjectively constructed ascriptive boundaries.

(3) The ethnic group is distinguished from other social and associative groups by virtue of association with a specific territory and a shared myth of descent. This notion of descent is putative rather than actual, and judged by consensus'

Defende também uma percepção mais processual sobre etnicidade na Grécia Antiga, em que se busque pensá-la por meio da sua construção histórica, processual, antes do que por sua classificação tipológica. Isto é, a tipologia não pode ser entendida fora da construção processual da identidade étnica. O conceito de etnia torna-se, portanto, mais nuançado e complexo.

Em outros textos(VLASSOPOULOS, 2007, a; 2007, b), o mesmo autor argumenta a favor de uma visão de *sistema-mundo* (*world-system*) para o mundo colonial grego, e não em uma perspectiva centrada na *pólis*, como geralmente se encontra nos livros didáticos. A ideia de *sistema-mundo*(*world-system*) é retirada de Wallerstein<sup>13</sup>, em que se pensa em regiões interdependentes e conectadas, mas -diferentemente do modelo de Wallerstein- não necessariamente dependentes. Assim, as colônias gregas e as cidades-mães formariam um sistema global no Mediterrâneo que conectaria diversas regiões em uma mesma unidade. Tal perspectiva ajuda a diminuir o helenocentrismo e -logo- o eurocentrismo, no sentido de que dessa forma se pensa a Grécia em interconexão com as realidades outras no Mediterrâneo no qual se relacionava. Não é a explicação nativista da *pólis*, mas do *sistema-mundo* mediterrâneo que explica a História grega desse modo. Isso nos ajudou a refletir a respeito dos livros didáticos quando abordam o período colonial grego.

Outro ponto levantado por Vlassopoulos(2012) noutro texto seu é a contribuição dos denominados “bárbaros” para os gregos, isto é, todas identidades culturais feitas em cima dos povos tidos como diferentes e divergentes do mundo tradicional grego. Na visão de Vlassopoulos, a cultura grega<sup>14</sup> teria se construído por uma auto-referência nativa construída a partir da alteridade da figura do bárbaro. O bárbaro seria o espelho ao qual os gregos se veriam em seus defeitos e qualidades, porém sempre retornando a um ponto de auto-referência nativa. Ele contrapõe nisso babilônicos, romanos e fenícios- que teriam construído uma cultura bilíngue de apropriação e reprodução de ideias de outros povos a culturas que

13 Wallerstein, I. **The Modern World System**. Vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World Economy in the Sixteenth Century, New York, 1974.

14 Nesse texto, infelizmente, Vlassopoulos não problematizou a própria noção de etnicidade grega, bem como desconsiderou o recorte temporal. Diferenças com centenas de anos, entre o período clássico e o minoico, por exemplo, não deveriam ser postas como insignificantes. Igualmente, não problematizou a mesma noção de cultura egípcia ou babilônica. Entretanto, creio que enriquece tal referência no sentido de pensar a relação de alteridade entre a população na região historicamente dada como grega na Antiguidade e outras populações que viessem entrar em contato com os tais, na alteridade grego X bárbaro, termos que há uma correspondência linguística, ainda que possa ser muito problematizado, como já citamos na bibliografia de Hall(2001)

tendiam a um teor maior de valorização nativista- em relação ao Egito Antigo e da Grécia Antiga, onde tais culturas mais se auto-referenciariam do que outras. Ainda que problemática essa definição, no sentido de se pensar o quanto isso é próprio grego ou de todas as culturas na face da terra- ou que processos outros como o comércio, governos e centros culturais não estruturados por ambientes bilíngues, uma elite de escribas bilíngue, ou uma população nativa mais ou menos alfabetizada, podem influenciar como uma cultura se apropria das outras- é interessante a ideia de Vlassopoulos no sentido de pensar o quanto a leitura nativista da Grécia Antiga de outras culturas pode pendular entre uma xenofobia e uma xenolatria; o que em uma leitura colonialista eurocêntrica- se valorizaria os elementos gregos xenófobos. Conforme o autor(VLASSOPOULOS, 2012,p. 53-55)[*tradução nossa*]:

O estudo da interação entre os gregos antigos e outras culturas antigas tem sido dominado por duas abordagens diametralmente opostas. Nas últimas décadas, numerosos estudiosos tentaram identificar elementos, motivos, histórias, símiles e imagens que os autores e artistas gregos adotaram e adaptaram das culturas do Oriente Próximo e de outras culturas não gregas. Lado a lado com essa abordagem acadêmica, embora também exista um volumoso conhecimento acadêmico que examina como a literatura e a arte gregas exemplificam a polaridade e a alteridade em relação a outras culturas; de Heródoto à tragédia ateniense e à arte grega, os estudiosos exploraram como os não gregos e suas culturas são retratados como despóticos, luxuosos e efeminados, e como eles fornecem o Outro polar que serve para definir a identidade grega. É lamentável que essas abordagens diametralmente opostas existam lado a lado sem nenhum esforço consistente para combiná-las ou explicar sua coexistência contraditória. Ainda mais, embora exista um grão de verdade em ambas as abordagens, ambas falharam em capturar a natureza peculiar da cultura grega e sua interação com outras culturas.

(...)

Nós poderíamos começar fazendo uma distinção entre dois extremos na história das interações interculturais. No extremo, podemos colocar culturas que constroem e desenvolvem sua literatura, arte e outras práticas culturais em referência explícita a outras culturas. Essa referência pode assumir várias formas. Pode assumir a forma de "bilinguismo", no qual autores, artistas, intelectuais e até uma proporção significativa da população aprendem a operar em mais de um idioma escrito, falado, visual ou expressivo. Babilônios instruídos aprenderam a ler e escrever em babilônico e sumério; durante o final da Idade do Bronze, escribas e intelectuais conheciam uma variedade de escritos e literaturas nativas, bem como o manuscrito cuneiforme babilônico e sua literatura; durante o primeiro milênio, os assírios acrescentaram aramaico ao repertório existente, e dificilmente é necessário enfatizar o bilinguismo dos romanos tanto em latim quanto em grego. (...) No outro extremo, encontramos culturas definidas por auto-referência em literatura, arte e outras práticas culturais. Não é que essas culturas não sejam moldadas por suas interações com outras culturas; é antes que eles encontrem meios de evitar o reconhecimento explícito dessas interações e desenvolvam um modo de expressão auto-referencial. Talvez o melhor exemplo no antigo Mediterrâneo seja o do Egito; A arte e a literatura egípcia carecem em grande parte de "bilinguismo", traduções e referências

ao universo mental, textos ou arte de outras culturas. Em vez disso, desenvolvem modos complexos de auto-referencialidade, nos quais a referência é quase exclusivamente restrita a períodos, estilos, textos e monumentos anteriores da história egípcia. À primeira vista, a cultura grega parece próxima ao modelo auto-referencial do Egito. O 'bilinguismo' era amplamente desconhecido; Autores gregos como Ésquilo e Eurípides não operavam em nenhum idioma além do grego, e artistas gregos como Polycleitus não operavam em nenhum estilo e iconografia além dos gregos. As traduções eram efetivamente desconhecidas; não havia intertextualidade com textos não gregos, e procuraremos em vão uma história grega que reúna, por exemplo, Herácles e Isis.<sup>15</sup>

Também, o mesmo autor(Vlassopoulos, 2012, p.59)[*tradução nossa*]:

A cultura grega era, portanto, auto-referencial, pois carecia de "bilinguismo", traduções ou intertextualidade; mas a natureza peculiar do mito grego e a textualização dos encontros interculturais forneceram dois meios potentes pelos quais as culturas estrangeiras moldaram fundamentalmente a cultura grega. Em conjunto, esses dois fenômenos tiveram um efeito poderoso: eles criaram um repertório bárbaro extremamente diversificado e complexo. Os não gregos e suas culturas não eram apenas estranhos, inimigos ou Outros, embora essas imagens

---

15 THE STUDY of the interaction between ancient Greek and other ancient cultures has been long dominated by two diametrically opposed approaches. In the last few decades numerous scholars have tried to identify elements, motifs, stories, similes and images, which Greek authors and artists adopted and adapted from Near Eastern and other non-Greek cultures. Side by side with this scholarly approach though there also exists a voluminous scholarship which examines how Greek literature and art exemplify polarity and alterity towards other cultures; from Herodotus to Athenian tragedy and Greek art, scholars have explored how non-Greeks and their cultures are depicted as despotic, luxurious and effeminate, and how they provide the polar Other which serves to define Greek identity. It is rather unfortunate that these diametrically opposed approaches exist side by side without any consistent effort to combine them or explain their contradictory coexistence. Even more, while there is a grain of truth in both approaches, both have failed to capture the peculiar nature of Greek culture and its interaction with other cultures.

(...)

We could start by drawing a distinction between two extremes in the history of intercultural interactions. At the one extreme we can place cultures which construct and develop their literature, art and other cultural practices in explicit reference to other cultures. This reference can take a variety of forms. It can take the form of 'bilingualism', in which authors, artists, intellectuals and even a significant proportion of the population learn to operate in more than one written, spoken, visual or expressive languages. Educated Babylonians learned to read and write in both Babylonian and Sumerian; during the Late Bronze Age scribes and intellectuals were conversant with a variety of native scripts and literatures as well as the Babylonian cuneiform script and its literature; during the first millennium the Assyrians added Aramaic to the existing repertory, and there is hardly a need to stress the bilingualism of Romans in both Latin and Greek.(...)At the other extreme we find cultures defined by self-reference in their literature, art and other cultural practices. It is not that these cultures are not shaped by their interactions with other cultures; it is rather that they find means of eschewing the explicit recognition of these interactions and develop a self-referential mode of expression. Perhaps the best example in the ancient Mediterranean is that of Egypt; Egyptian art and literature largely lack 'bilingualism', translations and reference to the mental universe, texts or art of other cultures. Instead they develop complex modes of self-referentiality, in which reference is almost exclusively restricted to previous periods, styles, texts and monuments of Egyptian history. At first glance, Greek culture appears close to the self-referential model of Egypt. 'Bilingualism' was largely unknown; Greek authors like Aeschylus and Euripides did not operate in any language apart from Greek, and Greek artists like Polycleitus did not operate in any style and iconography apart from the Greek ones. Translations were effectively unheard of; there was no intertextuality with non-Greek texts, and one will search in vain for a Greek story putting together e.g. Heracles and Isis.

representassem uma parte significativa do repertório sobre os bárbaros. Os não gregos e suas culturas também poderiam ser retratados como sociedades utópicas, seja por causa de sua simplicidade primitiva (cítia), estabilidade arcaica (Egito) ou administração sofisticada (Pérsia); poderiam fornecer modelos através dos quais os gregos pudessem debater como seria uma sociedade ideal, com vistas a fazer reformas práticas em política, direito, economia, educação ou guerra, além de servir como meio de debater identidade e moralidade. As culturas estrangeiras podem ser descritas como possuidoras de sabedoria alienígena, a fonte original das idéias e descobertas filosóficas, religiosas e científicas gregas.<sup>16</sup>

De um lado, Vlassopoulos alega haver uma historiografia que ignora o teor nativista grego a partir das referências estrangeiras.<sup>17</sup> Por outro lado, ele critica a historiografia que ignora nas leituras gregas negativas sobre os bárbaros sem contrabalançar com as positivas, como também contextualizar o caráter nativo que os gregos se imputavam e a leitura de si que os gregos faziam a partir da contraparte do “Outro” estrangeiro. Pensar também o quanto obras gregas, como a de Homero, podem ser adaptações do repertório de obras estrangeiras a um contexto grego nos estimula a repensarmos o conhecimento dado sobre a Grécia Antiga.

Nos livros didáticos, a princípio, pretendia-se dar-se atenção às abordagens ou ausências sobre a filosofia grega, sua mitologia, suas tradições políticas, suas origens étnicas, suas tradições artísticas, seus aspectos linguísticos (incluindo sistemas de escrita), seus contatos marítimos e presença relacionada aos gregos em áreas não-europeias, como a ilha de Chipre e possivelmente na Pentápolis Filisteia (BERNAL, 1987, p. 445-450). Isso em parte foi possível, porém o que mais se tornou saliente na pesquisa foram as relações entre gregos e o Império Persa, a conquista de Alexandre Magno desse e o Helenismo, no qual houve um forte diálogo entre a Grécia, a Ásia e a África (centralmente, o Egito). Entretanto, estas relações eram apresentadas- segundo argumenta tal pesquisa- com certo teor colonialista eurocêntrico.

Ao longo dessa pesquisa, foi necessário realizar um aprofundamento sobre as relações

---

16 Greek culture was therefore self-referential in that it lacked ‘bilingualism’, translations, or intertextuality; but the peculiar nature of Greek myth and the textualisation of intercultural encounters provided two potent means through which foreign cultures fundamentally shaped Greek culture. In combination, these two phenomena had a powerful effect: they created an extremely diverse and complex barbarian repertoire. Non-Greeks and their cultures were not just strangers, enemies or Others, even though these images accounted for a significant part of the barbarian repertoire. Non-Greeks and their cultures could also be depicted as utopian societies, whether because of their primitive simplicity (Scythia), archaic stability (Egypt), or sophisticated administration (Persia); they could provide models through which the Greeks could debate what an ideal society should be like, with a view to making practical reforms in politics, law, economics, education or warfare, as well as serve as means of debating identity and morality. Foreign cultures could be depicted as possessors of alien wisdom, the original source of Greek philosophical, religious and scientific ideas and discoveries.

17 Referindo-se aos historiadores que buscam explicações não eurocentradas?

entre gregos e persas, bem como sobre a invasão grecomacedônica do Império Aquemênida sob liderança de Alexandre, o Grande. Para isso, nos utilizamos das obras de Araujo(2018), que discute sobre instituições e conceitos políticos no Império Persa e na Grécia a partir de Heródoto e outras referências, de David Asheri(2006) sobre o Estado Persa, de Tom Holland (2008) sobre os conflitos entre gregos e persas(mormente as Guerras Medo-Pérsicas) e da obra de Peter Green(2014) sobre Alexandre Magno e o período Helenístico e artigo de Balcer ressaltando influências culturais dos persas à cultura grega(1983). Cito também texto de Riad e Devisse, sobre o Egito Ptolomaico.

Devido à abordagem percebida nos textos didáticos lidos, também viu-se a necessidade de ler bibliografia referente à influência do colonialismo e do racismo na historiografia feita sobre esses períodos/recortes. Isto é, percebeu-se certas construções historiográficas que nos apontavam para construções históricas igualmente viciosas de períodos e recortes anteriores sobre a Grécia Antiga, em que os persas e os povos debaixo do domínio Aquemênida eram retratados à semelhança de povos ou inimigos ou colonizados pelos gregos, e não tanto como povos próximos. Decidiu-se então fazer um aprofundamento bibliográfico nesse sentido, em que acrescentamos novas obras nas referências.

Larson(1999) nos aponta como o aprendizado da cultura clássica, em especial do Helenismo e da invasão alexandrina, era central nos conhecimentos avaliados para a seleção de cargos no Império Britânico na Índia. Igualmente, a autora nos indica de que o conhecimento da cultura “clássica”(assim considerada a helênica e a romana da Antiguidade) era reservado à elite do Império Britânico, como meio de ascensão à elite universitária, em especial, à *Oxbridge* (as universidades de Oxford e Cambridge). Outro trabalho de importância nesse sentido são dois artigos de Biazotto(2013, 2017), em especial o artigo *Construindo a Helenização: Interações Culturais entre grecomacedônios e autóctones nas obras de Droysen, Jouguet e Momigliano*(2013), em que discute o surgimento dos estudos sobre o Helenismo num contexto eminentemente imperial no caso de Droysen, com a unificação alemã, bem como utilizado para fins colonialistas, no caso da França, e- somente após a Segunda Guerra Mundial- relidos de forma a pensar que a influência grega possa ter sido negativa ao Oriente e relativizando inúmeros pontos de tonalidades coloniais, por meio de Momigliano, intelectual de origem judaica afastado da cátedra universitária no governo de

Mussolini. Em outro artigo(2017), Biazotto centra-se na figura de Jouguet na França, comentando mais centralmente na relação entre o colonialismo francês e a construção do debate acadêmico sobre o Helenismo. Também cabe citar Klerides(2009), que aponta como a construção da História sobre a Grécia Antiga e sua articulação nas redes de ensino foi de suma importância para a construção da identidade nacional britânica e cipriota.

Entretanto, particularmente sobre o período persa, à parte das questões políticas que tenham influenciado as narrativas históricas atuais, em que o imperialismo e o colonialismo são pontos a serem pensados na escrita outrora da História, há um problema adicional referente a fontes documentais, que merece ser citado. Como alega Holland( 2008,p. 23-24):

Mas ao menos as fontes da história grega, não importa o quanto se constituam em remendos soltos, não escreveram nada que possamos identificar como um relato de eventos reais. Tabuletas escritas por burocratas do império chegaram, sim, aos dias de hoje, juntamente com proclamações reais gravadas a cinzel nas paredes do palácio; e, é claro, há as assombrosas ruínas dos palácios. Fora isso, se vamos tentar entender os persas e o seu império, devemos confiar, em um grau alarmante, nos escritos de outros povos. Estes, vindo como é o caso principalmente dos gregos- um povo muitas vezes invadido, ocupado e pilhado pelos exércitos imperiais- tendem a não dar o melhor dos retratos sobre o caráter e as conquistas dos persas.

Já segundo Araujo(2018,p. 35):

Um número significativo de autores considerou que a construção dos bárbaros nas fontes clássicas se fundava em preconceitos, clichês e inversões que visavam a reforçar a própria identidade grega e, assim, se prestavam a justificar o empreendimento imperial ateniense.

Por outro lado, conforme Asheri(2006, p.30-31)

A história factual do império persa só pode ser substancialmente escrita a partir de fontes gregas contemporâneas e derivadas. A contribuição das fontes orientais para este fim é marginal e circunscrita a acontecimentos particulares (por exemplo, as batalhas de Dario em 522/521 a.C. enumeradas na inscrição de Behistun) ou a fatos regionais de determinadas províncias (por exemplo, o Egito nos dossiês em papiro, a Mesopotâmia nas crônicas babilônicas, a Judéia nos textos bíblicos). As fontes gregas tem obviamente suas limitações de informação e perspectiva. (...) Os gregos(...) tinham os seus preconceitos culturais que obstruíam a compreensão profunda s das civilizações orientais, e contentavam-se com as interpretações gregas das mesmas.

Dessa forma, há já certo caráter problemático na forma como podemos conhecer os persas. Segundo Said(2007), por exemplo, a peça *Os Persas* de Ésquilo, é o primeiro exemplo de Orientalismo na História do mundo, em que os povos do denominado Oriente são

retratados de uma forma genérica, preconceituosa e espelhada das consideradas “virtudes” dos Ocidentais (no caso, os gregos). Há certa digital xenófoba nos documentos primários de referência para o estudo do povo persa, no que tange à parcela dos escritores gregos. Isso, no que se refere aos livros de História acadêmicos e didáticos, pode trazer forte prejuízo ao saber, atuando contra a intenção de produzir um mundo mais plural e diverso, onde o racismo seja combatido. Em todo caso, isso não deve justificar leituras de teor colonial, muito menos a sua reprodução em materiais didáticos.

Centralmente, a percepção tida a partir dos livros didáticos lidos, é de que se negativiza a influência das Guerras Medo-Pérsicas como um fator de anomia para a Grécia e se positiva a invasão de Alexandre Magno nos territórios afro-asiáticos, apresentando o período Helenístico posterior como vantajoso às populações conquistadas, em que também a cultura grega teria sido difundida para a Ásia e o mundo, em que estes pudessem se beneficiar assim do legado grego. Por outro lado, se coloca geralmente como esse período em que a Grécia passou a ser fortemente influenciada pelas populações afro-asiáticas, e não tanto antes. Assim, uma cultura europeia de pouca significância no contexto global (HOLLAND, 2008) torna-se em civilizadora do mundo, e não o contrário. Para isso, essa pesquisa pensa que isso dialoga com obras de Said (2007) e Spivak (2012), no que concerne ao debate do caráter subalterno dado aos povos colonizados (SPIVAK, 2012) e na construção inferiorizada e colonizada orientalista dada ao chamado Oriente (SAID, 2007).

Conforme sugere-se aqui, é dado um caráter subalterno às culturas afro-asiáticas na História da Grécia Antiga presente nos livros didáticos analisados. Os asiáticos e africanos são, no geral, invisibilizados antes das Guerras com Persas, ainda que apareçam de forma esporádica em alguns casos. É-lhes dada voz significativa somente quanto representados como inimigos ou dominados dos gregos, postos estes últimos como europeus. A gênese do povo grego somente é identificada após a gênese de uma língua indo-europeia: o grego no período micênico e as invasões indo-europeias, e não já no período minoico nem depois durante o período da guerra contra os persas. Há valorização excessiva de hipóteses endógenas para a cultura grega. Quando se aborda o colonialismo grego, igualmente vemos uma invisibilização dos contatos com outros povos: inclusive os europeus, o que sugere também um certo caráter subalterno e desigual dado a diferentes regiões europeias, o que

condiz com disputas no campo da arqueologia sobre as colônias gregas na Itália (URQUHART, 2014). Penso que tanto a discussão sobre a (não-)manifestação e (não-)expressão dos subalternos (SPIVAK, 2012) como a ideia defendida por Said(2007) de Orientalismo- em que se estabelece uma representação inferiorizada aos povos colonizados da Ásia- se aplica aqui nessa análise. Veríamos uma representação genérica e subalterna das culturas postas como Orientais, entrando nesse escopo o Egito Antigo no continente africano. Em alguns livros percebemos o reforço da Grécia como o berço do Ocidente, em contraposição do Oriente. No geral, quando tal distinção Oriente/Ocidente aparece, geralmente não é posta em discussão nos livros vistos.

Se pensarmos particularmente na produção do conhecimento sobre o passado grego e do helenismo, veremos possíveis pontos em que tenha havido a influência do colonialismo e imperialismo europeu na historiografia e no ensino escolar; que ainda possam estar a influenciar os livros escolares brasileiros. Neste trabalho levanta-se a hipótese de ainda poder tal historiografia colonial influenciar o ensino sobre a Antiguidade grega.

Ainda que se veja tendências gerais nos livros didáticos analisados, percebe-se porém diferenças significativas entre os tais. No presente trabalho buscar-se-á analisá-los a partir de temáticas comuns. Sugere-se da existência- mesmo que mínima- de abordagens menos eurocentradas em alguns livros analisados, que podem ser um meio de repensar-se o ensino sobre a Antiguidade grega por perspectivas outras que não somente a europeia e a que coloque a Grécia Antiga como a grande civilizadora do mundo; mas que permita pensar as influências socioculturais de um contexto maior em que os gregos inseriam-se.

No geral, segundo percebe essa pesquisa, o material didático para História nas escolas públicas brasileiras mantêm-se ainda muito reticente e problemático no quesito da Educação para as Relações Étnico-Raciais no que tange ao período da História Antiga no que denominamos o(s) povo(s) grego(s). Inclusive a estruturação dos livros didáticos favorece isso, ao repartir a História Antiga pelas ideias de etnias (como as de gregos, hebreus, fenícios, chineses, mesopotâmicos, egípcios, romanos, persas....) herança conectada com abordagem histórica nacionalista romântica, que colocava a existência de nacionalidades como fatos naturais e característico por uma série de fatores(CARRETERO ET AL, 2013).<sup>18</sup> Tal repartição

<sup>18</sup> Como alega Carretero e outros(2013,p. 14):  
La historia que se enseña en cualquier sistema escolar nacional atiende a dos objetivos diferentes: hacer que los

se insere em grande medida nas narrativas históricas do período do nacionalismo e colonialismo na expansão imperialista europeia e sua contraparte estabelecida nas escolas, favorece tal separação e divisão dos povos; o que torna-se problemático quando se pensa em abordar uma história antirracista e não-etnocêntrica, que valorize a diversidade cultural. Esse tipo de repartição, em civilizações estanques (entendendo aqui a dubiedade entre a ideia de civilizações e a de nacionalidades) ,aliás, seria um problema geral do ensino de Antiguidade e da História da África na educação brasileira, segundo Souza Neto(2012,p. 427-428):

A seleção apresentada pelas determinações segue um padrão civilizatório, segundo o qual um objetivo basilar do ensino seria apresentar aos alunos os mais importantes eixos civilizacionais africanos, as grandes eras. Cinco civilizações são citadas: Egito, Núbia, Mali, Congo e Zimbabwe. tal critério seletivo foi duvidoso, excluiu importantes civilizações, como a etíope e a swahili. Do ponto de vista geográfico, estas culturas estão afastadas entre si e só dão conta, na melhor das hipóteses, de metade do continente. A questão temporal é igualmente relevante: do quarto milênio a.C., quando se deu a unificação do estado egípcio, ao século XV d.C., quando se formaram os reinos do Congo, culturas distando entre si milhares de anos. (...)

Todas essas falhas são relevantes, importantes. tornam-se, porém, pecados veniais quando confrontadas com o que consideramos o maior engano dessa proposta de ensino: a mera enumeração de civilizações.(...) nesse sentido, seria fundamental que o ensino de história da África, mesmo privilegiando as civilizações, tentasse ao máximo salientar as ligações econômicas, políticas e culturais que tais grupos humanos estabeleceram entre si e com os demais eixos civilizatórios que os cercavam. (...) O modelo de ensino de história da África padece do mesmo erro do ensino da História Antiga como um todo: da maneira como está colocado, parece que a Antiguidade é formada por civilizações estanques, onde os egípcios e mesopotâmicos nunca se encontram e toda a Antiguidade Oriental se encerra com o início História Grega, que por sua vez deixa de existir após os Romanos. (...)A História Africana deve estar presente em sala de aula desde a Idade antiga: as relações do Egito com a Núbia; a exploração das rotas de comércio que abasteciam os mercados tebanos e menfitas e mais além; a formação dos primeiros estados na Núbia (Kush, Méroe, Nobatia); as relações dessas regiões mais ao norte com as demais civilizações e impérios antigos (Pérsia, Roma, Bizâncio) e assim por diante. A Antiga História Africana é parte essencial da herança cultural daquele continente,

---

estudiantes, por un lado, “amen a su país” (Nussbaum y Cohen, 2002) y, por otro, que “entiendan su pasado” (Seixas, 2004). Así, Carretero (2011) ha redefinido los objetivos de la enseñanza escolar de la historia considerando las características y funciones de las raíces intelectuales del Romanticismo y de la Ilustración. Es decir, los primeros serían objetivos “románticos” y los segundos “ilustrados”. Sin duda, el surgimiento de los Estados-nación no puede ser plenamente comprendido sin las ideas románticas y su contexto intelectual (Hobsbawm, 1997). La idea de nación como un grupo étnico específico que se encuentra bajo un proceso de despertar, se constituye como una comunidad de destino bajo el ideal romántico. Así, los objetivos románticos de la enseñanza escolar de la historia, no se alejan de la función específicamente identitaria y se manifiestan a través de tres cuestiones centrales: la evaluación positiva del pasado del propio grupo social, y del presente de ese grupo, tanto en el ámbito local como nacional; la evaluación positiva de la historia política del país; y la identificación con los acontecimientos del pasado, personajes y héroes nacionales. Como es sabido, este objetivo identitario general fue el único que tuvo la historia escolar en la Escuela desde su misma creación, entre los siglos XVIII y XIX.

mas tem sido relegada a uma não-existência nas escolas. Sua apresentação, certamente permitiria o melhor conhecimento das civilizações e organizações políticas e sociais africanas pré-coloniais e, também, uma melhor visualização das complexas relações inter-civilizacionais existentes no mundo antigo. O ensino de História da África seria inserido, portanto, dentro do desafio maior de “inserir o estudo da Antiguidade na realidade brasileira”, o qual é ainda marcado primordialmente por um viés eurocêntrico, cabendo à civilização greco-romana o grande foco da abordagem e aos demais povos da antiguidade um papel coadjuvante.

Esse trabalho não entra no mérito geral das vantagens ou desvantagens outras de se repartir a História desse modo pensando noutros aspectos históricos; porém, no que tange às relações étnico-raciais na Antiguidade – e logo na leitura a seu respeito atual que acaba por ler também nosso presente-, isso se torna extremamente problemático e danoso, caso não se faça paralelos entre essas etnias. Penso que deve ser deixado em evidência nos livros didáticos a arbitrariedade dessa abordagem racializada, etnificada dos povos antigos, em que nunca existiria de fato uma etnia separada da outra. Infelizmente, segundo a perspectiva desse trabalho, ainda se distancia e muito nos livros didáticos os “gregos” da Antiguidade de outros povos do mesmo período, reforçando certo etnocentrismo fundado na historiografia influenciada pelo racismo e colonialismo.

Acrescente-se, por fim, bibliografia de Munanga(2003), discutindo a ideia de raça como constructo social, e não biológico. A ideia de raças humanas há muito tempo foram invalidadas como realidade biológica; porém socialmente persiste a associação de determinados fenótipos como a cor da pele para servir à dominação e à subjugação entre diferentes grupos sociais. Determinadas características físicas advindas de específicos marcadores genéticos seriam usados para perversamente classificar seres humanos entre si. Sempre ao se falar de questões raciais nessa pesquisa, se se refere a questões sociais associadas a tais constructos, em que entra também a discussão sobre pertença étnica. Como definição de etnia, penso que Munanga (2003,p. 12) aqui é útil: “Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.” A definição de etnia se confunde- em certa medida- com as ideias raciais, no sentido de etnias advirem de identidades coletivas e ancestralidades. Quando aqui se discute questões étnico-raciais seria nesse sentido.

### **3. Livros didáticos analisados**

Foram analisados seis livros didáticos de História aprovados pelo PNLD em 2017 para o sexto ano do Ensino Fundamental: obtidos pelo contato via e-mail com o Ministério da Educação que os nos disponibilizou via correio, inclusive os que- infelizmente- pela limitante do tempo da pesquisa e do aprofundamento exigido e desejável, decidiu-se por não incorporar à análise. Dos 14 livros aprovados no triênio 2017-19, 11 nos foram fornecidos, os quais conseguimos contemplar só uma parcela: *Araribá*(APOLINÁRIO, 2014); *História: Sociedade e Cidadania*(BOULOS JÚNIOR,2015), *Integralis*( CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015) *Apoema*(MOCELLIN E CAMARGO, 2015), *Piatã*(RIBEIRO E ANASTASIA,2015) e *Mosaico*(VICENTINO E VICENTINO, 2015)<sup>19</sup>

Os livros aprovados pelo PNLD dão uma visão da aplicação da legislação sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais, porventura apontando necessidades de mudanças. Examinou-se as questões étnico-raciais no ensino de História por um viés afro-asiático. Porém, mostrou-se inevitável trabalhar com também citações envolvendo o contexto europeu, visto essas deverem ser postas em paralelo com citações outras. Como argumenta Said(2007), o Oriente assumiu a função de espelho- grande Outro- para os que se consideravam ocidentais- isto é, os que se identificavam como europeus e seus descendentes-; dessa forma, torna-se impossível pensarmos as relações afro-asiáticas envolvendo a Grécia Antiga sem refletirmos sobre explicações eurocentradas. Meu foco de análise não foi – entretanto - pensar a Grécia Antiga como fenômeno europeu. Não se pretende anular a possibilidade de assim a ler, mas sim ampliar tal leitura envolvendo outros povos, em uma História não fundada no etnocentrismo, nem no colonialismo; que afetam, ainda, a contemporaneidade. Exemplos não faltam,- por exemplo- como do cineasta Oliver Stone defender que Alexandre Magno seria um caçador de Bin Laden hoje e a invasão macedônica da Pérsia assemelhar-se-ia à atual luta contra o terrorismo(BIAZOTTO, 2014). Ou- como certa bibliografia premiada recentemente pôs o Império Persa como um Estado que praticava a tortura à semelhança dos Estados Unidos da América atual(LINCOLN *apud* COLBURN, 2011).

<sup>19</sup> A princípio, pretendia analisar os 11 livros, o que- ao longo do processo de pesquisa- mostrou-se irrealizável diante das limitantes de tempo. Sendo assim, se restringiu a seis desses, sendo que dois(BOULOS JÚNIOR, 2015; APOLINÁRIO, 2014) se selecionou não aleatoriamente, no sentido de que poderia dialogar com livros de triênios anteriores obtidos na pilha de descarte em colégio ao qual tive acesso.

### **3.1 A abordagem da temática das relações étnico-raciais nos livros didáticos**

Abordaremos citações encontradas nos livros didáticos no que se refere à temática das relações étnico-raciais, isto é, do contato, da influência e da interação na Grécia Antiga em que se mobilizavam relações entre os considerados gregos e outros povos e culturas, em alguns casos, abordando essa pesquisa também pontos que apareceram nos livros didáticos envolvendo relações entre gregos no que tange à diversidade da filiação étnica (como no caso de Esparta). A abordagem aqui não se faz num sentido essencialista, em que se dá uma existência metafísica à Grécia, ao Egito, aos “egípcios”, aos “fenícios”, mas sim trabalha com tais noções que eram e ainda são mobilizadas como agrupamentos históricos e étnicos. Sabe-se que nunca existiu o “persa” típico, mas sim um recorte demográfico e geográfico feito sobre a Antiguidade (e projetado às vezes no atual Irã) que agrupa seres humanos em um contexto que chamamos de Pérsia capaz de tecer explicações a respeito. Tais explicações geram algum diálogo com o presente. Dessa forma, há relação direta entre as representações feitas na História sobre o passado de povos associados a determinada “raça” e “cultura” e as questões do presente em que tais identidades são mobilizadas. Entende-se tais categorias étnico-raciais aqui como contextuais, em que, ao serem representadas, estão a mobilizar contextos em que o multiculturalismo, a diversidade social e outros tantos temas conexos se relacionam; podendo produzir uma História mais ou menos eurocentrada e favorecer ou não uma educação antirracista. A ausência de representação pode ter o mesmo efeito, ao sobrevalorizar alguma representação a outra. O contato entre diferentes culturas é uma constante na História, não representá-las torna impossível inclusive a escrita de uma História geral. Igualmente, considere-se que quando comentar-se em Europa, Ásia ou África, se refira às problemáticas atuais que se refletem nas narrativas históricas sobre o passado. Não estou a alegar que no passado tenha existido uma Europa, África ou Ásia tal como entendemos hoje, mas como a narrativa feita sobre o passado relaciona-se com essas atuais concepções.

Selecionar-se-á e discutirá citações dos livros didáticos, divididos em temáticas comuns encontradas. Percebe-se certa narrativa comum nos livros didáticos. Isso possibilitou e induziu a- essa pesquisa produzir sua análise dos livros didáticos por temáticas comuns, colocando em paralelo citações que abordem o mesmo tema.

#### **4. A Gênese: de Creta às Pólis**

No presente capítulo, abordaremos desde os primórdios nos livros didáticos da História da Grécia Antiga (isto é, desde o Período Minoico) até as cidades do Período Clássico de Atenas e Esparta. Fizemos este recorte por percebermos certo tom de explicação endógena do passado dos gregos antigos nos livros didáticos, em que as notas, referências e citações sobre outros povos e culturas se dão de modo não-sistemático e minoritário. Enquanto das Guerras Persas e do Período Helenístico percebe-se uma constante referência ao mundo exterior afro-asiático, não se vê do mesmo modo noutros recortes.

Desse modo, aqui trabalharemos com citações, trechos e referências encontradas nos livros didáticos no que refere-se ao Período Minoico, ao Período Micênico, às invasões indo-europeias, à Guerra de Troia, ao Período Arcaico, ao Período Clássico, ao Colonialismo Grego no Período Arcaico em diante (as colônias minoicas não são praticamente citadas nos livros didáticos), à Atenas e à Esparta no Período Clássico.

##### **4.1 Os primórdios da Grécia: Creta, Micenas e os indo-europeus**

Muitos livros didáticos começam a explicar a História da Grécia Antiga a partir da civilização minoica ou então Micênica. Quando retratada a civilização cretense, se segue logo a Micênica. Isso, ainda que não citado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) diretamente, é posto na representação sobre a Grécia Antiga. O que encontramos, o mais próximo possível na BNCC de habilidades exigidas, são estas (BRASIL, 2017, p. 420-421):

(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.

(EF06HI10) Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da pólis e nas transformações políticas, sociais e culturais.

Igualmente, está nos objetivos da BNCC estes pontos, nestas unidades temáticas:

Temática: A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades

Objetivos:

Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos) Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais

O Ocidente Clássico: aspectos da cultura na Grécia e em Roma

Temática: Lógicas de organização política

O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio

Dessa forma, não há a exigência explícita de se comentar sobre o período minoico ou mesmo o período Micênico; porém- felizmente- certa tradição escolar ainda contempla tais perspectivas. Entretanto, se desassocia o período minoico com o ethos grego, sendo posto como pré-helênico, sendo a formadora do ethos grego as invasões indo-europeias, bem como o surgimento da língua grega, como percebemos nas citações dos seguintes livros, postas abaixo. Conforme o livro *Apoema*:

Os que foram chamados de gregos seriam membros da comunidade indo-europeia que, por volta de 1950 a.C., começou a ocupar o território, miscigenando-se com os povos que ali já viviam (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.192)

No comentário acima, vemos que somente se considera os povos que viviam na Hélade como gregos após invasão indo-europeia, e não antes, mesmo que considerando que isto se deu como resultado da miscigenação com os povos locais. No entanto, contrapondo a isso, seria muito complicado atribuir um caráter étnico grego nessa época, se considerarmos, por exemplo, a ideia de Jonathan Hall( 2001) que a identidade grega pode ter surgido no período clássico ou com as guerras com os persas. Vejamos outras citações:

Os antepassados dos gregos chegaram à região que, mais tarde, no final do terceiro milênio antes de Cristo, foi chamada de Grécia. Esses imigrantes falavam uma língua indo-europeia, antepassada direta do grego. Os primeiros a chegar foram os jônios, que subjugarão as populações locais, influenciaram-nas e foram influenciados por elas.

Por volta de 1580 a.C., os jônios foram expulsos de parte de seus domínios pelos também indo-europeus aqueus e eólios. Enquanto os eólios se fixaram na Beócia e em parte da Ática, os aqueus – que haviam dominado o Peloponeso- invadiram e conquistaram Creta, e foram influenciados pela cultura minoica.

Os aqueus estavam divididos em vários reinos independentes(...) Graças à importância econômica e militar do Reino de Micenas, essa civilização ficou conhecida como micênica.

Como deixaram muitos vestígios arqueológicos e documentos escritos, os micênicos são relativamente conhecidos. A língua usada já era grega, ainda que primitiva, e a escrita com ideogramas e sinais silábicos, pode ser lida atualmente por especialistas (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.195).

Como vemos acima, se associa a ideia de grego à de indo-europeu, sem discutir em nada possíveis origens semitas étnicas anteriores, bem como linguísticas. O livro se centra em uma explicação eurocentrada nesse ponto. Se fala de sistemas de escritas na época micênica. Já Conforme o livro *Mosaico* :

Neste e nos próximos três capítulos, vamos estudar a Grécia antiga, civilização vista pelos historiadores europeus como o “berço da política”

(...)

Até agora conhecemos sociedades em que o poder estava concentrado na mão de um rei, como o Egito, os impérios babilônicos, o Império Asteca e o Império Chinês. Vimos também sociedades em que o poder não estava concentrado na mãos de um rei, mas dividido entre as cidades-Estado, como foi o caso da Fenícia e das cidades mesopotâmicas, que, no início de sua história, eram comandadas por órgãos coletivos.

Em fins do século VI a.C., em algumas cidades gregas, o poder passou a ser exercido por muitos de seus moradores- os **cidadãos**. Isso deu força a uma nova forma de fazer política, que até hoje influencia o mundo ocidental

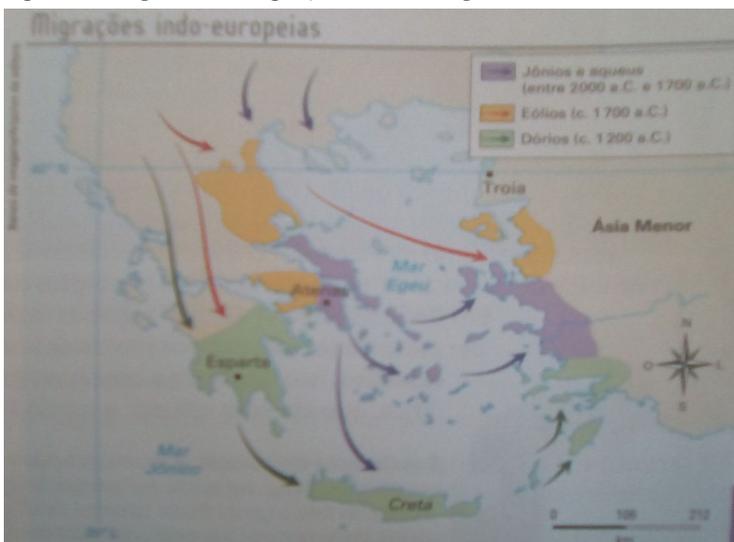
(...)

A civilização grega se desenvolveu na península Balcânica(...) Os primeiros habitantes dessa península são conhecidos como **pelasgos** e se estabeleceram na região ainda no Período Neolítico. Aproximadamente a partir de 1700aC, os pelasgos viram diversos povos chegar à região onde viviam. Eram os **aqueus, eólios, jônios e dórios**.

Da mistura dos pelasgos, aqueus, eólios, jônios e dórios, nasceu um povo com uma mesma língua- o grego. Eles chamavam a região balcânica de **Hélade** e seus habitantes, de **helenos**.(VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.205- 206)

Há um quadro (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.206) das migrações indo-europeias, com datas para os jônios e aqueus entre 2000 a.C. e 1700 a.C., e para os eólios em cerca de 1700 a.C., bem como aos dórios em 1200 a.C.:

Figura 1: Mapa sobre migrações indo-europeias.



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.206

É apresentada a gênese da Grécia com as invasões indo-europeias; porém, ressaltando o elemento nativo pelasgo. Por outro lado, coloca paralelos interessantes entre cidades-Estado

mesopotâmicas e fenícias e as gregas- mesmo que de forma sugerida, não claramente explícita- em que há no início decisões coletivas em cidades fenícias e mesopotâmicas e que, na Grécia, de modo semelhante, houve um desenvolvimento político ao ponto dos cidadãos-seus moradores- decidirem sobre seu governo. Isso é uma abertura não-eurocêntrica de viés afro-asiático; entretanto, acaba por ser eurocentrada após afirmação absurda de que na Grécia Antiga teria havido o berço da política. Percebemos novamente a reificação da Grécia como epítome do pensamento político universal. Isso, a nosso ver, trata-se de etnocentrismo e eurocentrismo, como também uma visão míope a todo desenvolvimento humano anterior, simultâneo e independente da Grécia Antiga; visto a presença do elemento político nas mais diversas sociedades, se entendermos política como a vida em comunidade, no meio social. Colocar a Grécia como o berço da política é o mesmo que negar a existência de sociedade humana antes ou em paralelo à Grécia. Dessa forma, ao mesmo tempo que há alguma abertura a explicações não-eurocêntricas, estas acabam por serem negadas por outras abordagens de teor eurocêntrico. Vejamos outros trechos:

Enfraquecida, a ilha acabou dominada pelos aqueus, que incorporaram muitos dos valores cretenses, incluindo a escrita.

(...)

Vimos que os aqueus chegaram à península Balcânica por volta de 1700<sup>a</sup>.C. Lentamente, foram dominando os territórios ao sul dessa região, onde fundaram diversas cidades, sendo **Micenas** a mais importante.

Após conquistar a ilha de Creta, em meados do século XV a.C., os micênicos exerceram seu domínio por todo o mar Egeu. Eles falavam uma forma arcaica da língua grega, e por isso são considerados os primeiros gregos. (VICENTINO E VICENTINO, 2015,p.208-209)

Aqui se coloca a língua grega indo-europeia como determinante do que é um grego, o que é muito discutível. Se cita também a escrita em Micenas e Creta, sem se relacionar ao contexto afro-asiático. A seguir, comenta-se de migrações e invasões no Período Homérico, após o Período Micênico. Não se discute origens étnicas para esses invasores. Nesse ponto, o livro não adota uma postura de valorização indo-europeia, a omitindo.

Por volta do século XII a C, a península Balcânica foi invadida por um conjunto de povos que tomou Micenas e outros importantes centros. Enquanto os jônios e os eólios firmavam seus domínios na Grécia continental, os guerreiros dórios se estabeleceram na região do Peloponeso, onde fundaram a cidade de Esparta, no século IX a.C..

Com as migrações e invasões, muitos fugiram para o interior da península Balcânica e também para a Ásia menor. Essa dispersão denominou-se **Primeira Diáspora Grega**(veja o mapa ao lado)(VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.210)

Figura 2: Mapa de migrações da Península Balcânica à Anatólia



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.210

Há outro comentário, também, curioso: “O povo grego (heleno) foi formado por um conjunto de povos que se mesclaram com nativos da região balcânica. Cretenses e micênicos deixaram suas marcas na formação da civilização grega.” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.211) Todavia, busca-se equilibrar a afirmativa citando da importância dos cretenses e micênicos. Haveria um equilíbrio maior citando possíveis origens também afro-semitas na língua e etnicidade gregas, conforme defende Bernal (1987,p.47-78, p.417-418, p.431, p.1-73, p.75-114, p.1-114). Já conforme o livro *Piatã*:

**Período Pré-Homérico (2000 a.C. a 1100 a.C.)**

Nesse período, começaram a se formar os primeiros núcleos urbanos na região continental da península Balcânica e, especialmente, na ilha de Creta, no mar Egeu. A ocupação e o povoamento dessas regiões ocorreram com a chegada de sucessivas levas de povos da Ásia Menor: primeiro, os **egeus**, depois, os **aqueus**, seguidos dos **jônios**, **eólios** e **dórios**. O povo que chamamos genericamente de grego é a confluência de diferentes povos e culturas (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.138)

É interessante aqui não se falar das invasões dos aqueus, jônios, eólios e dórios como provenientes da Europa, mas da Ásia Menor. Porém, peca em colocar isso como uma verdade, ainda mais que no caso dos dórios sua origem teria sido o norte ou nordeste da Grécia Antiga.(BERNAL, 1987, p.21) Por outro lado, não discute possíveis outras origens

afro-semitas, como egípcias e fenícias, ideia defendida por Bernal(1987, p.1-115), no que ele chama de *Ancient Model*, adotado por muitos historiadores antes da emergência avassaladora do racismo no meio acadêmico na era imperialista europeia. Já conforme o livro *Araribá*:

Antes de as primeiras evidências de uma cultura grega surgirem na região, existia, na parte insular da Grécia, uma grande civilização. Ela tinha como centro a Ilha de Creta, por isso ficou conhecida como **civilização cretense**

Enquanto os cretenses erguiam em Creta luxuosos palácios, povos nômades, começaram a migrar para os Balcãs. O primeiro deles, o aqueu, se estabeleceu na região do Peloponeso. O centro dessa nova sociedade eram os palácios da cidade de Micenas. Por isso, a civilização criada pelos aqueus ficou conhecida como **micênica**.

Os **micênicos** desenvolveram o comércio marítimo e adotaram também uma forma de governo centrada no poder dos reis, que governavam cada qual em seu palácio. A escrita micênica, preservada em tabuinhas e vasos de cerâmica, é um dialeto grego. Os palácios micênicos foram destruídos por volta de 1200 a.C. É possível que dificuldades econômicas, terremotos, somados à chegada dos dórios, tenham provocado o fim dessa civilização. No mesmo período em que os dórios se estabeleciam em Creta e na Grécia peninsular, os jônios e os eólios ocupavam a Grécia continental. Aqueus, dórios, jônios e eólios, povos indo-europeus, deram origem aos gregos (APOLINÁRIO, 2014, p.153)

No livro, vemos ausentes questões como uma língua afro-semita anterior, a origem da escrita afro-asiática, a possível origem afro-semita dos cretenses e nativos anteriores das invasões indo-europeias. (BERNAL, 1987,p.47-78, p.417-418, p.431, p.1-73, p.75-114) Por outro lado, se valoriza a civilização cretense, porém a colocando como não-grega. Isso contrasta com a afirmação de que os povos indo-europeus “deram origem aos gregos”<sup>20</sup>. Por outro lado, cita o comércio marítimo, o que poderia ser problematizado no sentido de contatos com outros povos, o que não foi. Novamente, a ausência é o traço mais marcante dos afro-asiáticas na narrativa. Já conforme o livro *História: sociedade e cidadania*:

(...) Creta, (...) essa ilha foi o berço de uma civilização antiga que muito influenciou a dos gregos.(...) tinham um artesanato variado e um comércio intenso com as ilhas do Mar Egeu, com a Grécia Continental e também com o Egito (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.209)

20 Nesse trabalho se questiona como elementos indo-europeus são postos em livros didáticos necessariamente como criadores do que se considera ser um grego, enquanto elementos minoicos e pelasgos não. Não se está aqui argumentado para que se defenda Creta ser grega, mas sim que não seja posta como elemento não-grego em contraposição aos elementos indo-europeus que SÃO postos como genuinamente gregos. Isto é, é tão temerário definir a civilização minoica como não-grega quanto argumentar que a língua grega existir em Micenas faz com que a civilização micênica e mesmo do Período Homérico sejam reputados como gregos. Questiona-se esse autor o motivo que faz com que os livros didáticos busquem ressaltar que Creta não é grega, mas Micenas sim, ou então de as invasões indo-europeias terem gerado os primeiros gregos.

Neste livro, já percebemos algum aprofundamento relativo à Creta Antiga. Se cita o contato com o Egito Antigo, bem como a existência de um intenso comércio marítimo. Define Creta como muito importante para a História grega; porém, conforme citação a seguir, repete o exemplo de outros livros em a definir como não-grega. Isso torna-se mais gritante ao colocar o idioma usado no Linear A como explicação para que os cretenses não serem gregos.

Os cretenses tinham um sistema de escrita, a *Linear A*, que ainda não foi decifrada; por meio dela soube-se, no entanto, que eles **não** eram gregos. Por volta de 1450 a.C., Creta foi abalada por uma catástrofe natural, provavelmente um terremoto, ou pela invasão de povos vindos da Europa ou da Ásia Ocidental. (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.210)

O que definiria um grego na Antiguidade, conforme tal livro, seria a língua. Ao mesmo tempo, porque os cretenses não falavam uma língua indo-europeia grega primeva, não poderiam ser postos como gregos. As origens identitárias étnicas gregas se originam, desse modo, no idioma indo-europeu. Além disso, o autor perde uma ótima oportunidade de trabalhar esse ponto de um idioma que não era o considerado grego ter precedido as bases civilizacionais gregas. Falha, como outros livros, por outro lado, por não citar as origens afro-semitas dos sistemas de escrita no Período Minoico. Por outro lado, há um ponto meritório no livro ao colocar as invasões sucessivas que o território grego vivenciou originadas da Europa ou Ásia Ocidental. Vejamos agora citações referentes a Micenas no livro:

#### **A civilização micênica**

Esses povos ocuparam, inicialmente, a Península do Peloponeso, no sul da Grécia, onde fundaram várias cidades, entre as quais Micenas; daí o nome dado a sua civilização. Por meio da navegação, os micênicos entraram em contato com os cretenses, de quem assimilaram conhecimentos que, depois, usaram para dominá-los e assumir a liderança comercial nos mares da região. Por meio do comércio marítimo, bem como das expedições de pilhagem, os micênicos espalharam a cultura grega pelo mar Mediterrâneo.

O principal centro de poder e riqueza nessa sociedade também era o palácio. (...) O principal deles era o palácio de Micenas, onde foram encontradas tabuinhas com a escrita conhecida como *Linear B*. Ao decifrá-la, em 1953, os estudiosos descobriram que era um ramo do grego antigo (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.211)

Aqui, felizmente, há um realce do alcance micênico no Mediterrâneo e suas relações comerciais marítimas, porém não cita-se em nada o contato com a Ásia e a África. Egípcios e Fenícios são invisibilizados. Já no que refere-se ao idioma grego, traz uma implícita

associação dos micênicos terem uma cultura grega e a difundirem no Mediterrâneo. Por outro lado, conforme livro *Integralis*:

Costuma-se dividir a história da Grécia Antiga em diferentes períodos, que se estendem desde o processo de povoamento da Hélade, como era conhecido o lugar, até a conquista dos povos locais pelos romanos. Esses períodos são:

**Micênico (entre os séculos XX e XII a.C.):** marcado pela chegada de diferentes povos indo-europeus à região do Mar Egeu, inclusive na Península Balcânica. A fusão desses povos deu origem à Grécia Antiga.

(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.113)

Há um mapa junto de exercícios a seguir sobre o povoamento da Grécia pelos dórios, jônios e eólios (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.116):

Figura 3: Mapa “Formação da Grécia Antiga”



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.116

2. Justifiquem a localização dos diferentes grupos com base no mapa da formação da Grécia Antiga.
3. Apresentem o trabalho para os demais grupos

Aqui, afirma-se a origem étnica grega ter sido somente após os elementos indo-europeus, isto é, somente após as invasões destes. Vejamos outras citações:

#### As sociedades do Mar Egeu

A Grécia Antiga localizava-se no sudoeste da Europa, à beira do Mar Mediterrâneo. Ocupava a Península Balcânica e ilhas espalhadas pelo Mar Egeu. O relevo era acidentado, com cadeias montanhosas e litorais recortados. Ali existiam povos antigos, que praticavam a agricultura e a criação de animais.

Esses povos eram chamados de **pelágios** ou **pelasgos** pelos gregos antigos, que desconheciam sua origem. Entre os séculos XX e XII a.C., chegaram povos indo-europeus: aqueus, jônios, eólios e dórios. E o cenário mudou. Esses povos

mantinham hábitos migratórios, falavam língua próxima ao grego antigo e se organizavam em clãs comandados por **patriarcas**.

Cada um desses povos provocou mudanças significativas nas sociedades locais, a começar pela organização de diversos núcleos urbanos, como Micenas (aqueus), Atenas (jônios) e Tebas (eólios). Os aqueus foram os primeiros a chegar, por volta do século XIX a.C. Cerca de 200 anos depois, ocorreram as invasões dos jônios e dos eólios.

Segundo pesquisas arqueológicas, por volta do século XVII a.C., os aqueus já faziam uso de uma escrita conhecida como linear B. Verdadeira potência marítima, mantinham contatos comerciais com diversos povos do Mediterrâneo, como egípcios e hititas.

A principal cidade dos aqueus era Micenas, que passou a manter intenso contato com povos da Ilha de Creta a partir do século XV a.C. A fusão dos costumes dos dois povos deu origem à cultura **creto-micênica**, fundamental para a construção da Grécia Antiga.

O século XII a.C. foi marcado pela última onda de invasões, a dos dórios. Povo guerreiro, a ele é atribuída a destruição da cultura creto-micênica. A invasão provocou intensa pressão sobre as populações locais, que acabaram por migrar da parte continental para as ilhas do Mar Egeu e litoral da Ásia Menor. O processo ficou conhecido como **Primeira Diáspora Grega**.

Marcou, também, o início do **período Homérico**, caracterizado pela forte ruralização da sociedade grega antiga. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.115)

Vemos se citar contato entre micênicos, egípcios e hititas, o que entendemos como positivo; ainda que não se aprofunde nisto. Por outro lado, não se comenta sobre origens étnicas possíveis afro-semitas na Grécia, bem como no idioma utilizado. Não se coloca também a origem afro-semita da escrita de Creta à Micenas. Comenta-se dos pelasgos, sem discutir suas possíveis origens parciais afro-semitas, que- ao contrário do que afirma o livro- era discutida na Grécia Antiga(BERNAL, 1987:75-83). Vejamos outros trechos:

No Mar Egeu, o relevo acidentado o território fragmentado em inúmeras ilhas dificultavam a comunicação por terra. Em contrapartida, o litoral recortado tinha inúmeros portos naturais, que facilitavam o contato entre a costa asiática e outras áreas do Mediterrâneo. O mar era relativamente calmo, exceto no inverno. O solo, por sua vez, era pobre e havia poucos recursos minerais.

Tudo parecia favorável à vida no mar. O resultado foi o desenvolvimento de intensa prática comercial, sustentada por boa produção artesanal. De acordo com alguns historiadores, essas características geográficas contribuíram também para a formação de uma sociedade fragmentada, com cidades autônomas, cada qual com um governo próprio. (...) (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.116)

É interessante aqui se comentar dos contatos marítimos com a Ásia e o Mediterrâneo no geral, colocando o comércio marítimo como vital. Porém, não vemos isso ser aprofundado no quesito dos contatos étnicos. Analisemos outro excerto:

### Rivalidades

A organização social cretense acabou comprometida com a dominação dos aqueus, em meados do século XV a.C. No início, existiam diferenças e rivalidades entre as duas sociedades. Os aqueus, situados na parte continental, tinham boa parte de suas cidades fortificada e protegida por enormes muralhas, para se defender dos ataques de vizinhos.

Os cretenses, instalados numa ilha, não tinham essa preocupação. Procuravam proteger a frota marítima e deixavam as cidades abertas. Havia diferenças também na construção das casas, no jeito de se vestir, nas práticas cotidianas. Por isso, muitos historiadores afirmam que o Mar Egeu, antes da mescla dos dois povos, contava com culturas distintas.

A dominação empreendida pelos aqueus inseria-se em um forte processo de expansão, que resultou na hegemonia sobre grande parte do Mar Egeu (um dos episódios mais conhecidos é a guerra contra Troia- veja boxe na página 119). No século XII a.C., todo o poderio aqueu chegou ao fim, pois não conseguiu resistir à invasão de outros povos, como os dórios (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 118)<sup>21</sup>

De forma interessante, há certa problematização acima por considerar a civilização cretense e micênica distintas etnicamente, apesar de se optar por- como nas citações anteriores, em uma narrativa de uma Grécia eminentemente indo-europeia. As influências afro-asiáticas são muito esparsamente citadas e de forma muito rasas. E, no caso, não se levanta a hipótese de origens parciais afro-asiáticas da civilização minoica.

Nos livros citados, com exceção do livro *Piatã*(RIBEIRO E ANASTASIA, 2015)<sup>22</sup> a fundação da língua grega como uma língua indo-europeia é colocada como a manifestação primeva do que foi a Grécia, como também a fusão dos povos indo-europeus com os locais.<sup>23</sup>Felizmente, porém, não se imprime à civilização cretense um caráter necessariamente europeu. Mesmo assim, não se ressalta a possibilidade da civilização cretense poder ter uma origem possível afro-asiática. O eteocretense poder ser uma língua semita(BERNAL, 1987,p.47-78, p.417-418, p.431, p.1-73, p.75-114) é algo ignorado. No máximo, há a citação de os cretenses não falarem grego. Pode-se dizer que, nas obras citadas, com exceção do *Piatã* (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015), os gregos só surgem a partir de povos indo-europeus. Por outro lado, se subordina a civilização cretense às invasões indo-europeias no

<sup>21</sup> A respeito do boxe sobre a Guerra de Troia, mais a frente o abordamos neste trabalho, em conjunto com outros livros didáticos.

<sup>22</sup> Neste livro, se reputa à Ásia Menor as levas de povos que formaram a Grécia. Falha, porém, ao generalizar o que não é certo e, no caso dos dórios, é falso. ((BERNAL, 1987,p. 21)

<sup>23</sup> O que, conforme Hall(2001), pode ter se dado apenas nas Guerras Medo-Pérsicas ou no Período Clássico

geral, fazendo-a uma cultura subjugada pelos invasores vindos da Europa. Nem se cogita, também, que possa haver uma origem étnica comum entre gregos e antepassados fenícios ou egípcios (conforme se cogita em *Black Athena*)(BERNAL, 1987,p; 1-115, p.75-114). Explicações linguísticas, iconográficas, míticas, topológicas a favor de uma influência colonizadora afro-asiática na população pelasga e cretense (BERNAL, 1987) são totalmente ignoradas. A Grécia seria, antes de tudo, um território conquistado por indo-europeus sobre um povo de origens desconhecidas, sem filiação étnica alguma clara; ou então indo-europeia. Explicações afro-asiáticas para a Grécia estão silenciadas, exceto como relações não centrais para a História grega, ao contrário das relações com povos indo-europeus.

Há apenas dois livros, *Piatã*(RIBEIRO E ANASTASIA, 2015) e *História: sociedade e cidadania*(BOULOS JÚNIOR, 2015), que colocam as invasões que a Hélade sofreu poderem provir da Ásia. No caso do livro *Piatã*(RIBEIRO E ANASTASIA, 2015), porém, se reproduz que essas invasões vieram necessariamente da Ásia Menor, o que nem é seguro e, no caso dos dórios, é falso. Bernal(1987) coloca em aberto haver invasões indo-europeias com origem na Ásia Menor e não somente a partir do norte grego.

Se produz a impressão de só serem citadas as invasões de povos indo-europeus como uma chave interpretativa para explicar a gênese helênica como uma criação genuinamente europeia. Os indo-europeus entram nas narrativas dos livros didáticos como somente representando povos invasores e conquistadores da Grécia, que determinaram a sua História. Por outro lado, porém, percebe-se já uma preocupação em relacionar- mesmo que parcialmente- a Grécia Antiga a contatos com povos afro-asiáticos. Além dos já citados egípcios e hititas, encontraremos outras referências nos livros didáticos sobre o período micênico e minoico que se referem a contatos com outros povos, tais- por exemplo- os fenícios. Conforme o livro *Apoema*:

Há várias referências nas fontes egípcias e fenícias de que os cretenses, por volta de 1580 a.C., constituíram uma potência marítima comercial.

Os cretenses adotavam três tipos de escrita para fazer anotações na mesma língua. Aproximadamente até 1600 a.C., utilizavam um tipo de escrita derivada dos hieróglifos egípcios; na época dos segundos palácios, empregavam uma escrita chamada pelos estudiosos de Linear A, ainda não decifrada; já no período posterior à destruição de Cnossos apareceu a escrita chamada Linear B, que atualmente pode ser lida por pesquisadores(MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.193)

Percebemos no livro aqui tanto a valorização do contato com egípcios e fenícios. Igualmente, cita-se a origem egípcia da escrita hieróglifa cretense. Além disso, coloca-se que os cretenses foram referenciados em fontes egípcias e fenícias. Isso é algo positivo, penso eu, ao pensarmos como estão sendo abordadas as influências afro-asiáticas na Grécia Antiga. Além disso, se comenta das relações com os hititas:

No princípio os micênicos dedicavam-se à agricultura e à pecuária. A partir do século XVII a.C., passaram também a praticar intensamente o comércio, tirando proveito de rivalidades entre **hititas** e egípcios. A expansão militar dos micênicos os levou a realizar incursões no litoral da Ásia Menor(atual Turquia) (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.195)<sup>24</sup>

Já conforme o livro *Integralis*(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015)

Creta é a maior ilha do Mar Egeu, localizada perto da costa norte da África, da Península Balcânica e da Ásia Menor. Entre 2000 e 1200 a.C., abrigou uma sociedade que influenciou todo o Mundo Grego Antigo. Devido à sua posição geográfica, estabeleceu intenso intercâmbio comercial com o Egito Antigo e com povos do Mar Egeu e da Ásia Menor. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.117)

Aqui vemos a colocação de um intenso comércio com o Egito e a Ásia Menor. De certa forma, se valoriza o contato com povos não-europeus, ainda que sem se aprofundar.

Já conforme o livro *Mosaico*: “Historiadores acreditam que o comércio marítimo com os egípcios e com povos do Oriente eram a base da economia cretense” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.208) e:

Os cretenses (habitantes de Creta) aproveitaram sua privilegiada posição geográfica para praticar um intenso comércio com cidades a oeste e leste do Mediterrâneo. Os cretenses chegaram, por certo tempo, a dominar a navegação e o comércio no Mediterrâneo- antes mesmo dos fenícios (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.208)

Essas citações ressaltam o contato comercial entre Creta e o Mediterrâneo no geral. Porém, se afirma uma superioridade cretense sobre a fenícia, o que não é consensual, até poder descender os cretenses em parte de fenícios. (BERNAL, 1987, p.115)

---

<sup>24</sup> A respeito dos hititas, há um infobox no livro *Apoema* (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.195): “Hititas é a denominação dada a um povo que existiu entre os séculos XIII e XII a.C., na região que hoje conhecemos como Turquia. Esse povo mantinha contatos comerciais e trocas culturais com assírios e egípcios”

Dessa forma, quase todos os livros didáticos demonstram algum grau de contato com a Ásia ou a África no período Micênico ou Minoico, porém de forma muito tímida( exceto o livro *Araribá*(APOLINÁRIO, 2014), que somente comenta sobre as relações marítimas dos gregos). Esses contatos são diminutos, sem ser explorados com profundidade; acrescenta-se a isso erro crasso de datação da civilização micênica em um livro (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.113), datando o Período Micênico no século XX a.C.

Por outro lado, Creta é definida de uma forma valorativa e positivada em parte; Micenas igualmente. Outro ponto de interesse, porém, é o da escrita. Alguns livros a definem já no período Minoico e outros no período micênico, seja nas citações já expostas, como nas a seguir. Por outro lado, no que tange às origens étnicas da Grécia Antiga, oculta-se possíveis origens fenícias e egípcias. Não se aborda igualmente do eteocretense poder ser uma língua afro-semítica, conforme defendido por Bernal(1987, p.417-418, p.431, p.1-73, p.75-114).

Além das citações sobre os Períodos Minoico e Micênico- ambos abordados de forma genérica-, há algumas citações sobre a Guerra de Troia( em que gregos micênicos teriam se confrontado com a cidade asiática de Troia) e sobre o mito do Minotauro e as relações de poder entre os gregos e cretenses(postos como povos distintos), conforme a seguir<sup>25</sup>.

No livro *Araribá*(APOLINÁRIO, 2014) encontramos comentários como “A *Ilíada* narra um breve período do último ano da Guerra de Troia, travada entre aqueus(gregos micênicos) e troianos”(APOLINÁRIO, 2014, p.153) diferenciando aqueus e troianos, sem se aprofundar a respeito. Já no livro *Apoema*(MOCELLIN E CAMARGO, 2015), vemos:

Na *Ilíada*, Homero narrou um curto período(...) da guerra entre gregos (aqueus) e troianos, vencida pelos gregos(...)  
O mito da Guerra de Troia passou a ser considerado realidade quando o arqueólogo alemão Heinrich Schliemann descobriu, na década de 1870, a real cidade de Troia, que teria sido queimada por volta de 1220 a.C. Alguns historiadores e arqueólogos acreditam que essa guerra realmente tenha acontecido,mas que a luta tenha sido ocasionada por rotas de comércio, e não por amor, conforme descrito nos poemas.” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.197)<sup>26</sup>

25 Não citamos aqui relatos nos livros didáticos do mito do Minotauro quando não foram problematizados no que tange à Educação para as Relações Étnico-Raciais.

26 Há também na página 198 um texto, em box sobre curiosidades históricas, da versão mitológica da Guerra de Troia e a criação do denominado Cavalo de Troia. A linguagem utilizada para isso denota certa “assepsia”, isto é, certo caráter descritivo com tonalidades de objetividade. Há também duas questões sobre a Guerra de Troia nas páginas 204 e 205 não transcritas aqui por sua não-pertinência à discussão aqui feita.

Se cita a diferença entre aqueus e troianos, sem porém se aprofundar a respeito. Já o livro *História: sociedade e cidadania* (BOULOS JÚNIOR, 2015), coloca na página 229, junto a um texto<sup>27</sup> sobre a guerra entre gregos e troianos, as seguintes questões:

- a) Qual foi o plano de Ulisses para surpreender os troianos? Use suas palavras
- b) Essa estratégia militar funcionou? Por quê?
- c) As expressões “presente de grego” e “cavalo de Troia”, presentes no vocabulário que usamos, foram retiradas da história da Guerra de Troia. Pesquise os significados dessas expressões nos dias de atuais.<sup>28</sup>

Pensando no que se refere à Educação para as Relações Étnico- Raciais o trecho anterior, se torna problemático no sentido de abordar, com certa naturalidade algo aparentemente horrível: um massacre de fim de guerra, com um povo destruindo a outro.

Já no livro *Mosaico*, sobre a Guerra de Troia cita: “A *Iliada* narra a batalha final da Guerra de Troia (*Ílion*, em grego), ocorrida por volta de 1200 a.C. ou 1000 a.C, em que os gregos vencem os troianos.” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.207). Também comenta:

#### **O cavalo de Troia**

Troia ficava na Ásia Menor, no mar Egeu. A *Iliada* conta que a cidade tinha muralhas intransponíveis e um exército que anulava as investidas gregas. Escavações arqueológicas indicam, porém, que não existiu apenas uma Troia, mas nove. Cada cidade foi construída sobre os escombros da anterior. É Troia II que corresponde ao período em que se passa a *Iliada*. Contudo, ainda não existem provas definitivas de que uma guerra entre gregos e troianos realmente tenha ocorrido no século XII a.C

Segundo o texto de Homero, os gregos criaram uma estratégia criativa para furar as defesas da cidade: após seguidos ataques, deixaram um gigantesco cavalo de madeira na frente dos portões de Troia. Dentro dele, alguns soldados gregos escondidos.

Os troianos levaram o cavalo para dentro da cidade e iniciaram grandes comemorações por mais uma vitória. À noite, os soldados que estavam escondidos saíram do cavalo, mataram as sentinelas e abriram os portões. O exército grego

<sup>27</sup> Certo dia, Páris, o rei de Troia, raptou a belíssima Helena, esposa do rei de Esparta, uma cidade grega. Diante disso, os gregos se lançaram contra Troia dispostos a trazer Helena de volta. Para surpresa dos gregos, porém, os troianos resistiram. Com isso, o cerco da cidade de Troia se arrastou por dez longos anos. Os gregos já estavam exaustos quando Ulisses teve uma ideia que seus companheiros puseram em prática imediatamente. Eles construíram um enorme cavalo oco de madeira e o abandonaram a poucos metros das portas de Troia. Depois, alguns soldados gregos esconderam-se dentro dele.

Sem desconfiar de nada, os troianos pegaram o imenso cavalo e o colocaram para dentro dos muros de sua cidade. E felizes com o “presente” festejaram até altas horas. De madrugada, quando todos os troianos dormiam, os soldados gregos saíram de dentro do cavalo e abriram as portas de Troia para os seus companheiros. Tudo como Ulisses havia planejado. Graças a isso, conta a *Iliada*, os gregos venceram os troianos e a Guerra de Troia chegou ao fim.” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.229)

<sup>28</sup> Há uma legenda ao lado de texto sobre a Guerra de Troia: “Troia Rica cidade da Ásia Menor” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.229)

entrou e arrasou a cidade. O cavalo e a queda de Troia originaram a expressão “presente de grego”, no sentido de presente que traz aborrecimento a quem o recebe. Você conhecia essa expressão?(VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.210)

Por um lado, o livro não discute a violência que envolve a destruição de uma cidade, isto é, se restringe a relatar um episódio em que os gregos teriam arrasado outro povo. Além do mais, reputa o título de gregos aos oponentes de Troia, o que é discutível. Coloca, todavia, em discussão a existência da Guerra de Troia. Há o relato também do mito do Minotauro, o correlacionando à relação entre cretenses e o “território grego”:

Os gregos possuíam uma lenda para explicar sua vitória sobre Creta. Tal lenda dizia que num labirinto habitava o Minotauro, monstro com cabeça de touro e corpo de homem. Ele dominava a Grécia, obrigando seu povo a pagar pesados tributos, entre os quais a entrega de jovens gregas para servi-lo. Um dia, porém, um jovem grego chamado **Teseu** decidiu enfrentá-lo. Auxiliado por **Ariadne**, uma das servas do monstro, Teseu penetrou no labirinto, achou o monstro e destruiu-o, conquistando a liberdade para a Grécia.

A lenda do Minotauro ilustra o domínio de Creta sobre o território grego. O nome do monstro deriva do nome dos soberanos cretenses (minos). Além disso, segundo recentes achados arqueológicos, existiu em Cnossos um palácio real formado de inúmeros compartimentos, assemelhando-se muito a um labirinto.(VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.209)

Se aborda, na citação anterior, os cretenses a partir da perspectiva de oposição aos gregos (título questionável de ser aplicado ao período micênico). Por outro lado, há erro que salta aos olhos de colocar Ariadne como uma prisioneira grega, em vez de filha de Minos. (BULFINCH, 2003: 186-188). Ainda que não podemos censurar um livro didático por abordar relações de dominação possíveis entre Creta e o restante da Grécia na Antiguidade, trata-se de um episódio em que há um conflito e não continuidade entre os que são denominados gregos e cretenses. Ao mesmo tempo que se reputa um caráter grego à civilização micênica e não à Creta e à Troia, se relata de episódios de violência e oposição como forma de contato. Como já dito, ainda que os livros não devam omitir episódios de violência e conflito entre diferentes culturas, povos e identidades, penso se isso não ajuda a valorizar tal aspecto disruptivo entre as culturas. Já no livro *Integralis* percebemos:

#### **A Guerra de Troia**

Há 3 mil anos, no Estreito de Dardanelos, na Ásia Menor, próximo do Mar Negro, duas das mais prósperas cidades do Mediterrâneo se digladiavam: Troia e Micenas(...) Lutavam por Helena, rainha micênica, raptada pelos troianos. Na

verdade, o que disputavam era o controle de rotas comerciais. O conflito estendeu-se por dez anos, nos quais Troia permaneceu cercada pelos inimigos. Resistiu graças à coragem de seus soldados e a uma poderosa muralha.

O final da Guerra de Troia é famoso. As tropas de Micenas fingiram abandonar o campo de batalha, deixando um presente: um enorme cavalo de madeira. Levado para dentro da cidade por seus habitantes, descobriu-se que estava cheio de soldados inimigos, que iniciaram o saque e a destruição da cidade. Alguns episódios dessa história são contados em *Iliada*, poema épico atribuído a Homero, que teria vivido na Grécia Antiga por volta do século VIII a.C. Para os gregos, esse poema não era uma obra literária, mas a narrativa de acontecimentos históricos(...)" (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.119)

Sobre a Guerra de Troia, há, pensa este autor, já uma preocupação em não naturalizar o controverso episódio violento, com a expressão “saque e destruição da cidade” e contextualizando-o nas disputas do Período Micênico. Já sobre a lenda do Minotauro, vemos:

Depois do nascimento do Minotauro, Minos mandou o arquiteto e inventor Dédalo construir um labirinto de onde seria impossível fugir. Lá confinou o Minotauro, que era alimentado com jovens que Minos forçava Atenas, cidade da Grécia Antiga, a lhe enviar como tributo. Teseu, herói de Atenas, decidiu acabar com esse sacrifício inútil. Ofereceu-se como uma das vítimas. Quando Teseu chegou a Creta, Ariadne, filha de Minos, se apaixonou por ele. Para ajudá-lo, Ariadne atuou um novelo de lã na porta do labirinto e Teseu foi desenrolando a peça à medida que avançava. Ao encontrar o Minotauro adormecido, matou o monstro, regatou os reféns e saiu do labirinto seguindo o fio desenrolado.

Com base no mito do Minotauro, descreva a relação entre os gregos antigos e os cretenses. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.117)

Questiono se se aborda suficientemente para o período cretense como continuidade, e não só ruptura, como vemos no mito relatado acima, com a História da Grécia Antiga. Por fim, cito o livro *Piatã* (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015):

Ainda que sua existência não seja comprovada, atribui-se a Homero duas grandes obras que inspiraram a literatura ocidental: a *Iliada*, que narra a conquista de Troia pelos gregos após uma guerra que teria ocorrido no século XII a.C.- A Guerra de Troia-, e a *Odisseia*, que narra a volta do personagem Odisseu(ou Ulisses, na literatura latina) de Troia à ilha de Ítaca, sua terra natal.”(RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.139)

E em boxe separado na mesma página:

A Guerra de Troia é conhecida por todo o Ocidente sobretudo pelos versos de Homero.. A história de como Páris, filho do rei da cidade de Troia, apaixonou-se por Helena, a rainha grega casada com o rei da cidade de Esparta, Menelau, é contada nos versos da *Iliada* e lembrada por Ulisses na *Odisseia*. Porém, um dos episódios mais populares dessa guerra não nos foi contado por Homero, mas por Virgílio, poeta latino do século I a.C., no célebre poema épico *Eneida*: o episódio do cavalo de Troia. Troia era uma cidade fortemente protegida. Para entrar e recuperar Helena,

raptada pelos troianos, os gregos usaram um estratagema; construíram um cavalo monumental de madeira, oco, que levava dezenas de soldados escondidos em seu interior. Ofereceram o cavalo aos troianos como se fosse um presente dos deuses. Ao aceitarem o cavalo e colocá-lo para dentro das muralhas, os troianos foram atacados e vencidos pelos gregos. Vem daí a expressão “presente de grego”. (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p. 139)

É de se questionar o ganho pedagógico no modo como se aborda com naturalidade a Guerra de Troia e a destruição da cidade no trecho anterior. Já sobre o mito do Minotauro:

#### **Labirinto do Minotauro**

Creta foi o cenário de uma das mais antigas lendas conhecidas pelos gregos. De acordo com essa lenda, os atenienses tinham de enviar periodicamente à ilha sete moças e sete rapazes que seriam devorados pelo Minotauro, um monstro com corpo humano e cabeça de touro.

O Minotauro vivia aprisionado no labirinto, uma construção com tantas salas e corredores que as pessoas, depois de entrar, não conseguiam mais sair. Teseu, filho do rei de Atenas, embarcou para Creta com o objetivo de matar o Minotauro. Ao chegar à ilha, conheceu Ariadne, filha do rei local, Minos. A princesa entregou a Teseu um novelo de linha que ele deveria desenrolar à medida que fosse penetrando no labirinto. Com essa ajuda, Teseu conseguiu matar o Minotauro, sair do labirinto e retornar a Atenas. (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.157)<sup>29</sup>

Questiono-me se o relato do mito do Minotauro mereceria ser contrabalançado com elementos positivos de continuidade entre os minoicos e os gregos antigos. Porém, como já citado, é justificável que um livro didático traga aspectos conflitivos ao longo da História.

Sobre o episódio da Guerra de Troia, não se positiva a cidade asiática (exceto em uma citação esporádica da riqueza e coragem de seus habitantes), onde há geralmente um tom naturalista descrevendo atos sanguinários de conquistadores. O contato é retratado pelo teor bélico, em que os gregos transformam-se no povo vitorioso. Não há uma problematização sobre o quanto esta guerra (caso existiu) se inseriu na crise da Idade do Bronze, bem como pode trazer explicações sobre as invasões dos “Povos do Mar” no Mediterrâneo Oriental, dentre esses, os famosos filisteus, reputados pelo texto bíblico como de origem helênica, aparentemente confirmada por certa continuidade arqueológica na cultura material (BERNAL, 1987:445-450). Os contatos da Península Balcânica e das ilhas egeias com o restante do mundo mediterrânico afro-asiático durante a Crise da Idade do Bronze são ignorados. Antes, se reproduz a Guerra de Troia apenas para citar a vitória grega.

---

<sup>29</sup> Há duas questões abaixo do texto junto com imagem que não reproduzimos por não se relacionar com a discussão aqui trabalhada.

Já no caso do mito do Minotauro, se narra um mito que fortalece a ideia de ruptura- em vez de continuidade- entre o período cretense e os posteriores; bem como estabelece uma oposição por meio de uma relação de poder dominador/dominado nas relações entre Creta e a Península Balcânica. Ainda que deva ser abordado esses aspectos, questiono-me se os livros didáticos negligenciam um maior aprofundamento nos pontos de continuidade entre o período cretense e os posteriores. Acrescente-se o erro em um dos livros, *Mosaico*, (VICENTINO E VICENTINO, 2015) de Ariadne ser uma jovem ateniense enviada para servir o monstro, bem como de jovens atenienses serem enviadas para servir o monstro, em vez de serem sacrificadas. Além disso, há a frequente atribuição como gregos aos micênicos, tanto na Guerra de Troia, quanto no mito do Minotauro.

Há, por outro lado, em dois livros imagens de afrescos cretenses que poderiam ser problematizados para discutir as relações étnico-raciais na Grécia Antiga e a importância da Ásia e da África.<sup>30</sup> Porém, não vemos isto ocorrer. No livro *Apoema* encontramos:

*Observe os documentos abaixo e, no caderno, responda às questões ou faça o que se pede*



Figura 4: Afresco “O toureador”

Fonte: MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.194

Observe os documentos abaixo e, no caderno, responda às questões ou faça o que se pede

- 1) Descreva as imagens com base nas características da sociedade cretense
- 2) Qual seria a importância do touro para os cretenses?(MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.194) <sup>31</sup>

No livro *Integralis* há o mesmo afresco, sem problematizar por uma perspectiva não eurocêntrica antirracista; antes sugere em legenda de figura negra na imagem ser escrava<sup>32</sup>:

<sup>30</sup> Como salienta Bernal(1987, p.40, p.385-387), os afrescos minoicos em Cnossos e em Thera podem ser lidos diante do quadro de outras evidências- como representando pessoas negras e semitas em Creta.

<sup>31</sup> Aqui não se reproduziu imagem outra existente por não referir-se à temática étnico-racial.

<sup>32</sup> Isto é, ainda que não dito de modo explícito, há ao lado da imagem em que podemos identificar uma pessoa negra o seguinte texto: “Afresco encontrado na cidade de Cnossos, que reproduz a cerimônia de salto sobre o touro. Essa era uma prática reserçada às elites, que depois passou a ser executada por pessoas escravizadas” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.118)

Figura 5: Afresco em Cnossos [o mesmo reproduzido na Figura 4]



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.118

Temos outros dois afrescos, ambos com figuras que pode se sugerir serem negras, do período cretense, sem serem problematizados nesse sentido. Há um afresco da ilha de Thera de dois pugilistas e outro representando uma cena naval em tal ilha.

Figura 6: Afresco de dois jovens pugilistas



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.129

Figura 7: Cena naval na ilha de Thera



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.131

Ambas imagens estão descontextualizadas e instrumentalizadas para períodos posteriores a elas. A imagem dos pugilistas está do lado de texto sobre a educação em Esparta e a do porto de Akrotiri de texto sobre Atenas no período pós-Homérico até o período clássico, em trecho sobre mudanças sociais em que se cita o papel do comércio. Para espanto desse autor, se reputa a imagem do porto de Akrotiri ao século II a.C, sendo que se trata de um afresco datado da Idade do Bronze, que foi preservado graças a uma catástrofe piroclástica.(SØRENSEN ET AL, 2013). Ao menos, a localização geográfica está razoavelmente correta, porém não se associa tais imagens ao período minoico, nem muito menos a uma possível sociedade multirracial em território onde hoje é a Grécia.

Se comete um erro crasso de datação na imagem sobre cena de Akrotiri; e estabelece relações anacrônicas entre as imagens e os contextos a que se referem. Não há, por exemplo, alguma problematização da relação que há entre a cena dos pugilistas e a educação de Esparta; ou o contexto comercial da Idade do Bronze na ilha de Thera com o contexto de transformação de Atenas que culminaram no período clássico.

Em relação aos outros livros, não encontramos referências aos afrescos minoicos, que poderiam ser usados de uma forma muito potente para se trabalhar questões étnico-raciais no caso da História grega. Quando as encontramos nos livros que analisamos, não são trabalhadas nesse sentido, antes até sendo usadas para reforçar esteriótipos, leituras anacrônicas e apagamentos de influências históricas.

Dentre os elementos que abordam os primórdios da civilização grega no período minoico e micênico, nada consta das contribuições religiosas, políticas ou linguísticas. Há algumas citações no campo das artes, igualmente no campo do comércio, porém- nos aspectos considerados identitários como a religião, a política e o idioma- praticamente nada consta<sup>33</sup>. Há uma grande invisibilização, em que os gregos sempre são postos se relacionando com outras culturas como se fossem superiores ou iguais a essas, nunca inferiores.

Por fim, há algumas citações nos livros didáticos sobre os dórios e sua influência no fim do período micênico, para além das citadas. A Grécia Antiga só começa a ser nomeada

---

<sup>33</sup> Cite-se, porém, há exceção de, em um dos livros, se sugerir paralelos entre as decisões coletivas em cidades-Estado fenícias e mesopotâmicas com as gregas.

como grega após a invasão de povos indo-europeus nos livros didáticos. Dá-se em alguns casos um papel fundante aos dórios como uma das causas do fim da cultura micênica.

No livro *Apoema* encontramos:

Por volta do século XII a.C., a civilização micênica começou a desaparecer. As causas foram diversas(...)

- **Invasão do exterior:** os dórios tinham a prática de provocar destruições por onde passavam. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.196)

No livro *Integralis* há:

A chegada dos dórios provocou profundas transformações na Grécia Antiga. Sendo povo guerreiro, sua presença seria marcada pela desestruturação dos povoados e espaços urbanos. O comércio enfraqueceu, o uso da escrita desapareceu e a população se espalhou. A sociedade grega passou a apresentar, assim, fortes características rurais: começava o período Homérico! (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.120)

Também há as seguintes questões, em que se ressalta os dórios e pede aos alunos que citem os povos que formaram a Grécia Antiga; o que ressalta toda abordagem anterior que não cita os egípcios e os semitas como possíveis componentes dos primórdios do *ethos* grego:

1. Cite os povos que formaram a Grécia Antiga.
2. Cite e comente duas mudanças ocorridas com a chegada dos dórios na Grécia Antiga. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.124)

Cabe então passarmos a outro tópico de análise, referente à Grécia Antiga no Período Homérico e Arcaico.

#### **4.2. Da “Idade das Trevas” grega e do “breu” sobre as influências afro-asiáticas à pólis e à colonização grega**

Ao adentrar no Período Homérico nos livros didáticos, tem-se a impressão de aplicar-se bem o título “Idade das Trevas Grega” sobre as relações afro-asiáticas.<sup>34</sup> justamente para descrever a impressão gerada em não ver referência alguma aos contatos entre populações da Península Balcânica e o restante do universo. Somente volta-se a perceber nos livros didáticos citações relatando sinais de relação entre a Grécia, a Ásia e a África com o Período Arcaico e o fenômeno da emergência das pólis gregas, em que os gregos são representados

<sup>34</sup> Isto é, permito-me tal brincadeira literária – usando um termo acadêmico em desuso (KOTSONAS, 2019)

em sua expansão colonial para outras regiões. Não se apresenta a hipótese da influência fenícia no desenvolvimento de cidades gregas,<sup>35</sup> como Bernal(1987, p.1-115) levanta. Há, entretanto, uma citação em um dos livros que aproxima o modelo das cidades-Estado gregas ao das cidades fenícias e mesopotâmicas. Por outro lado, a colonização grega é vista pelo viés centrado na pólis grega, e não tanto como em modelo sustentado por Vlassopoulos(2007; 2007, a; 2007, b) de sistema-mundo(*world-system*); isto é, de uma rede global(no sentido restrito de uma região ampla) sociocultural que se inter-relaciona com laços de interdependência. Sem abordar o fenômeno da pólis grega em um contexto global, acaba-se privilegiando modelos explicativos que ignoram a preocupação de pensar profundamente as relações multiculturais nesse fenômeno. Além disso, ignora-se também a pluralidade dos modelos políticos que coexistiam na Grécia Antiga em tal recorte temporal, os reduzindo ao modelo da pólis.<sup>36</sup> Por outro lado, a própria BNCC exige o ensino da Grécia Antiga privilegiando a pólis grega<sup>37</sup>: “(EF06HI10) Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da pólis e nas transformações políticas, sociais e culturais.”(BRASIL, 2017, p.420-421) Mesmo assim, cabe considerar que a BNCC exige também o ensino do contato cultural no espaço do Mediterrâneo, favorecendo um modelo próximo ao de *Sistema-Mundo (World-System)* de Vlassopoulos.: “(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.” (BRASIL, 2017, p.420-421)

Entretanto, há ainda algum comentário sobre o Período Homérico no livro didático *História: sociedade e cidadania*(BOULOS JÚNIOR, 2015) que devemos abordar, não contemplada noutros livros. Refere-se à discussão da História do uso da escrita na Grécia e a posterior adoção do alfabeto fonético: “soube-se que, com(...) o fim do poder dos reis(...) a escrita foi abandonada( o retorno da escrita se deu somente em 900 a.C., com a adaptação do alfabeto fenício pelos gregos.)” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.212)

35 Uso termo polêmico de cidade-Estado, adotado indiscriminadamente nos livros didáticos; para discussão a respeito da existência de Estado na Grécia, ver Araújo (2018, p. 100-106).

36 Para uma maior discussão a respeito, ver Araújo (2018, p. 106-111). Nos livros didáticos, somente se é citado para períodos anteriores as *Éthne*, bem como não se cita as *Koiná*. Essas ambas formas de organização territorial e- como cogita-se- estatal coexistiram com as *Póleis*. Visto que aparecem nos livros didáticos sem ser dada relação alguma com o mundo afro-asiático, bem como com a educação das relações étnico-raciais, não foram abordadas nessa pesquisa.

37 Cabe indagar, como já levantado anteriormente, o quão prejudicial possa ter sido- na formulação da BNCC, ter se negligenciado a presença de especialistas em História Antiga na sua formulação. Talvez tal abordagem “policêntrica” não estaria privilegiada por normativas oficiais.

Aqui vemos a hipótese da escrita ter sido abandonada com o período Homérico e somente retomada com a adaptação do alfabeto fenício. Ainda que ideia majoritária há quem aponte (BURKERT, 1992, p. 25-29), como no caso de Bernal (1987), da escrita ter continuado entre Micenas até épocas posteriores. Mesmo que haja um surto de registros escritos a partir do século VIII a.C com uma ausência de registros entre aproximadamente 900 a.C<sup>38</sup> até o Período Micênico; há quem cogite, pela ordem alfabética do grego, pelo relato mítico da escrita ter surgir pelo fenício Cadmos (suposto fundador de Tebas) ou pelo egípcio Danao e pela continuidade da escrita silábica em Chipre até o Período Helenístico, que a escrita nunca desapareceu entre os gregos (BERNAL, 1987, p.16, p.35, p.86-87, p.393-399, p.427-433; BURKERT, 1992, p.25-29). Certamente, os livros didáticos não são espaço para abrir mão do consenso acadêmico por propostas ainda questionáveis; todavia poderia se registrar como suposição do fim da escrita na Grécia em determinado período e a sua retomada posterior. Por outro lado, o livro valoriza uma contribuição dos fenícios aos gregos. Concepção semelhante sobre esse tópico encontramos a seguir no livro *Piatã* (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015)

Os gregos adotaram o alfabeto fenício ao seu idioma. Acrescentaram as vogais e inverteram o sentido da escrita e da leitura, que passaram a ser feitas da esquerda para a direita e de cima para baixo. Escreveram em papiro e em pergaminho, sendo comum a reprodução de obras importantes, pelos aprendizes, dos grandes mestres (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.161)

Aqui vemos se comentar sobre influência fenícia no surgimento do alfabeto grego, porém, sem problematizar a data da adoção da escrita, nem propor uma linha de continuidade ou ruptura histórica com sistemas de escritas anteriores.

Após esse tópico da escrita, presente em dois livros didáticos, podemos falar do colonialismo grego, abordado em todos os livros didáticos vistos. Resumidamente, sugere-se aqui do que é analisado nas citações a seguir nessa seção do trabalho. Por um lado, percebemos uma visão do processo de colonização como um processo eminentemente grego. Não se aborda em detalhes o quanto tal história foi construída em conjunto com outros povos. Coloca-se no geral o fenômeno da pólis grega como fundante da expansão colonial. Porém percebemos algumas citações sobre influências afro-asiáticas e de outros povos- com foco no comércio com os gregos-, o que é interessante pensar o quanto isso gera uma abertura menos

<sup>38</sup> Este fenício, em Cnossos (BURKERT, 1992, p.27)

eurocêntrica. Também, Em um livro, se coloca a filosofia como resultado de contatos multiculturais dos gregos no Mediterrâneo. Entretanto, em linhas gerais, continua uma perspectiva centrada nos gregos como colonizadores, não sendo problematizada tal colonização em conjugação a outros povos. Igualmente, ignora-se de o quanto tal colonialismo pode ser devedor a colônias cretenses da Idade do Bronze: cogita-se no meio acadêmico que tanto a Filístia quanto o Chipre estavam fortemente em contato e povoamento de influência minoica durante a Idade do Bronze (BERNAL, 1987, p.445-450; BURKERT, 1992; VAN DOMMELEN, 2012) e da presença minoica no Egito Antigo, com inclusive presença de pintura mural em Avaris (BIETAK, 2005). Há a citação sobre Creta em textos egípcios no século XV e XIV e possivelmente fenícios no século XIV. (BERNAL, 1987, p.40-41) Infelizmente, nada disso é citado (com exceção em um livro de que fontes egípcias e fenícias se referem a Creta). Antes se comenta sobre colônias gregas como Náucratis no Egito como decorrente de um fenômeno recente; talvez por influência do modelo explicativo, em que não se adota centralmente uma visão de *sistema-mundo (world-system)*.

No livro *Apoema* encontramos:

Foram fundadas colônias gregas na Península Itálica (Magna Grécia) (...) e no sul da Gália (...)

Os gregos se estabeleceram na Ilha de Chipre e fundaram a cidade de Náucratis, no Delta do Nilo. Mais tarde, a oeste do Egito, surgiu a cidade de Cirene.

Nas costas do Mar Negro surgiram Odessa, Tanais e Quersoneso. No Mar de Mármara (...) fundaram, por volta de 660aC a colônia de Bizâncio.

(...)

Por volta de 700 aC, a arte grega, estimulada pelo aumento das relações comerciais com o Egito e o Oriente Próximo, começou a absorver elementos dessas culturas. Na arquitetura, observa-se o aumento das dimensões dos templos, o predomínio de plantas retangulares e os edifícios construídos inteiramente com pedras. Na escultura há a influência egípcia, indicada pelas grandes estátuas. Já na pintura de vasos, o artista procurava contar uma história (...) em figuras em preto e grande valorização do corpo humano” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.200-201)

Logo depois desta passagem, foi proposto o seguinte exercício:

Leia o texto abaixo e responda às questões no caderno.

**“COLONIZAÇÃO GREGA E CONTATO CULTURAL NA MAGNA GRÉCIA**

A partir do século VIII a.C. gregos e grupos nativos da Itália passaram a desenvolver um contato do tipo colonial. Além das fontes textuais, a evidência arqueológica confirma a chegada dos colonos em locais então habitados por grupos que os gregos viam como bárbaros.

A colonização grega no Ocidente é bem documentada, existindo relatos históricos e contemporâneos e a presença abundante de material arqueológico que compreende vasos cerâmicos, figurinhas de terracota, estatuária, grandes templos e monumentos, moedas, entre outros. Esses documentos nos dizem muito sobre os colonizadores- quem eram, de onde vieram e porque foram até onde foram [...] - bem como sobre as populações nativas nos períodos pré e pós coloniais. Segundo a documentação disponível, sabemos que as fundações de colônias gregas na Magna Grécia ocorreram primeiramente em ilhas ao longo das costas leste e oeste do território itálico e na Sicília, locais que já eram conhecidos graças aos contatos pré- estabelecidos[...].”

Carolina Kesser Barcelos Dias. *Colonização grega e contato cultural na Magna Grécia: o testemunho nos vasos lucânicos*. Disponível em: < seer.ufrgs.br/aedos/article/view/10267/7315>. Acesso em: fev.2015.

1. Qual a importância da documentação histórica relativa à colonização grega no ocidente?
2. Segundo essa documentação, onde se iniciou a colonização da Magna Grécia? (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.201)

Igualmente, no mesmo livro, encontramos, além do exercício supracitado, outro exercício que abaixo reproduzimos, com imagem e legenda associadas:

Figura 8: Ânfora de autoria de Exéquias encontrada em tumba etrusca, c.540-530a.C.



Fonte: MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.203

Os artistas gregos foram intensamente influenciados pela arte egípcia, caracterizada por contornos nítidos e firmes- como na ânfora. O estilo egípcio manteve-se praticamente inalterado por milhares de anos, mas os artistas gregos

experimentavam, com frequência, novas maneiras de desenhar a figura humana. Nas cidades-Estados gregas, conceitos como democracia e antropocentrismo favoreceram a liberdade criativa dos artistas. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 203)

E:

1. A cena foi inspirada em qual obra da literatura?
2. Como o artista fez a pintura sobre a ânfora?
3. Quem está ganhando o jogo? O que isso significa?
4. Porque os artistas gregos tinham mais liberdade para criar suas obras do que os egípcios? (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.203)

Ainda que seja muito interessante a abertura a outros povos, em que se coloca heranças culturais ao Egito e ao Oriente Próximo, mesmo nesses casos parece que o livro didático continua com uma visão filo-helênica feita em cima da negativização ou ocultamento de outras culturas. Por exemplo, por meio de um vaso de Exéquias toca-se na importância do Egito para a arte grega, porém coloca-se a arte egípcia como imóvel e a grega influenciada pela liberdade. É curioso também se citar a localização do vaso em tumba etrusca: porém, infelizmente, não se explica a região histórica de influência etrusca, na Península Itálica.

Entretanto, cabe salientar, há alguma abordagem multicultural da Grécia Antiga em relação a outros povos, inclusive na África e na Ásia; e se coloca os gregos como devedores do Egito e do Oriente Próximo. Há citação de trabalho acadêmico que comenta sobre as populações nativas antes e após a colonização grega na Itália; sem explorar com profundidade tal aspecto<sup>39</sup>. É interessante, porém, desse livro expor o vaso de Exéquias como encontrado em tumba etrusca, o que não veremos ser posto em outros livros.<sup>40</sup>

Já sobre as cidades-Estado gregas, além de exercício de caráter de rememoração, “9. Quais fatores foram responsáveis pela colonização grega e pelo surgimento de novas cidades-Estado? “ (MOCELLIN E CAMARGO, 2015), p.205), há outro exercício -a seguir- que induz a uma visão não-global do seu fenômeno na Grécia. Infelizmente, é uma reprodução de questão de vestibular da universidade UNICSAL (Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas ). É preocupante isso se reproduzir em uma questão classificatória para uma universidade.

---

39 É de se considerar que a bibliografia citada é de reconhecida acadêmica, Carolina Kesser Barcelos Dias.

40 Aqui não expostos por não atentarem ao tema discutido.

1)(UNICSAL-AL) No território da Antiga Grécia, existiam dezenas de cidades-estados, destacando-se Atenas, Tebas, Mégara, Esparta, Corinto, Mileto e Argos.

Acerca das cidades-Estados, é correto afirmar que:

- a) compunham um mosaico de experiências e eram politicamente autônomas.
- b) possuíam uma organização econômica solidária.
- c) mantinham política e administração comuns.
- d) possuíam princípios religiosos antagônicos.
- e) estavam unidas na política de organização do Mediterrâneo (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.205)

Já no livro *Mosaico* encontramos:

A população cresceu no final do Período Homérico. Esse crescimento fez com que as poucas terras cultiváveis(...) passem a ser disputadas. (...) Surgiram, assim, diferentes grupos sociais.

Para exercer seu poder, os proprietários fundaram centros urbanos, compostos de edifícios públicos e templos religiosos. As pólis, como eram chamados esses centros(...)

Nesse processo, algumas pessoas que ficaram sem terras passaram a se dedicar ao comércio e ao artesanato. Porém, parte da população se dispersou, dirigindo-se para as ilhas vizinhas e a costa da Ásia Menor ou para regiões mais distantes, como o norte da África e o sul da península Itálica. Os gregos fundaram diversas colônias onde se estabeleceram. Esse movimento ficou conhecido como **Segunda Diáspora Grega**. Veja no mapa ao lado.

As colônias transformavam-se em novas pólis, independentes uma das outras. No entanto, havia vínculos culturais entre elas, graças à ascendência grega. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.211)

Mapa junto de legenda (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 211):

Figura 9: Mapa da expansão colonial grega



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.211

Entre os séculos VIII a.C e VII a.C, muitas colônias gregas foram fundadas em regiões propícias para o plantio e o pastoreio, como a Sicília e o sul da península

Itálica (região conhecida como Magna Grécia), a costa mediterrânea da Ásia Menor, o norte da África e até a península Ibérica.

Comenta-se da expansão grega a novos territórios como a Ásia Menor, o norte da África e a Península Itálica, mas sem abordar influências dos nativos dessas terras para os gregos. A seguir, exercícios com imagens (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 214):

10. O mapa abaixo foi feito com base na descrição do mundo do historiador Heródoto no século V a.C. Depois de observá-lo atentamente, responda às questões.

Figura 10: Mapa do mundo segundo Heródoto



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.214

- Quais civilizações estudadas nos capítulos anteriores aparecem na descrição de Heródoto? Cite as cidades do mapa correspondentes a cada uma delas.
  - Quantos continentes existem no mapa? Quais são seus nomes?
  - A qual dos atuais continentes corresponde a Líbia?
11. Compare o mapa baseado nas descrições de Heródoto com o planisfério atual abaixo.

Figura 11: Planisfério atual



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.214

- Quais dos atuais continentes não existem no mapa de Heródoto?

- b) Porque eles estão ausentes?
- c) No mapa baseado nas descrições de Heródoto, qual dos continentes é o maior? De acordo com o planisfério atual, o tamanho desse continente estaria correto? Por quê?

Há um exercício interessante com o uso de mapas, em que se coloca a representação de Heródoto de diversos povos pelo mundo em contraposição ao atual planisfério terrestre. Esse exercício acaba por valorizar o contato dos gregos com outras culturas. Porém, infelizmente, falha ao pedir que os alunos comparem a área de uma representação artística das descrições de Heródoto com o planisfério atual por isso ser impossível, visto a representação artística não ter escala. Somente seria possível comparar a proporção que o artista responsável pela imagem deu ao relato de Heródoto.

Já no livro *Piatã*, encontramos:

Esse tipo de organização, baseada na descentralização e autonomia das cidades-Estado, não foi uma exclusividade grega no mundo antigo. Os mesopotâmicos e os fenícios tiveram cidades com características bem parecidas com as das pólis gregas. Os historiadores se dividem quanto à origem da descentralização política na civilização grega. Uns a atribuem ao fator geográfico: o relevo acidentado e a consequente dificuldade de comunicação e transporte teriam provocado o isolamento das pólis. Outros acreditam que elas cresceram independentes e isoladas em razão da diferenciação dos povos que as construíram, como aqueus, eólios, jônios e dórios. (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.142)<sup>41</sup>

Há um ponto importante colocado: as cidades-Estado gregas serem similares aos modelos de cidades-Estado fenícias e mesopotâmicas, sem propor porém relação filogenética entre cidades-Estado gregas e do Oriente Próximo. Além disso, vemos, junto de mapa:

---

<sup>41</sup> O plural de *pólis* é *póleis*, por se tratar de estrangeirismo, penso que o livro didático optou por não pluralizar o nome como *póleis*.

Figura 12: Mapa da economia grega no mundo mediterrânico, excluindo a costa africana e do Levante



Fonte: RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.147

As diversas pólis gregas desenvolveram-se economicamente de acordo com as condições de seu solo e relevo(...)

As pólis de terreno infértil especializaram-se na produção artesanal. Suas peças de cerâmica tinham grande aceitação no mercado mediterrâneo: as belas ânforas serviam para transportar vinho, azeite, perfumes, principais produtos de exportação das regiões agrícolas.

Por volta do século VII a.C., o comércio entre as cidades gregas e as de reinos vizinhos passou a ser realizado com o uso de moedas de metal cunhadas em várias cidades, cada qual com sua efigie(...) Essa prática de comércio, geralmente feita pela navegação marítima, graças ao litoral recortado da região, intensificou-se ainda mais a partir do século V a.C.

Em várias pólis, o trabalho braçal era feito por escravos; em geral, prisioneiros de guerras ou condenados por dívidas. Essas pessoas eram, quase sempre, negociadas por mercadores fenícios (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.147)

Há uma conjugação interessante do modelo centrado na *pólis* com uma visão mais sistêmica, que em excertos posteriores(*citados a seguir*) se aproxima do modelo de *sistema-mundo(world-system)* de Vlassopoulos(2007, a; 2007,b).

Assim como quase todos os povos da Antiguidade, os gregos tiveram uma política de expansão territorial, conquistando regiões vizinhas e ilhas próximas. Movidos

pele crescimento populacional e pela conseqüente carência de terras agrícolas para produção de alimentos, os gregos fundaram colônias na Trácia, na Ásia Menor, no norte da África e no sul da Península Itálica. Essas colônias ficaram conhecidas como Magna Grécia.

As terras nas colônias eram, em geral, muito mais apropriadas à agricultura do que as da Grécia, onde os solos eram próprios ao cultivo de oliveiras (cujas azeitonas serviam para a produção de azeite) e dos vinhedos (das uvas se fabricava o vinho). Por esse motivo, havia um intenso intercâmbio comercial entre as colônias e as cidades gregas, o que acabou ocasionando certa dependência destas em relação àquelas, em virtude da necessidade de abastecimento de alimentos.

O colonialismo das cidades gregas provocou sérios conflitos com os impérios vizinhos, especialmente o persa. (...), facilitando a invasão e a dominação do território grego por outros povos. (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.148)

Mapa da página 148:

Figura 13: Mapa de colônias gregas entre o século V a.C e IV a.C



Fonte: RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.148

Ainda que não abordando contribuições de outros povos à cultura grega, as citações e mapas acima permitem uma visão mais contextualizada do colonialismo grego frente a outros grupos, em que se coloca a expansão colonial como um fenômeno não-unicamente grego, bem como criador de conflitos com outros povos, no caso, os persas; além de enquadrar o fenômeno a um quadro global da Grécia Antiga, próxima da visão *sistema-mundo* (*world-system*) defendida por Vlassopoulos(2007, a;2007, b). Se conjuga tanto o modelo explicativo centrado na pólis, como a visão de um mundo grego inter-relacionado e dependente. O comércio é citado também. Já no livro *Araribá*(APOLINÁRIO, 2014) vemos:

A saída encontrada para diminuir as pressões sociais foi ocupar terras ao longo do Mar Mediterrâneo e do Mar Negro. Assim, entre os séculos VIII e VI a.C., os gregos fundaram colônias no sul da Europa, no norte da África, na Ásia Menor e na costa do Mar Negro. A expansão colonial grega estimulou o comércio marítimo e a utilização de moedas (APOLINÁRIO, 2014, p.154)

E:

Os vasos gregos foram amplamente comercializados em várias regiões da Europa, da África e da Ásia. Como apresentavam cenas da cultura grega da Antiguidade, os vasos contribuíram para disseminar alguns costumes gregos pelas terras onde eram comercializados. Ao observar os costumes e a sociedade brasileira da atualidade, você percebe a influência de outra cultura? Ou seja, é possível dizer que os produtos vindos de fora têm influenciado o comportamento e os valores dos brasileiros? Exemplifique com situações do seu dia a dia (APOLINÁRIO, 2014, p.155)

Há também um mapa da expansão colonial grega na página 154:

*Figura 14: Mapa da expansão colonial grega*



*Fonte: APOLINÁRIO, 2014, p.154*

Percebemos no livro *Araribá* (APOLINÁRIO, 2014) de forma sintética a abordagem tradicional da expansão das colônias gregas como um fenômeno recente e pensado apenas no que tange ao contexto grego. De modo infeliz, se pede aos alunos compararem tal situação com o contexto brasileiro. De forma inconsequente, se projeta a figura dos gregos na Antiguidade ao do colonizador de outras culturas e povos. Bem que poderia ter sido reformulada a questão, pensando no contato cultural como uma via de mão dupla; em que se citasse influências inúmeras que podem ser reputadas aos afro-asiáticos na História da Grécia Antiga nesse período. Poder-se-ia citar no campo da religião, da medicina, do

artesanato(BURKERT, 1992). Porém, há um ponto que merece ser sublinhado, pelo seu caráter positivo que aparece no livro. No caso, se coloca a filosofia grega, e toda sua herança devida ao “Ocidente”, como resultado do contato dos gregos com outros povos:

Ao fundar colônias em todo o Mediterrâneo e estabelecer relações comerciais com regiões distantes, os gregos entravam em contato com povos e culturas muito diferentes da sua. Ao confrontar as diferentes maneiras de cada povo, ver, compreender e explicar o mundo, os gregos passaram a questionar a validade de suas próprias explicações. Afinal, diante de tantas respostas possíveis para as mesmas questões, como saber quais delas eram as verdadeiras?

Com esses questionamentos, os gregos possivelmente foram levados a procurar uma forma de conhecimento universal, válida para todos os homens. Algo que buscasse respostas não nas explicações míticas, mas na observação da realidade. Dessa vontade de conhecer o mundo por meio da razão humana, surgiu a **filosofia**, palavra de origem grega que quer dizer amor(*philos*) à sabedoria(*sophia*).

A filosofia foi uma das contribuições mais importantes dos gregos para o Ocidente, pois inaugurou uma nova forma de explicar o mundo, sem a presença de deuses e mitos (APOLINÁRIO, 2014, p.165)

Também relatar da influência de Aristóteles no pensamento “cristão” e “árabe”:<sup>42</sup>

A filosofia aristotélica tornou-se famosa pelos estudos de botânica, física, literatura e política. As obras de Aristóteles influenciaram os pensamentos cristão e árabe, e suas teorias sobre a política e a literatura ainda hoje são muito discutidas (APOLINÁRIO, 2014, p.166)

Dessa forma, por essa perspectiva, o livro *Araribá*(APOLINÁRIO, 2014) permite uma análise menos eurocêntrica da chamada “cultura ocidental”, em que é posta a filosofia. Todavia, infelizmente, não aborda relações possíveis entre a filosofia e a literatura sapiencial africana (BERNAL, 1987,p. 121-160) e a sabedoria asiática (VERNANT, 1998, p. 81-104). Por outro lado, o livro abordar a filosofia como um produto do Ocidente pode ser problemático, se pensarmos no próprio mundo árabe, como felizmente o livro também admite ter um histórico filosófico. O livro tem outro ponto feliz: coloca a escultura grega semelhante às egípcias(*abaixo*). Isso permite fugir do eurocentrismo no que tange tal ponto apresentado:

A escultura é, sem dúvida, a mais conhecida e estudada manifestação artística grega. As primeiras esculturas começaram a ser produzidas em grande quantidade com o

---

42 O quão problemático podem ser essas duas definições ultrapassa o escopo do debate desse trabalho, por isso não são discutidas; porém, possa se relacionar com a ideia de árabe a de oriental proposta pelo orientalismo(Said, 2007)

surgimento da *poleis*. Eram feitas de pedra, e suas formas rígidas se pareciam com as das antigas esculturas egípcias (APOLINÁRIO, 2014, p.164)

Já no livro *História: sociedade e cidadania*, encontramos:

A falta de terras férteis, a escravização por dívidas e o interesse por obter ferro (material raro na Grécia) estimularam os gregos a buscar terras em áreas distantes. Eles fundaram, então, nas margens do Mar Mediterrâneo e do Mar Negro, dezenas de novas cidades (as colônias). (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 214)

Há um mapa da Colonização Grega na página 214:

Figura 15: Mapa das colonização gregas



Fonte:BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 214

Há também um box ao lado do texto na pág. 214:

Enquanto algumas colônias eram sobretudo assentamentos agrícolas, outras, como Náucratis (citada no mapa), eram postos de trocas comerciais. As colônias gregas tinham um governo próprio; eram, portanto, independentes da cidade-mãe. Mantinham com elas apenas laços comerciais e culturais (língua, religião e costumes). A expansão dos gregos pelo Mediterrâneo difundiu a civilização grega do Mar Negro ao Estreito de Gibraltar. Por possuir um grande número de colônias gregas, o sul da Itália ficou conhecido como Magna Grécia (Grande Grécia). Ao fundarem colônias, os gregos levaram consigo uma forma de organização peculiar: a cidade-Estado (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 214)

Também, há o seguinte exercício:

Dialogando...

1. Observe o mapa e responda: onde fica a mais oriental das colônias gregas?
2. E a mais ocidental?
3. Qual foi a principal via de expansão dos antigos gregos?" (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.214)

E:

5. Sobre a colonização grega responda:

- a) Que razões levaram os antigos gregos a fundar colônias na orla do Mediterrâneo?
- b) O que era uma colônia grega?
- c) Em quais continentes os gregos fundaram colônias?
- d) A Grécia não chegou a formar um país único na Antiguidade. No seu momento de maior esplendor, era composta de centenas de cidades-Estado denominadas *pólis*. Então, se não era o governo, o que dava unidade aos gregos? (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.226)

Vemos em citações anteriores ocultadas relações entre gregos e outros povos: estes são apresentados apenas como colonizados. A cultura grega é entendida como difundida além pelo Mediterrâneo, e não transformada em fusão com outras. Já o exercício sobre o mapa da colonização grega induz a pensar na amplitude da colonização, entre o ponto mais ocidental ao mais oriental; perdendo a oportunidade de trabalhar com isso a proximidade e ligação entre a cultura grega e outras culturas com que tinham relação. Vemos também destaque ao modelo de cidade-Estado, porém com tonalidades mais interdependentes e relacionadas dos diversos agrupamentos do mundo grego. Isso torna-se mais perceptível no exercício cinco, na página 226. Já no livro *Integralis*, encontramos concernente ao modelo da *pólis* grega:

#### **Dividindo a história**

Costuma-se dividir a história da Grécia Antiga em diferentes períodos, que se estendem desde o processo de povoamento da Hélade, como era conhecido o lugar, até a conquista dos povos locais pelos romanos. Esses períodos são:

(...)

•**Arcaico (entre os séculos VIII e VI a.C):** quando ocorre a dissolução dos *genos* e a formação das **cidades-Estado** (*polis*).

(...)

(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.113-114)

E:

No Mar Egeu, o relevo acidentado o território fragmentado em inúmeras ilhas dificultavam a comunicação por terra. Em contrapartida, o litoral recortado tinha inúmeros portos naturais, que facilitavam o contato entre a costa asiática e outras

áreas do Mediterrâneo. O mar era relativamente calmo, exceto no inverno. O solo, por sua vez, era pobre e havia poucos recursos minerais.

Tudo parecia favorável à vida no mar. O resultado foi o desenvolvimento de intensa prática comercial, sustentada por boa produção artesanal. De acordo com alguns historiadores, essas características geográficas contribuíram também para a formação de uma sociedade fragmentada, com cidades autônomas, cada qual com um governo próprio. (...) (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.116)<sup>43</sup>

Além disso, há questões junto a um mapa do povoamento da Grécia Antiga, já reproduzido nessa pesquisa na Figura 3 (na página 43 dessa pesquisa):

1. Discutam como as características naturais influenciam na formação de uma sociedade.
2. Justifiquem a localização dos diferentes grupos com base no mapa da formação da Grécia Antiga.
3. Apresentem o trabalho para os demais grupos. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.116)

Adota-se no livro o modelo autóctone da pólis grega, em que se coloca o caráter da “originalidade grega” e apela-se ao isolamento da Grécia como fundamento. A geografia determina o homem nesse modelo. Porém, há uma valorização de entender a colonização grega como um fenômeno de inter-relação entre gregos, conforme citação anterior:

De acordo com alguns historiadores, essas características geográficas contribuíram também para a formação de uma sociedade fragmentada, com cidades autônomas, cada qual com um governo próprio. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.116)

Por outro lado, segundo o livro:

Na Grécia Antiga (...) As cidades se constituíam como uma **comunidade de cidadãos**. Nem todos, porém, podiam participar; estavam excluídos os estrangeiros(...)

Os que pertenciam à comunidade eram responsáveis por formular suas regras de funcionamento. Essas regras recebiam proteção divina e deviam ser seguidas por todos. Tratava-se de uma situação diferente daquela vivida pelas sociedades do Oriente Próximo, em que se acreditava que as leis surgiam como manifestação da vontade dos deuses. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.127)

Creio que há um juízo de valor significativo na afirmação anterior. Contrapor a sociedade grega como aquela que decidia comunitariamente suas decisões frente às do

---

<sup>43</sup> Encontra-se também as questões abaixo:

4. O que eram as cidades-Estado? Defina essa forma de organização.

5. Explique a crise que proporcionou a formação das cidades-Estado. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.124)

O Oriente Próximo que assim não agiriam é ignorar inúmeros pontos da participação da população no Oriente Próximo e da não-participação na Grécia. Encontramos a ideia de monarquia e de tirania na Grécia Antiga também, e a ideia de uma concepção plural de governo no Oriente Próximo (na medida dos considerados aptos para isso, como na Grécia também se seleccionava quem participaria das decisões da cidade). Encontramos decisões coletivas entre mesopotâmicos nos seus primórdios, segundo Bailkey(1967), em que as decisões eram tomadas em consonância com uma oligarquia. Progressivamente, porém, conforme o autor, as assembleias oligárquicas foram sendo substituídas pelo poder tirânico de reis, diante do quadro de disputas sociais: a Mesopotâmia teria vivido tanto o regime monárquico como oligárquico, mas nunca evoluído para a experiência radical da democracia grega. Porém, não podemos desconsiderar certo paralelismo, com inclusive algumas leis sociais feitas a favor dos mais pobres nessas sociedades, à semelhança da obra de Sólon em Atenas. Também havia paralelos nas narrativas religiosas da Mesopotâmia com um ideal democrático/aristocrático: os deuses se reuniram em assembleia e nessas decidiram; com um deus central a comandar os outros, primordialmente Enlil, posteriormente Marduk. Se pensarmos que as experiências de democracias mais radicais gregas nunca incluíram a totalidade da população- deixando de fora escravos, mulheres e estrangeiros- não se torna tão distante a comparação entre os sistemas de governo; ainda mais considerando o caráter excepcional, breve e fugaz que foi a experiência democrática grega, que voltou a culminar na monarquia, de modo tão extremo como no Império Macedônico e depois nos Helenísticos.

Já entre os fenícios, por outro lado, conforme Stockwell(2009), ainda que estes mantivessem uma sociedade monárquica, há referências que apontam para a existência de conselhos, assembleias; seja de anciãos, magnatas ou príncipes-mercantes(*merchant princes*); as referências são de múltiplas fontes, como a Bíblia, as egípcias *Cartas de Amarna*, o também egípcio *relatório de Wenamun*( *Report of Wenamun* ), relatos romanos de Arriano sobre o período de Alexandre Magno, um relato datado do Império Romano vindo do historiador Flávio Josefo sobre o conselho de Tiro e inclusive fontes como documentação diplomática assíria. Também o historiador grego Políbio comparou Cartago como uma cidade governada pelos clamores populares, ao contrário de Roma. Há possibilidade significativa dos fenícios terem influenciado com suas ideias cidades mercantis gregas, segundo o autor.

Asheri(2006.p. 86-97) aponta a existência, por outro lado, de uma monarquia populista em determinado período do Império Persa<sup>44</sup>, ao ponto de poder ter inspirado Heródoto a escrever o famoso debate entre os persas Dario, Otanes e Megabizo de qual forma de governo se deveria adotar após assassinarem o imperador anterior, cada um representando uma opinião: a monárquica, a oligárquica e a democrática. Por mais que geralmente posta como fantasiosa tal passagem, em que Heródoto usaria de um recurso narrativo para discutir os regimes políticos gregos, pode não ser, segundo Asheri, uma mera mentira deliberada de Heródoto, Se pensarmos também a contemporaneidade da gênese da democracia em Atenas com a do Império Persa, não soe absurda a comparação de Heródoto. Uma constante encontrada nos livros tem sido reputar a democracia somente aos gregos. Se pensarmos, por exemplo, o quanto a Bíblia- uma literatura semita- influenciou o caráter democrático da Revolução Inglesa, como nos aponta Hill(1987) deveríamos refletir mais a respeito. Já sobre a expansão colonial grega, encontramos estes comentários no livro *Integralis*:

A conquista de novos territórios, a partir do século VIII a.C., foi acompanhada por intenso fluxo migratório. Começava a **Segunda Diáspora Grega**, que durou mais de 200 anos. Esse movimento resultou na formação de inúmeras colônias pelo Mediterrâneo, sobretudo no sul da Península Itálica (Magna Grécia) , no norte da África, no Mar Negro e na Ásia Menor.

Nesses lugares, surgiram cidades como Bizâncio, Siracusa, Nápoles, Nice e Marselha (Massília). No início, o movimento de colonização foi realizado por pessoas que buscavam principalmente terras agricultáveis. À medida que aumentaram os interesses econômicos e políticos, entretanto, a expansão passou a ser gerenciada pelas cidades-Estado, que se fortaleciam no território da Grécia Antiga. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.122)

Há um mapa sobre a Expansão Colonial Grega com legenda<sup>45</sup> que reproduzimos::

*Figura 16: Mapa da expansão colonial grega no século VIII a VI a.C.*

<sup>44</sup> Segundo o autor(Asheri, 2006, p.96):

Ciro, Cambises e Gaumata tinham personificado, em menos de trinta anos, três formas diferentes de monarquia imperial: a realza paternalista, o despotismo autoritário, a monarquia populista. Uma escolha entre essas formas possíveis de regime monárquico impunha-se após o golpe de estado. Mas trata-se sempre de uma escolha entre formas diferentes de monarquia. Não que no Oriente não existissem as premissas teológicas para uma crítica do regime monárquico: não poucos textos do Antigo Testamento atestam sua existência e vitalidade.

<sup>45</sup> “Entre os séculos VIII e VI a.C., o Mundo Grego apresentou uma expansão territorial a partir do estabelecimento de colônias comerciais e do povoamento em diversas regiões do Mar Mediterrâneo.” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.123)



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.123

Novamente, a Grécia é pensada pelo viés eurocêntrico. Mesmo a expansão grega pelo Mediterrâneo e pelo Mar Negro levam a explicações que impedem uma abertura multicultural significativa. Os gregos ora são pensados por um viés nativista, ora europeu.

Resumidamente, penso que se possa dizer dos livros didáticos vistos abordarem a colonização grega por uma perspectiva centrada na Grécia e na pólis grega, com pouca referência a outras culturas, sempre postas de forma nunca superior à grega; em alguns casos, postas em posição inferior. Por outro lado, há alguns ensaios de abertura em alguns livros ao multiculturalismo no ensino para as relações étnico-raciais; tímidos, no entanto. A maior abertura seria sugerir da filosofia emergir como um resultado multicultural do Mediterrâneo, conforme sugere o livro *Araribá* (APOLINÁRIO, 2014) ou de haver semelhanças entre as cidades-Estado gregas e de outros povos do Oriente Próximo.

Porém, há inúmeros pontos que poderiam ser abordados e não o foram. Toda a rica contribuição que Buckert(1992) trouxe a respeito é completamente ignorada. As discussões de contribuições literárias asiáticas para a Grécia, ou a tradição dos videntes e curandeiros, associações de criaturas mitológicas e divindades semitas a gregas (como no caso da Medusa,

de Apolo, de Afrodite, de Hera), as comparações em paralelo entre o panteão grego e mesopotâmico (como no caso da tríade Zeus- deus dos céus-, Poseidon- deus dos mares- e Hades- deus do submundo e da terra com Anu- deus do céu-, Enlil- deus dos ares-, Enki- deus das águas-, ou ainda a tríade Anu-deus do céu-, Adad- deus dos ventos- e governando a terra Sin- deus da lua- e Nirgal-deus do submundo-) (BUCKERT, 1992, p. 1-129, p. 90), as contribuições vocabulares e contribuições artísticas, absolutamente, são ignoradas.

Por outro lado, o modelo da colonização grega focada na Pólis pode também reforçar um caráter nativista e logo etnocêntrico- e conseqüentemente, eurocêntrico- às colônias gregas. Em alguns livros vemos uma abertura em pensar as colônias gregas por uma visão um pouco mais próxima da de *sistema-mundo* (*world-system*), o que penso favorece a um ensino menos eurocentrado.

Além desses, cabe tocar no que se narra em relação a Atenas e Esparta. Ambas cidades são postas como exemplares em todos os livros, reproduzindo uma historiografia tradicional que ignora outros modelos de pólis e mesmo de sistemas políticos diversos na Grécia Antiga (ARAUJO, 2018, p.55-56) Em ambos casos, há algumas citações tímidas sobre a presença de estrangeiros e de relações entre pessoas de diferentes origens étnicas. Porém, novamente, isso se dá de uma forma inferiorizada ou invisibilizada. No caso de Esparta, pode-se argumentar que a visão é sempre necessariamente negativa, se não são ocultados os aspectos étnicos. Também não se problematiza de origens étnicas dos estrangeiros ou locais que não sejam as indo-europeias; exceto quando para comentar que tais estrangeiros são escravos. Talvez o modelo centrado na pólis como realidade última política na Grécia Antiga reforça tal abordagem. Vejamos a seguir.

No livro *Apoema* encontramos sobre Esparta:

Os dórios ocuparam a Lacônia(...) no século IX a.C., e lá fundaram a cidade de Esparta. Após dominar a população nativa (os aqueus), os espartanos (ou lacedemônios) expandiram seus domínios, conquistando a fértil região de Messênia e escravizando sua população (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.207)

Sobre a cidade de Atenas vemos “METECOS- Estrangeiros e seus descendentes livres, sem direitos políticos, comerciantes que pagavam tributos ao Estado.” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.209) [*informação em imagem de pirâmide social legendada*]. Há a

citação de prisioneiros de guerra podendo ser escravos, sendo estes de variadas etnias:

A origem do escravo ateniense variava, sendo as mais comuns prisioneiros de guerra, prole escrava (o filho de uma mulher escrava era escravo) e comprados em polos de comercialização de cativos. Pessoas de qualquer condição social, nível intelectual ou credo religioso podiam ser escravizadas, se fossem derrotadas militarmente.

As revoltas de escravos foram poucas em razão(...) também da mistura de diversas etnias (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.209)

Comenta-se incentivo de Pisístrato ao comércio com outras *pólis* e terras estrangeiras:

“Pisístrato (...) Procurou desenvolver o comércio, estabelecendo relações com outras cidades-Estado gregas e regiões estrangeiras (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.211)

Cita-se também da ausência de direitos políticos para estrangeiros em Atenas:

Os escravos, os estrangeiros e as mulheres não tinham direitos políticos. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.211)

Os estrangeiros em Atenas ou- no caso de Esparta- as etnias outras (nem mencionadas) são os escravizados ou sem direitos nos trechos citados. Qualquer protagonismo não-grego(ou que não da elite local indo-europeia, no caso espartano) é desconsiderado, e no caso de Esparta, se vê o realce à conquista dória sobre as populações locais. Só se cita dois povos indo-europeus como origem para Esparta. Há também- no que refere-se á Atenas- uma citação de Pisístrato ter desenvolvido o comércio com regiões estrangeiras não-gregas, porém, sem aprofundar no tópico.

Já no livro *Mosaico* percebemos sobre Esparta: “Foi fundada no século IX a.C. pelos dórios” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.218) e:

**Espartanos ou espartiatas**

- descendentes dos dórios
- controlavam o poder político e militar

**Periecos**

- grupo social de origem incerta, provavelmente descendente dos aqueus
- dedicavam-se à agricultura em seus próprios lotes de terras, bem como ao artesanato e a atividades de troca
- serviam o Exército em caso de guerra (como os hilotas), mas possuíam melhores condições de vida que estes últimos

**Hilotas**

- eram a maioria da população
- camponeses descendentes daqueles que foram vencidos pelos espartanos
- escravos, pertenciam ao Estado, que podia cedê-los aos espartanos(VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.219)

Sobre Atenas encontramos: “Atenas foi fundada pelos jônios, no final do período Homérico, quando a região escapou da conquista dos dórios”, “Outro grupo social importante(...) era o dos **metecos**, indivíduos vindos de outros lugares atraídos pela economia e cultura atenienses.” e “Porém, só eram considerados cidadãos os indivíduos adultos, do sexo masculino, livres e nascidos em Atenas. Mulheres e escravos e metecos continuaram sem desfrutar de direitos políticos.” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.221,p.221, p.222)

Podemos dizer sobre os trechos acima sobre Esparta e Atenas que os indo-europeus dórios são representados, os estrangeiros são os sem direito e/ou de quem nada sabemos. Os Hilotas não tem descendência citada, exceto como os que foram dominados pelos espartanos, isto é, os dórios. Já no livro *Piatã*, vemos sobre Atenas:

Entretanto, nem todos os habitantes de Atenas eram considerados cidadãos: apenas os homens livres nascidos na cidade e maiores de 18 anos. Os estrangeiros, as mulheres e os escravos eram excluídos do direito à cidadania.”(p.144)

“Para os gregos, a noção de democracia era bastante diferente da que hoje experimentamos e acreditamos ser “universal”(...

Na concepção desta antiga sociedade, aqueles que não compartilhavam dos mesmos costumes de Atenas não poderiam ter a compreensão necessária para escolher o melhor para a pólis. (...)

(RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.146)

E:

**Metecos:** estrangeiros que viviam em Atenas. A lei não lhes permitia direitos políticos ou a posse de terras, além de proibir o casamento com mulheres atenienses. Os metecos dedicavam-se ao comércio e ao artesanato. Eram obrigados a pagar impostos e a prestar serviço militar. (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.149)

Nesse caso, a questão étnica nem é levantada no caso de Esparta. Já no de Atenas, mantém-se a mesma abordagem dos metecos como sem direitos. Já no livro *Araribá*, há os seguintes trechos sobre Esparta:

A pólis de Esparta tem sua origem com a chegada dos dórios à Península do Peloponeso. Eles dominaram toda a região, se apropriaram das melhores terras e fundaram a cidade de Esparta. Seus descendentes chamados de **esparciatas**, controlavam as instituições políticas da cidade e se dedicavam às atividades militares durante a maior parte da vida.

(...)

Você talvez se pergunte: se os esparciatas viviam para a guerra, quem produzia

alimentos e outros bens necessários à sobrevivência da população? Essa tarefa era exercida pelos **hilotas**, antigos habitantes da região que foram dominados pelos dórios e transformados em servos. Eles não tinham direitos políticos, eram obrigados a cultivar a terra dos esparciatas e a entregar a eles parte do que produziam.

Os habitantes dos arredores de Esparta formavam um grupo de homens livres chamados **periecos**. Eles se dedicavam à agricultura, ao artesanato e ao comércio e, como os hilotas, não tinham direitos políticos. (APOLINÁRIO, 2014, p.156)

Há também o seguinte trecho: “Fundada pelos dórios na região da Lacônia (...) Esparta preservou seu espírito guerreiro” (APOLINÁRIO, 2014, p. 156) No livro, se ressalta em Esparta o protagonismo dório, única origem étnica antepassada apresentada. Os hilotas são dominados e os periecos não tem direito, segundo o livro citado.

Sobre Atenas, há o seguinte comentário:

Os aristocratas possuíam muitos **escravos**, (...)O restante dos atenienses compunham o **demós**, (...) Havia ainda os **metecos**, como eram chamados os estrangeiros e seus descendentes. Excluídos da vida política, esses grupos foram, pouco a pouco, demonstrando seu descontentamento com o governo aristocrático (APOLINÁRIO, 2014, p.158)

E também: “(...)estrangeiros(...) não eram considerados cidadãos.” (APOLINÁRIO, 2014, p.159). Em Atenas, porém, ressalta-se um possível protagonismo meteco, atuando junto dos escravos e do demós em descontentamentos contra a aristocracia. Porém, novamente, a única coisa da qual sabemos deles, é de serem excluídos da vida política.

No livro *História: sociedade e cidadania* encontramos sobre Atenas vemos: “Atenas foi fundada pelos jônios por volta do século X a.C.”, “os **estrangeiros** (chamados em Atenas de metecos) **não** eram, considerados cidadãos e, portanto, não tinham direito de participar da política” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.215, p.216) e:

#### **Escravos, mulheres e estrangeiros**

Apesar do fim da escravidão por dívidas, o número de escravizados em Atenas continuou grande, pois os atenienses passaram a comprar cativos de outros lugares como o Egito. Os escravizados faziam vários tipos de tarefas: os homens cuidavam do gado, carpavam a terra, plantavam, colhiam; já as mulheres moíam grãos, fiavam, teciam, cozinhavam e cuidavam das crianças e da casa de seus donos (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.217)

Os estrangeiros, novamente, são os sem direito e- aqui- associados aos escravizados. Curiosamente, nos livros didáticos analisados, sempre ao se citar etnicidades não-gregas dentre os escravos, se comenta em etnicidades afro-asiáticas. Nesse caso, do Egito, na África.

Sobre Esparta, encontramos: “(...) foi fundada pelos dórios, que, depois de conquistar os povos vizinhos, os submeteram ao seu domínio.” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 218) e:

Por volta do século VIII a.C., a sociedade espartana estava dividida em três grupos sociais.

Os **espartanos** eram donos das melhores e maiores terras e os únicos que podiam ocupar cargos políticos e militares.

Os **periecos** eram homens livres sem direitos políticos e dedicavam-se ao artesanato, ao comércio ou ao cultivo de uma pequena propriedade.

Os **hilotas** eram descendentes dos **messênios**, povo derrotado pelos espartanos. Os hilotas eram de propriedade do Estado e podiam ser entregues aos cidadãos espartanos para trabalharem. (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.219)

Além disso, vemos:

Ao completar 16 anos, passavam por uma série de provas, das quais a mais terrível era a *Krypteia*: levantavam-se de madrugada, armavam-se de punhais e, em bandos, invadiam as casas dos hilotas para assassiná-los. Com isso, os espartanos regulavam o crescimento da população hilota..(BOULOS JÚNIOR, 2015, p.220)

Se cita alguma etnicidade aos hilotas como messênios; o que não se pode associar exceto com a região grega da Messênia. A outra etnia ressaltada é a indo-europeia dória. Se comenta de novo a dominação da elite, aqui junto do relato da kriptía.

No livro *Integralis* encontramos sobre Esparta:

A origem de Esparta é incerta. (...) No final do período Micênico, a cidade enfrentou a invasão dos dórios e passou por grandes mudanças.

Entre os séculos VIII e VII a.C., a escassez de terras férteis levou seus habitantes a conquistar a região vizinha da Messênia. Parte significativa dos habitantes desse lugar acabou transformada em escravos. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.128)

Aparece aqui a narrativa dos dórios invasores que subjagam as populações locais, populações às quais não é dada etnia alguma. Já sobre Atenas:

Atenas localizava-se próxima ao litoral e contava com dois portos naturais, Faleros e Pireu, utilizados para o comércio de longa distância. Até o século VIII a.C., a população local dependia de uma economia agrária, com solo favorável para o plantio, por exemplo, de oliveiras. Em diversas áreas, a boa madeira garantia mais matéria-prima para a construção de embarcações. Existiam ainda riquezas minerais (prata e chumbo) e boa argila para a fabricação de cerâmicas

Com o início da Segunda Diáspora Grega, em meados do século VIII a.C., o Mar Egeu transformou-se em um movimentado centro de comércio. Atenas, então, colheu os frutos, crescendo e unificando diversas comunidades, além de sofrer profundas transformações nas ordens política e social. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.130)

Aqui aparecem alguns pontos interessantes. Se comenta da importância das relações comerciais de Atenas em suas transformações internas. Igualmente se coloca: “**Sólón** iniciou reformas mais amplas. (...) Estimulou ainda o comércio e o artesanato, promovendo a entrada de artesãos estrangeiros, os **metecos**.” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.132). Se põe desse modo como um fator essencial nas transformações que Atenas viveu o comércio marítimo, citando também a maior presença dos metecos na cidade como um dos pontos de mudança que a cidade viveu. Entretanto, os estrangeiros não são analisados com profundidade, nem se cogita da Ásia e da África ter alguma relação nesse quadro. Igualmente, se ressalta dos estrangeiros não terem direitos como cidadãos em Atenas: “Porém, nem todos os atenienses eram considerados **cidadãos**: mulheres, estrangeiros e escravos estavam excluídos do novo modelo” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.133)

Sinteticamente, penso que há um ocultamento geral da contribuição afro-asiática à Atenas e à Esparta em todos livros analisados. Igualmente, há uma tendência de se abordar pontos negativos relacionados à diversidade étnica na Grécia. Os estrangeiros são vistos pelo olhar do “não”: aqueles que não tem direitos políticos, aqueles que são muitas vezes escravos. Somente se cita origens étnicas quando indo-europeias ou- se afro-asiáticas- no que concerne à escravidão. No caso dos hilotas, população grega, reputada como nativa da Messênia, são citados como subjugados pelos indo-europeus dórios. Ainda que os livros didáticos devam abordar pontos de conflitos sociais, de disputas, de opressões de um povo a outro, devem igualmente abordar tópicos que envolvam visões positivas da pluralidade étnico-cultural. Apenas em um livro viu-se como significativo o comércio promovido pelos metecos para o desenvolvimento de Atenas. Noutro livro encontramos uma visão de certo protagonismo dos metecos nas mudanças sociais em Atenas. No restante, há um silêncio no que se refere a contatos positivos entre gregos e estrangeiros e inclusive entre gregos e gregos, em Esparta com os hilotas e- em parte- com os periecos. Igualmente, há um silêncio sobre o protagonismo de estrangeiros e em Esparta entre gregos que não eram da aristocracia local. A história de Esparta é feita- conforme os livros- centralmente pela elite esparciata, descendente dos dórios.

Deixou-se de lado inúmeras referências de viagens de atenienses e espartanos ao Egito e outros povos na Ásia, como de Licurgo e Sólon (BERNAL, 1987, p.53; p.106). Ignorou-se o quanto a sociedade ateniense e espartana possam ter seu passado ligado aos egípcios, como no

caso dos míticos Heráclidas em Esparta e Kekrops em Atenas (BERNAL, 1987, p.53; p.19) ou da possível relação genética entre Atenas e a cidade egípcia de Sais (BERNAL, 1987, p.22-23), da plausível relação entre a deusa patrona da cidade com a deusa egípcia Neit (BERNAL, 1987, p.52). Igualmente, ignora-se a relação fenícia que Aristóteles viu entre a constituição política de Esparta e de Cartago. (STOCKWELL, 2009) ou relações feitas por Plutarco, Heródoto e Isócrates entre as origens da constituição política de Esparta com o Egito (BERNAL, 1987, p.104-105).

Na análise geral, da época Homérica até a gênese do Período Clássico, a Ásia e a África mantêm um caráter subalterno, se não desprezível, para a História grega. Deixa-se de lado pontos de possíveis influências religiosas e científicas, bem como políticas. Há algumas referências artísticas, porém em um caráter inferiorizado em um caso. Mesmo a expansão colonial grega não rompe o eurocentrismo na narrativa; se descreve o passado por uma perspectiva em que africanos e asiáticos não tenham na História grega fala, influência nem significância central. Em relação à expansão colonial grega, não se cita geralmente a anterioridade do contato e da presença minoica em regiões do Mediterrâneo, tanto na África quanto na Ásia. Mesmo que tais narrativas nos livros didáticos possam ser decorrentes da bibliografia especializada consultada pelos autores; todavia, penso que deva-se buscar conhecer novas perspectivas, que dialoguem por caminhos menos eurocêntricos e mais multiculturais, como nossa legislação estabelece. Entretanto, ainda não se abordou os temas centrais onde as relações entre gregos e afro-asiáticos são expressas de modo recorrente: os livros didáticos vem representar e muito os contatos com a Ásia e em parte com a África (isto é, Egito) a partir do conflito com os persas e a posterior dominação grega de seu Império.

## **5. Do perigo à conquista: dos persas ao Período Helenístico**

Neste capítulo, se pretende analisar os excertos dos livros didáticos encontrados no que tange as relações com os medo-persas e seu império, bem como a dominação macedônica da Grécia e posteriormente dos outrora domínios persas, além do Período Helenístico. Percebeu-se que a abordagem de outros povos e culturas nas regiões afro-asiáticas tornaram-se mais frequentes nos livros didáticos. Porém, notamos, em relação aos persas, serem estes apresentados quase que somente pelos conflitos bélicos, como inimigos dos gregos; não abordando possíveis influências outras no Período Clássico. Já a conquista macedônica do Império Persa é apresentada frequentemente de forma cultural, no sentido dos “benefícios” aos considerados “orientais” de conhecerem a cultura grega e poderem- de algum modo- fundir-se a ela. O Período Helenístico é apresentado geralmente nesse sentido também, o dos benefícios culturais da fusão dos “orientais” com os helênicos.

Aqui é sugerido que se representam os povos asiáticos e africanos (isto é, no caso do Egito) somente através da mediação do eurocentrismo pró-helêno. Os “orientais” ganham espaço na medida em que são representados como subalternos, contribuintes e receptores da cultura helênica. Já os persas, são representados quase que totalmente apenas como inimigos. Penso que, nesse sentido, a obra de Spivak(2012) dialoga, ao pensarmos de ser negada “voz” ao subalterno, isto é, impossibilitada é a sua representação, exceto se mediada pelo discurso do poder dominante(aqui, o eurocentrismo). Igualmente, as reflexões sobre o que Said(2007) defende ser o “Orientalismo”, uma representação genérica e logo simplista de populações e culturas dos denominados “orientais”, postos de uma forma subalterna aos que se consideram “ocidentais”(nesse caso, os gregos), tornam-se úteis a essa pesquisa. Quando se comenta sobre o Período Helenístico, percebe-se muito ideias como Oriente e Ocidente nos livros didáticos. No geral, mesmo quando representadas, as influências afro-asiáticas estão ainda sob a visão eurocêntrica de História nos livros didáticos vistos.

### **5.1 Os Persas e o Período Clássico**

Ao adentrarmos nos contatos entre gregos e persas, novamente os livros didáticos mantém certa distância entre estes e aqueles. A guerra contra o Império Persa certamente não

pode ser negada, ocultada; porém é a isso que se resumem as relações entre gregos e persas na maioria dos livros didáticos vistos. Não se associa fortemente o Período Clássico com os persas exceto pela guerra. Os Persas não teriam papel preponderante exceto em incitar guerras entre os gregos na maioria dos livros. Mesmo com a Guerra Medo-Pérsica tendo sido fundamental na História política de- por exemplo – Atenas e Esparta(HOLLAND, 2006 ), não se associa o desenvolvimento político dessas cidades nesse sentido; exceto na influência por meio da guerra na formação da Liga de Delos (e assim da Liga do Peloponeso). Isto é, suspeitamos um caráter forte de subalternidade dado aos persas, em que eles não têm importância nem voz alguma na cultura grega, exceto como detonadores de conflitos e guerras. Na maioria dos livros, todo desenvolvimento da democracia e da filosofia no Período Clássico fica à parte, explicado de forma a excluir o Império Persa da narrativa. Podemos encontrar até mesmo no meio de textos acadêmicos -para além dos didáticos- citações como de Holland(2008, p.172-173), obra lida para essa pesquisa:

Os primeiros filósofos podem ter surgido no âmbito do império persa, mas dificilmente se poderia considerar que apoiassem as alegações e ideais do Grande Rei. Onde Dario enxergava, na ascensão ao poder de seu povo, certa evidência de encorajante benevolência de Ahura Mazda, um ousado jônio veria apenas a ação de princípios da natureza. Já quanto o caráter desses princípios, isso seria também tema de acalorado debate. Um sábio poderia argumentar que o mundo era formado inteiramente de ar; assim sendo, reduzindo todo o Império Persa e suas obras ao simples interregno entre condensação e rarefação. Um outro poderia sustentar a idéia contrária de imanência da verdade, da justiça ou da retidão, mas tão somente o fluxo incensante. Para tal filósofo, a crença em uma ordem mais profunda que poderia existir por trás deste fluxo seria nada mais do que uma estúpida pretensão. “Todas as coisas são constituídas de fogo e todas as coisas se dissolverão de volta ao fogo.” Não havia muito nisso com o que um propagandista na corte satrapal pudesse trabalhar.

Há uma aparente má vontade em associar certos fenômenos gregos ao exterior não-grego, no que se considera de legado ao Ocidente, como a democracia ou a filosofia. Mesmo que os persas, por exemplo, no caso do excerto acima, estivessem dominando a Jônia em plena expansão da filosofia grega a partir de tais terras, pouco eles relacionaram-se com isso, segundo Holland(2008). Por outro lado, a Pérsia, se tomarmos Hall(2001) como referência, pode ter sido o grande catalizador da identidade grega, em que estes puderam criar um significado comum do que seria os helenos, em contraposição aos persas bárbaros. Os persas seriam o grande “Outro”, o espelho orientalizante em que o Ocidente se enxergaria, conforme

Said(2007) defende do rótulo genérico dado aos considerados orientais pelos que se creem ocidentais. Penso que esse ponto, trabalhado por Hall(2001), bem que possa estar presente nos livros didáticos; de o quanto o contato com os persas fomentou mudanças gerais- e não só bélicas ou ainda políticas- no período clássico.

Segundo Balcer(1983), por exemplo, podemos pensar o contato dos persas com os gregos no sentido de aculturação. Os gregos teriam, de certo modo, vivido mudanças culturais graças aos persas, recebendo suas influências culturais. Além de aspectos políticos, como nos apontam Araújo(2018) e Asheri(2006), podemos pensar mudanças- por exemplo- na religião na Ática, bem como artísticas e militares. O teatro grego pode ser visto também como resultante do conflito com os persas. Igualmente, se encontrou em Sardes estátuas de Ahura-Mazda, tumbas ao estilo persa, uma estátua da deusa iraniana Anahita e altares de fogo zoroastristas. Por outro lado, houve grande presença de gregos refugiados na corte persa, dentre esses, artesãos. (BALCER, 1983, p. 257-267; p. 260-262, p. 266) Sem adentrar na problemática noção de aculturação, penso ser interessante Balcer apontar mudanças culturais geradas pelos persas, para além da noção de aculturação. Segundo o livro *Apoema* :

Em meador do século VI a.C., os persas haviam estabelecido um vasto império na Ásia. Em 546aC, Ciro conquistou a Lídia e dominou as cidades gregas da Jônia (litoral da Ásia Menor) bem como as ilhas de Quios, Rodes e Lesbos. Mais tarde, Dario continuou a expansão dominando mais territórios.

O expansionismo persa feria os interesses de Atenas, que apoiou Mileto quando essa cidade se sublevou contra os persas. Mileto foi destruída, e seus habitantes foram vendidos como escravos. O apoio ateniense na revolta da Jônia enfureceu o grande rei, que resolveu invadir a Grécia europeia.

Dario I, rei dos persas, enviou uma esquadra e um grande exército para atacar a Grécia. A cidade de Erétria foi tomada, e seus habitantes foram deportados para a Pérsia. Em seguida, a tomada da Ilha de Eubeia colocou Atenas sob ameaça direta do inimigo. Os atenienses se prepararam para a luta e esperavam contar com o apoio de outras cidades, mas apenas a cidade de Plateia mandou uma pequena guarnição como reforço.

Os persas marcharam rumo a Atenas. No entanto, na Batalha de Maratona, em 490 a.C., os atenienses surpreenderam o exército persa, saindo-se vitoriosos.

Em 480 a.C., Xerxes, filho de Dario, atacou novamente os gregos com um grandioso exército e uma grande esquadra. Sob a liderança do general ateniense Temístocles, os gregos se prepararam para repelir o invasor, mas foram derrotados nas primeiras operações terrestres.

Para tentar impedir a invasão da Grécia, o rei de Esparta, Leônidas, assumiu o comando das forças gregas e colocou-se com seu exército no desfiladeiro de Termópilas, a fim de impedir a passagem dos persas. Os guerreiros espartanos e téspios lutaram até o esgotamento completo e perderam a batalha.

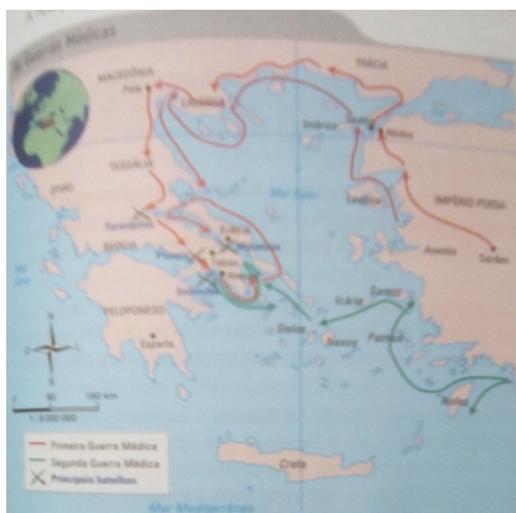
Os persas não foram detidos e, ao entrarem na Ática, ocuparam e incendiaram Atenas.

A reação grega veio na Batalha de Salamina. Temístocles comandava a frota grega, e procurou combater os persas no Estreito de Salamina, pois ali era o local adequado para atacar os pesados navios. Ele obteve uma importante vitória. Posteriormente, os persas reconheceram a hegemonia grega na Ásia Menor.

A vantagem dos helenos ao lutar em seu próprio terreno, o que facilitava o abastecimento e as comunicações, contrapôs-se à superioridade numérica dos persas. Em termos militares, a formação hoplítica dos gregos demonstrou superioridade em relação aos arqueiros e à cavalaria persa. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.213)

Há junto um mapa da Guerra Medo-Pérsica na página 213:

Figura 17: Mapa da Guerra Medo-Pérsica



Fonte: MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.213

Acima, os persas são relatados somente belicamente. Além disso, encontramos:

A vitória dos gregos sobre os persas deu a Atenas hegemonia sobre as cidades gregas. Para se defender desse povo inimigo, os gregos se organizaram em uma liga marítima, a Confederação ou Liga de Delos, assim chamada porque a sede ficava na Ilha de Delos.

(...)

O fortalecimento de Atenas gerou insatisfação em diversas cidades gregas, principalmente diante da acusação de apoderar-se das riquezas disponibilizadas para a Liga de Delos. Esse clima de desgosto, somado à rivalidade entre Atenas e Esparta, originou um conflito entre os gregos, a Guerra do Peloponeso(...)

(...) as sucessivas traições de Alcibiades- político ateniense que passou para o lado dos espartanos e depois fugiu para a Pérsia- e a pouca participação dos camponeses(...) enfraqueceram Atenas.

(...)

A Guerra do Peloponeso pôs fim à hegemonia ateniense na Grécia e deu certa tranquilidade à Pérsia, que recuperou a Jônia e passou a tirar proveito do mundo grego dividido.

(...)

A supremacia de Esparta chegou ao fim quando os espartanos entraram em conflito com os persas. Atenas, com o apoio dos persas, começou a se reerguer, contudo foram os tebanos que venceram os espartanos na Batalha de Leuctras, dando início à breve supremacia de Tebas.

Nesse contexto turbulento, Atenas, com o apoio da outrora inimiga Esparta, derrotou os tebanos em Mantinea. As constantes lutas entre as cidades gregas, no entanto, abriram caminho para a conquista macedônica. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.214-215)

Consta também um exercício a respeito:

Da perspectiva dos gregos do século V a.C., a Guerra do Peloponeso foi legitimamente percebida como uma guerra mundial(...)"

1. Por que o autor do texto diz que a Guerra do Peloponeso era entendida pelos gregos como uma guerra mundial? (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.215)

Acrescente-se exercícios junto de pintura sobre a Batalha de Termópilas que aqui não se reproduziram por não tocarem em nada a respeito dos persas, exceto: “O quadro Leônidas em Termópilas (1814) retrata o exército espartano durante as Guerras Médicas (409-479 a.C) preparando-se para a Batalha de Termópilas (480 a.C.), na qual seria derrotado pelos persas” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 219). Tal exercício reproduz um quadro francês, com corpos de gregos brancos em destaque, pela nudez geral da cena.

Em todos comentários vistos, aos persas cabe o papel apenas de invasor, inimigo, conspirador ou detonador de conflitos entre gregos, como no caso da Guerra do Peloponeso.

<sup>46</sup> Por outro lado, o livro compara a Guerra do Peloponeso com uma guerra mundial, mas não com o Império Persa, o que me gera espanto. Vejamos agora o livro *Mosaico*:

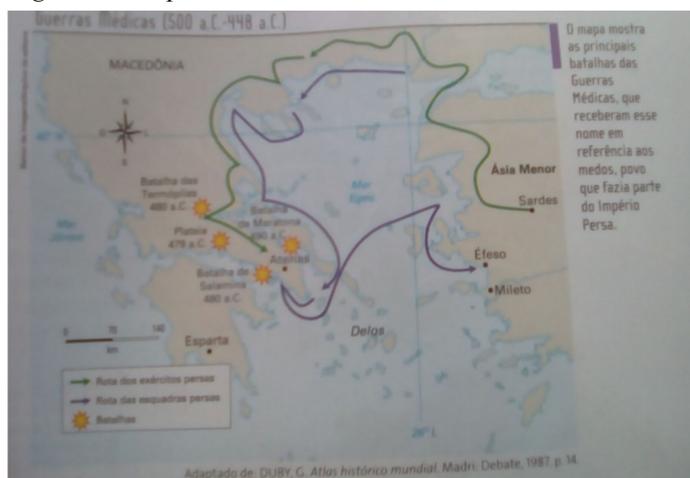
Vimos que os gregos se espalhavam por diversas regiões durante o Período Arcaico. Fundaram colônias na Europa, no norte da África e na Ásia Menor

Nesse processo, os gregos entraram em conflito com os persas, que já dominavam o Egito, a Mesopotâmia e regiões próximas, mas desejavam ampliar ainda mais seu território. A invasão da região grega da Ásia Menor pelos persas deu início às **Guerras Médicas**(500aC-448aC). Veja o mapa. [*mapa abaixo*]

---

<sup>46</sup> Se cita, porém, da existência de um grego, Alcebiades, que fugiu para a Pérsia, colaborando com o Império asiático.

Figura 18: Mapa das Guerras Médicas



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 233

Há um ponto que penso merece ser destacado então: os persas são representados não tanto como inimigos que invadiram as terras gregas, mas um Império que buscou contra-atacar a ofensiva grega. Penso isso ser um ponto positivo, apesar de, como veremos a seguir, no geral tal livro restringir os persas quase que somente aos aspectos bélicos:

Atenas foi ocupada e destruída durante a guerra. Para vencer o inimigo, os exércitos de várias cidades gregas se reuniram sob o comando de Atenas. Essa organização militar recebeu o nome de **Confederação de Delos**, pois as contribuições das cidades para a guerra, como armas, navios, ouro e alimentos, eram armazenados na ilha de Delos.

O Exército grego conseguiu, assim, retomar a Ásia Menor dos persas e dominar todo o mar Egeu.

Atenas continuou a liderar as cidades reunidas na Confederação de Delos mesmo após o fim das Guerras Médicas. Assim, Atenas desempenhou um papel imperialista sobre o mundo grego, dominando diversas cidades-Estado e colônias ao redor do mar Egeu. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.233)

Comenta-se o surgimento da Liga de Delos, diante do conflito bélico com os persas. A seguir, aborda-se o surgimento da liga do Peloponeso frente à Liga de Delos, bem como as guerras daí geradas, que teriam possibilitado a conquista macedônica:

Esparta(...) com outras cidades gregas, formou a **Liga do Peloponeso**. Essa liga militar recebeu esse nome porque reunia várias cidades localizadas na região do Peloponeso. As batalhas travadas entre a Liga e a Confederação de Delos são conhecidas como Guerras do Peloponeso.

(...)

As constantes guerras enfraqueceram as cidades gregas e permitiram a invasão e a conquista do território pelos macedônios (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.235)

O livro traça, a seguir, um resumo de suas ideias, em que as Guerras Médicas (com os Medo-Persas) são o detonador de uma era de conflitos bélicos que viriam afinal ao “enfraquecimento dos gregos” e fim da democracia. Há, junto, algumas questões.

### **VOCE PRECISA SABER...**

#### **O quê?**

\* Atenas exerceu hegemonia na Grécia durante o Período Clássico. Foi a época de guerras contra os persas( Guerras Médicas) e do governo de Péricles.

\* Atenas liderou a Confederação de Delos nas Guerras Médicas contra os persas, e sua hegemonia ganhou a rivalidade de Esparta.

\* Esparta liderou a Liga do Peloponeso e a guerra terminou com a vitória espartana, pondo fim à democracia e desencadeando novas guerras.

\* A Guerra do Peloponeso levou ao enfraquecimento dos gregos, que foram conquistados pelos macedônios do norte.

(...)

\* A força das armas e o comando militarizado se sobrepuseram às decisões consensuais da democracia, típicas das cidades gregas.

#### **Retome**

**1** O que foram as Guerras Médicas e quais as suas consequências para as cidades gregas?

(...)

**5** As guerras enfraqueceram as cidades gregas e facilitaram a invasão dos povos do norte da península Balcânica. Quem eram esses povos e quem os comandava?

(...) (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 236-237)

Também, se relata dos persas influenciarem (segundo se depreende da citação, artística e filosoficamente) junto de outros povos (mesopotâmicos e egípcios) os gregos: “Mesmo influenciados pelas civilizações orientais como a egípcia, mesopotâmica e a persa, os gregos desenvolveram conhecimentos filosóficos e artísticos próprios. Criaram uma forma de perceber o mundo, de conhecê-lo e expressá-lo.” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.241) e há a citação a seguir, em que se defende de haver “ciência” antes da Grécia:

Na Antiguidade clássica, a palavra “ciência” se referia a todas as formas de conhecimento e se confundia ora com a Filosofia, ora com a técnica. Também praticavam a “ciência” outros povos e culturas anteriores aos gregos. A “ciência” egípcia, assim como a babilônica, tinha caráter utilitário como contar rebanhos, medir propriedades, prever eclipses, curar doenças, etc. Para os gregos, porém, as atividades práticas eram consideradas tarefas de escravos. Com isso, eles se dedicaram mais ao pensar e aos discursos do que aos experimentos e às práticas que viessem a responder às necessidades cotidianas (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.241)

Ainda que apareça no livro dos gregos antigos terem recebido influências culturais e que as guerras contra os persas não são lidas somente como um ataque persa aos gregos, mas reação daqueles frente a ataques gregos. Porém, o relato das guerras contra os persas continua descritivo e pouco reflexivo. Prepondera a imagem bélica do persa, não se aprofundando quando se comenta noutros aspectos para além da guerra. Já no livro *Piatã*, encontramos:

**Período Clássico(500 a.C. a 338 a.C.)**

Última fase da história grega antiga antes de o território ser invadido e conquistado por impérios vizinhos. Esse período foi marcado pelo progresso da pólis, pela expansão colonial grega, pelo esplendor cultural de Atenas e por sua rivalidade com Esparta.

Os confrontos contra os persas, as **Guerras Médicas** e a **Guerra do Peloponeso**, entre Atenas e Esparta, provocaram o declínio das cidades gregas, facilitando a invasão dos exércitos da vizinha Macedônia (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.141)

Percebe-se a vinculação das guerras com os persas como motivo do declínio das cidades gregas, e não quiçá o contrário, no Período Clássico. Já em comentário a seguir, vemos mais um relato em que o persa aparece pelas lentes bélicas:

**Guerras Médicas**

As Guerras Médicas ou greco-pérsicas foram uma série de conflitos ocorridos entre o Império Persa e as cidades-Estado gregas. Foram assim denominadas porque os gregos chamavam de **medos** os povos da Ásia Central, como os persas e os próprios medos. Essa série de batalhas ocorreu entre 490 a.C. e 449 a.C., com a vitória dos gregos (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.141)

Abaixo, há excerto do mesmo livro citando a hegemonia ateniense após as guerras contra os persas, bem como a Guerra do Peloponeso que surgiu em contraposição:

A hegemonia ateniense deu-se após a vitória grega sobre os persas nas Guerras Médicas, mas acabou provocando a reação das demais cidades-Estado, lideradas por Esparta. A vitória espartana na Guerra do Peloponeso não gerou paz, apenas acarretou a transferência temporária da hegemonia para Esparta (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.142)

Além desses excertos, há nas páginas 162 e 163 um exercício sobre a batalha de Maratona, que não transcrevemos por não a problematizar a partir da temática Étnico-Racial,

ainda que diga da batalha ser contra o Império Persa. Também em exercício na página 151 aborda as Guerras Médicas, mas sem as problematizar na temática étnico-Racial.<sup>47</sup>

Percebe-se a linha narrativa do Império Persa como o causador do declínio das cidades gregas. Fora isso, apenas se relata factualmente a existência das Guerras Médicas, ligando-a à futura Guerra do Peloponeso. Os persas só são representados pelas lentes bélicas.

Já no livro *Araribá*, vemos:

No século VI a.C., os persas dominavam um vasto império no Oriente Médio. Conquistaram o Egito, a Mesopotâmia e toda a região da Ásia Menor, que incluía *poleis* como Mileto e Éfeso. Para responder à ofensiva grega, os persas avançaram mais a oeste e desembarcaram em Maratona, na Ática. Assim, em 490aC, começaram as Guerras Greco-Pérsicas. As cidades gregas, sob comando de Atenas, formaram a **Liga de Delos**. Seus membros se comprometiam a fornecer a Atenas recursos financeiros e militares para combater o inimigo. As hostilidades só terminaram quando persas e gregos assinaram um tratado de paz em 448 a.C. (APOLINÁRIO, 2014, p.159)

Sobre a Liga de Delos, ocasionada pelas guerras contra os persas e a posterior hegemonia ateniense, Guerra do Peloponeso e invasão macedônica, há o seguinte comentário:

Vimos que, ao final das Guerras Greco-Pérsicas, a cidade de Atenas tornou-se a pólis mais poderosa de toda Grécia, liderando uma aliança de cidades conhecida como Liga de Delos

Descontentes com a hegemonia ateniense, os espartanos reuniram outras *poleis* gregas criando a **Liga do Peloponeso**. Em 431 a.C., esses dois blocos entraram em conflito, numa disputa que envolveu praticamente todas as cidades gregas e ficou conhecida como Guerra do Peloponeso.

(...)

A partir de então, iniciaram-se intensas lutas entre as diversas cidades gregas, o que permitiu que elas fossem facilmente dominadas por outros povos. Primeiramente pelos persas, que retomaram o domínio sobre as *poleis* gregas da Ásia Menor. Em 338 a.C., foi a vez dos **macedônios** (...) (APOLINÁRIO, 2014, p. 168)

---

47 No caso:

No caderno, escreva o significado dos termos e expressões abaixo. Escolha dois termos e elabore uma frase historicamente correta com cada um e registre-as no caderno

- a) pólis
- b) genos
- c) Guerras Médicas
- d) *Iliada*
- e) Odisseia
- f) ágora
- g) Guerra do Peloponeso
- h) “presente de grego” (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.151)

Mantém-se, em trechos anteriores, as relações entre persas e gregos restritas à guerra. Porém, interessa citar o ataque persa como contra-ofensiva aos gregos. Já no livro *História: sociedade e cidadania*, encontramos:

#### **As guerras greco-pérsicas**

No século V a.C., quando a Grécia foi atacada pelo poderoso Império Persa, as cidades gregas deixaram de lado suas divergências e se uniram contra o inimigo comum. Tinham início, assim, as **Guerras Greco-Pérsicas**, que se prolongaram de 492 a 449 a.C. e foram vencidas pelos gregos. Pelo Tratado de Susa, os persas reconheciam o domínio dos gregos no Mar Egeu e comprometiam-se a não mais atacá-los.

#### **Gregos contra gregos**

Durante as guerras contra os persas, formou-se a **Confederação de Delos**: uma união de cidades gregas sob o comando de Atenas. Cada cidade-membro era obrigada a contribuir enviando para Atenas soldados, navios ou dinheiro. No entanto, o governante ateniense Péricles passou a usar o dinheiro da Confederação na construção de obras caras(...)

A política imperialista de Péricles provocou reações violentas na Grécia. Esparta aliou-se a outras cidades descontentes, formando a **Liga do Peloponeso**, e partiu para a guerra contra Atenas e suas aliadas. Essa guerra entre os gregos é chamada de **Guerra do Peloponeso**(...)

Enfraquecidas, as cidades gregas acabaram sendo conquistadas pelo exército de Felipe II, rei da **Macedônia**, em 338 a.C.(BOULOS JÚNIOR, 2015, p.221)

Há os seguintes comentários em boxes laterais:

#### **Guerras Greco-Pérsicas**

Essas guerras são chamadas também de médicas, pois os gregos chamavam os persas de medos.

(...)

#### **Macedônia**

Região localizada no norte da Grécia. Seus habitantes falavam a língua grega e se consideravam gregos. (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 221)

Há também um exercício na página 227:

**Sobre as guerras ocorridas na Grécia** responda:

- Qual foi o principal motivo das guerras greco-pérsicas?
- O que foi a Confederação de Delos?
- O que os governantes de Atenas fizeram depois de vencer os persas?
- O que foi a Guerra do Peloponeso?
- Quais foram as principais consequências dessas guerras? (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.227)

Outra vez, coloca-se os persas como iniciando a guerra contra os gregos, os reduzindo a isso. Esse padrão se encontra também no exercício. Por fim, no livro *Integralis*, vê-se:

### **Dividindo a história**

Costuma-se dividir a história da Grécia Antiga em diferentes períodos, que se estendem desde o processo de povoamento da Hélade, como era conhecido o lugar, até a conquista dos povos locais pelos romanos. Esses períodos são:

(...)

•**Clássico (entre os séculos V e IV a.C):** representa o momento de maior destaque da sociedade grega antiga, marcado por intensa produção cultural e vários conflitos entre as cidades locais pela hegemonia.

(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.113-114)

Há um comentário associando a ideia de *pólis* à resistência a grandes impérios (isto é, subentende-se, pelo contexto, ao Império Persa e ao Império Macedônico):

A partir do processo de formação da polis, o Mundo Grego alcançou intenso desenvolvimento econômico e cultural. Esse período é conhecido como **Clássico**. Mas o momento foi marcado por conflitos pela hegemonia entre as próprias cidades gregas e com diferentes povos, como os persas.

Os conflitos internos(...) levaram ao enfraquecimento dos povos gregos. Essa situação favoreceu a conquista do lugar, primeiro, pelos macedônios, depois, pelos romanos.

Apesar das divergências internas, as polis gregas se uniram diversas vezes para combater os inimigos externos. Assim, tornavam-se uma poderosa potência militar, capaz de barrar o avanço de grandes impérios (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.133)

A respeito das Guerras Medo-Pérsicas, encontramos:

### **As Guerras Médicas**

Os persas, como vimos, estabeleceram um dos maiores impérios da Antiguidade. Nesse processo, entraram em conflito com os gregos, quando procuraram estender seus domínios pela Ásia Menor, onde havia várias cidades ligadas às *pólis* gregas.

Mileto, cidade da Ásia Menor, foi uma das primeiras a se rebelar contra o domínio persa; e foi auxiliada por Atenas. O fato serviu de pretexto para os persas deflagrarem guerra contra as cidades da Península Balcânica. Era o início das **Guerras Médicas**. A ofensiva foi contida por inúmeras vitórias: a primeira na **Batalha de Maratona**, em 490 a.C.

As cidades gregas lutavam sob a liderança de Atenas. Em 480 a.C., os gregos antigos venceram a **Batalha de Salamina**. Outra vitória importante veio na **Batalha de Plateia**, em 479 a.C. Dessa vez, os gregos eram liderados por uma aliança formada entre Atenas e Esparta. Mas o inimigo não estava ainda vencido.

A constante ameaça persa levou, então, várias cidades a formar uma espécie de aliança militar. Surgiu a **Liga de Delos**. Liderada por Atenas, cada cidade filiada contribuiu com navios, forças militares e dinheiro. Os recursos ficavam depositados na Ilha de Delos, sob controle de Atenas. Com a aliança, os gregos partiram para a ofensiva, atacaram e expulsaram os persas da Ásia Menor e retomaram o pleno domínio do Mar Egeu. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015p.134)

Há também legenda<sup>48</sup> com quadro:

Figura 19: Quadro “Leônidas em Termópilas” de Jacques-Louis David



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015p.134

A hegemonia ateniense, o conflito com a Liga do Peloponeso e a conseqüente Guerra do Peloponeso, com a conquista macedônica são colocados no livro a seguir, em que se adota também uma visão de decadência progressiva das cidades gregas desde o conflito com os persas. Sobre a elevação de Atenas após a vitória sobre os persas, vemos: “A vitória sobre os persas deu grande prestígio a Atenas.(...) Com isso, os atenienses intensificaram o comércio, tanto no Mar Egeu como no Mediterrâneo oriental. Resultado: a cidade se consolidava como potência marítimo-mercantil” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.135). Já a respeito do conflito com a Liga do Peloponeso e a guerra gerada, encontramos:

Várias *polis* que se opunham à política hegemônica de Atenas organizaram a Liga do Peloponeso, sob a liderança de Esparta. (...)Após diversas batalhas, a liga saiu vitoriosa.(...)

A hegemonia espartana durou pouco. Novos e constantes conflitos internos minaram seu poder. Aproveitando-se da situação, a cidade de Tebas, potência militar em ascensão, iniciou uma guerra contra Esparta, vencendo-a(...)

Os frequentes conflitos enfraqueceram as *polis* gregas. (...) os povos da vizinha Macedônia começaram a estender seus domínios sobre os Bálcãs. Pouco a pouco, conquistaram toda a Grécia Antiga. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.136)

Novamente, os persas apenas são os detonadores de conflitos gregos em mais um livro didático. Há um exercício também sobre as Guerras Médicas que apenas atua como evocador

<sup>48</sup> “Ele liderou os espartanos contra o poderoso exército de Xerxes, rei dos persas, no desfiladeiro de Termópilas(...)” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 134)

do que foi exposto anteriormente no livro didático, sem refletir a respeito: “3. O que foram as Guerras Médicas e suas principais consequências?”(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.140) Por outro lado, há uma pequena citação de Heródoto ter viajado para a Ásia Menor e relatado sobre as Guerras Medo-pérsicas, bem como de Xenofonte escrever *Anábase* sobre a campanha militar de Ciro:

A história, por sua vez, deve aos gregos sua origem. Na Grécia Antiga surgiram as primeiras abordagens do passado com espírito investigativo. Heródoto é conhecido o o **pai da história**. Elaborou estudos sobre as Guerras Médicas e deixou relatos de suas viagens ao Egito, à Mesopotâmia, à Ásia Menor e ao sul da Península Itálica. Tucídides, por sua vez, elaborou a *História da Guerra do Peloponeso*. Seu trabalho ampliou a concepção de história e a noção da prática do historiador. Já Xenofonte escreveu *Anabase*, em que relatou a campanha de Ciro. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.174)

Heródoto aqui é reputado como pai da História. Assim, a Grécia vira protótipo da humanidade, criadora da investigação histórica. Ao se comentar sobre Heródoto, porém, não se propõe reflexões sobre o contato cultural entre persas e gregos, sem ser bélicos.

Resumidamente, as guerras com os persas tornam-se como perturbadoras ao contexto grego, e não se associam claramente com as mudanças do Período Clássico, exceto pela leitura política do surgimento das Ligas de Delos e do Peloponeso, bem como da Guerra do Peloponeso. Apenas em um dos livros(VICENTINO E VICENTINO, 2015) os persas são citados positivamente como influenciadores da cultura grega, mesmo que essa tenha produzida filosofia e conhecimentos próprios também. Enfim, na medida em que é praticamente impossível abordar as guerras durante o Período Clássico sem adentrar nas guerras com os persas, a narrativa incorpora os persas como o elemento perturbador, causador de conflitos sangrentos. Em apenas um livro eles são citados como contribuindo no aspecto cultural e não só bélico. Há também, em outro livro, porém, a colocação dos relatos de dois gregos(Heródoto e Xenofonte) sobre os persas e regiões da África e da Ásia durante o Império Persa. Relatos, porém, em que os gregos são mediadores da narrativa sobre as realidades culturais afro-asiáticas. Por fim, cabe também salientar que- apesar do tom belicoso dado aos persas-, há em alguns livros didáticos alguma preocupação em contextualizar as guerras persas como uma contraofensiva a ataques gregos e não só uma invasão da Hélade. Em todo caso, não anula-se os persas serem reduzidos a uma lente bélica.

Após vermos a abordagem dada ao contato entre gregos e persas, passemos a analisar a abordagem da conquista macedônica da Grécia, do Império Persa e o posterior período Helenístico, tópico em que a Ásia aparece significativamente nos livros didáticos, porém como o continente subjugado pelos gregos.

## **5.2 A conquista macedônica e o Helenismo: o Oriente subjugado**

Na Conquista Macedônica da Grécia e depois do Império Persa, bem como o posterior Período Helenístico, o que predomina nos livros didáticos analisados é uma narrativa eurocentrada, em que a Grécia domina os povos antes sob domínio persa e difunde a sua cultura; ao ponto de ser contaminada também pela cultura desses povos. A Macedônia, que guiaria tal conquista, não seria propriamente grega, mas filo-helênica. A conquista alexandrina e o Helenismo seriam marcados pela tolerância e compreensão dos gregos para com os outros povos, conduzindo-os a um processo rico de síntese cultural. A guerra de conquista de Alexandre Magno, para os afro-asiáticos, teria sido benéfica e civilizadora. Não se abordam pontos negativos da dominação grega do Império Persa. Não se questiona o caos das lutas do Período Helenístico após a morte de Alexandre Magno<sup>49</sup>, o caráter oportunista de

<sup>49</sup> Conforme Green: “Com a morte de Alexandre, tudo o que restou foi, na prática, um enorme tesouro de piratas e uma massa ainda maior de territórios conquistados à lança, estendendo-se desde a Anatólia até o Afeganistão e além, que estavam ali para serem tomados, como Alexandre previra, pelos mais fortes. Justino(...) estava certo quando escreveu que “os oficiais estavam de olho no império e nos postos de autoridade, enquanto os soldados rasteiros, na arca de guerra de Alexandre e em suas grandes reservas de ouro”. Não houvera na expedição nenhuma noção de proselitismo cultural, nenhum esforço concentrado (apesar de toda a propaganda pan-helênica) de exportar o helenismo para a Ásia, a não ser como um conforto para macedônios e gregos classe alta no exterior. Embora seu objetivo fosse em grande medida pragmático, as tentativas de fusão de Alexandre (por exemplo, os casamentos em massa em Susa) foram repudiadas com vigor, assim que ele morreu, por seus seguidores cultural e etnicamente xenofóbicos.” (GREEN, 2014, p. 51)

E:

““Os estados helenísticos tiveram sua origem no campo de batalha” enfatiza Yvon Garlan, “e também foi lá que tiveram sua ruína”” (GARLAN *apud* GREEN, 2014, p. 89)

Também:

“É difícil de estimar o impacto direto de todos esses acontecimentos nas vidas daqueles que não estavam imediatamente envolvidos. Economicamente, como já vimos, as intermináveis guerras criavam um mercado de emprego constante para mercenários. Os reis dinásticos, é claro, contratavam homens numa escala muito maior que os governantes locais como Cleômenes, que ainda dependiam em grande medida de sua leal milícia de cidadãos(...)

Fora das cidades, a agricultura de subsistência e o pastoreio, que eram quase universais, sofreram mais com os exigentes coletores de impostos e com o êxodo urbano de pequenos fazendeiros falidos do que com o alistamento forçado ou com as guerras em si- exceto no caso daqueles que tivessem o azar de ocupar territórios que fossem regularmente disputados por exércitos rivais. Nestes casos, a destruição de propriedades (incluindo vinhedos e oliveiras, que levavam muitos anos para amadurecer), a interrupção da plantação e da colheita, o confisco do gado e a obrigação de fornecer abrigo para soldados, tudo isso causava estragos terríveis nas

relacionamento com as culturas locais<sup>50</sup> e o caráter destrutivo e saqueador de sua expedição<sup>51</sup>. Conflitos entre os povos dominados (GREEN, 2014; RIAD E DEVISSE, 2016<sup>52</sup>), e os seus dominadores gregos não são postos em questão.

Por outro lado, há nos livros didáticos uma valorização muito importante da influência afro-asiática na cultura greco-helenística. O Helenismo não seria um resultado exclusivo da cultura grega, mas também das culturas afro-asiáticas. Não se poderia falar de Período Helenístico sem a Ásia: o mesmo vale para aspectos culturais relacionados. Devido à comunidades locais.” (GREEN, 2014, p. 108)

50 Conforme o autor: “Por fora, os gregos colaboraram. Por dentro, sua atitude passou a ser de ódio amargo e implacável: foi para mantê-los subjugados, e não apenas as tribos fronteiriças, que um exército macedônico, pouco menor do que as forças expedicionárias de Alexandre, foi deixado para trás na Europa. Além disso, comparativamente, poucas tropas gregas serviram na expedição em si, e nenhuma na linha de frente; mesmo estas foram eliminadas assim que surgiu o momento oportuno. Nenhum grego continental jamais foi designado governador regional (sátrapa) por Alexandre. Esse amálgama final de raças, no último ano ou dois de sua vida, que levou alguns idealistas a dizerem que Alexandre estava buscando uma irmandade estoica entre os homens, mas entre macedônicos e persas: os gregos não participaram dela em lugar algum.” (GREEN, 2014, p. 42)

51 Conforme Green: “ (...) uma vez que Alexandre morresse, não havia nenhuma estrutura unificada que garantisse uma sucessão tranquila. Também não há indicação alguma de que este fosse um problema que incomodasse muito o próprio Alexandre. Sua busca por glória homérica era essencialmente solipsista: ele não se preocupava com o futuro.(...)”

O que tudo isso significava é que a expedição era fundamentalmente destrutiva, mais do que construtiva, em qualquer sentido de unificação. Começou com uma necessidade urgente de espólios de guerra e terminou em megalomania. Apoderou-se de um império que durara dois longos séculos, fragmentou seus princípios teocráticos, aplicou uma superestrutura macedônica sobre seu sistema administrativo, tratou sua riqueza acumulada como dinheiro caído do céu, para ser esbanjado à vontade, e não olhou para além de grandiosas ambições pessoais de seu líder.”(GREEN, 2014, p. 50-51),

E:

“Devemos sempre ter este fato em mente quando pensamos nas consequências totalmente não intencionais da invasão de Alexandre. Talvez o mais difícil de avaliar seja seu impacto econômico. Como vimos, as próprias ideias de Alexandre neste âmbito não estavam tão longe das de um herói homérico ou de um pirata (muitas vezes mal se podia distinguir os dois). Ele financiou sua expedição (e artificialmente postergou a recusa de suas tropas de continuar avançando) apropriando-se do conteúdo acumulado dos diversos erários da Pérsia, que somavam pelo menos 180 mil talentos. Esta vasta quantia (valendo quase 100 bilhões de dólares numa estimativa mínima em parâmetros modernos) foi rapidamente dissipada, não só em despesas militares do dia a dia (boa parte das quais era o financiamento de números cada vez maiores de mercenários), mas na forma de vultosos pagamentos, doações para aposentadoria, e gestos que na prática eram meros subornos. A injeção de todo este capital na economia asiática e (em menor grau) na mediterrânea levou a uma queda de 1:13 para 1:10 na relação entre o ouro e a prata, o que não era surpresa. Também há estimativas de que isso fez cair pela metade o valor de ambos os metais em relação às moedas em liga de cobre para somas menores, agora cada vez mais populares.”(GREEN, 2014, p. 85)

52 Segundo Riad e Devisse(2016), a respeito do Egito Helenístico, havia problemas entre a população rural e o governo alienígena: “No domínio da agricultura eram constantes os conflitos entre a população nativa e os estrangeiros. Alguns desses conflitos terminavam com os camponeses procurando a proteção divina nos templos ou fugindo para longe de suas habitações.(...)”

Os látidas, no entanto, jamais lograram eliminar a desigualdade básica da sociedade que governavam. Do ponto de vista social, político e econômico, os estrangeiros viviam uma situação bastante diferente daquela da população nativa, gozando de grandes vantagens. Os altos funcionários do palácio e os membros do governo eram estrangeiros, assim como os oficiais do exército e os soldados. Na área da agricultura, os estrangeiros

limitação do escopo dessa pesquisa, não se analisou a bibliografia dos livros didáticos. De forma irrefletida, talvez se reproduzam visões eurocentradas presentes na própria bibliografia, advinda de uma historiografia feita em cima de disputas imperialistas.( LARSON, 1999; BIAZOTTO, 2013). Assim, a problemática residiria na bibliografia dominante que alcança a redação dos livros didáticos. Percebemos, apesar dessa leitura colonizadora grega, em que as regiões afro-asiáticas assumem um papel subalterno, dominado, certa preocupação significativa de muitos livros didáticos de citar sua contribuição para o período helenístico. Vejamos, portanto, excertos encontrados nos livros didáticos a respeito.

No livro *Apoema* encontramos:

Situada ao norte da Grécia, a Macedônia era, para os gregos, um país de **bárbaros**, até que o rei Filipe II unificou politicamente o reino macedônico.

Aproveitando-se das fraquezas das cidades gregas, em 338 a.C., Filipe conquistou a Grécia. Dois anos mais tarde foi assassinado por um de seus oficiais. Subiu então ao trono, com 20 anos, seu filho Alexandre.

Após dominar revoltas de cidades gregas, Alexandre lançou-se à conquista do império Persa, Em dez anos de batalha, fundou um dos maiores impérios de todos os tempos: da Macedônia ao Oceano Índico, do Egito à Índia. Entretanto, Alexandre morreu repentinamente, na Babilônia(323 a.C.), com 33 anos de idade. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.216)<sup>53</sup>

Há um mapa do itinerário das conquistas de Alexandre e os povos dominados:

---

contavam com maiores chances que os egípcios de se tornarem proprietários rurais. Na indústria, eram os empregadores, não os empregados. A quase totalidade dos bancos reais e privados era dirigida por eles. Em suma, os estrangeiros eram ricos, e os nativos, pobres. Quando um egípcio queria fazer um empréstimo em dinheiro ou em gênero (trigo), tinha de fazê-lo, em geral, junto a um estrangeiro; quando desejava arrendar um pedaço de terra, recorria, frequentemente, a um proprietário estrangeiro, e assim por diante. Desse modo, os nativos foram -se convertendo em dóceis instrumentos nas mãos dos estrangeiros. Além do trabalho habitual, os egípcios nativos viam -se compelidos a cumprir inúmeras obrigações. Eram requisitados para o trabalho nos canais e diques e, de tempos em tempos, nas minas e nas pedreiras. Por favores especiais, os estrangeiros provavelmente estavam isentos desse trabalho compulsório, e certas classes dentre eles gozavam de privilégios nas taxações de impostos. Não se deve exagerar, porém, o quadro dessa situação. Alguns autóctones, como Mâneton, por exemplo, enriquecendo -se e colaborando com os gregos, logravam alcançar um lugar entre as classes dominantes. “(RIAD E DEVISSE, 2016,p. 165-167)

53 Encontramos, associado ao texto, infobox a respeito: “A palavra **bárbaro** era utilizada na Grécia Antiga para identificar uma pessoa ou grupo social de origem desconhecida que em geral não compartilhava da cultura grega.” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015,p.216)

Figura 20: Mapa do itinerário de conquistas de Alexandre Magno



Após a morte de Alexandre, seu império foi dividido, em razão das ambições

Fonte: MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.216

Encontramos também os seguintes excertos:

Após a morte de Alexandre, seu império foi dividido, em razão das ambições de seus generais e da falta de estrutura de seu grande e breve império. Surgiram, então, diversos reinos, que ficaram conhecidos como Reinos Helenísticos. (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.216)

A seguir, vemos apontados diversos aspectos de enriquecimento cultural mútuo entre gregos e populações afro-asiáticas:

As conquistas de Alexandre contribuíram para que ocorresse a fusão da cultura grega com as orientais. Por um longo período, a partir do século IV a.C., houve forte influência grega nos diversos reinos helenísticos. Foi uma época marcada por grande desenvolvimento econômico, artístico e cultural, que englobou:

- na arquitetura, o gosto pelo luxo e pela grandiosidade. A estátua de Apolo (O colosso), em Rodes, e o Farol de Alexandria são alguns exemplos;
- na escultura, o gigantismo anatômico e o estudo do corpo humano em atitudes inéditas, valorizando a sensualidade e o realismo, bem como uma visão pessimista, em que imperava a violência e a dor;
- na filosofia, o epicurismo, cujo fundador, Epicuro, negava a existência dos deuses e rejeitava a imortalidade da alma. A felicidade do homem, segundo Epicuro, consistia exclusivamente no prazer. Já o estoicismo, fundado por Zenon, exaltava o equilíbrio interior. Para os estoicos, a felicidade só era possível por meio do controle dos desejos. O homem virtuoso suportaria com tranquilidade os sofrimentos da vida. Pirro defendia o ceticismo, pensamento segundo o qual não se pode ter certeza de nada.

Nesse período houve progressos nas ciências, com destaque para Euclides, na Matemática; Aristarco, na Astronomia; e Arquimedes, na Física.

Em Alexandria, no Egito, havia uma biblioteca com mais de 500 mil obras.

Na economia, foram introduzidas técnicas de produção. Novas culturas surgiram, e aumentaram as relações comerciais entre o Ocidente e o Oriente (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.217)

A seguir, há a reprodução no livro didático de questões envolvendo comentário de Bertrand Russell de tonalidades eurocêntricas, que estabelece que “a civilização grega” se espalhou pela Ásia após o império de Alexandre e sendo assim a conquista no campo da cultura pelo Império alexandrino “bem-sucedida”. Não se cogita no comentário que as culturas da Ásia e da África possam ter também estabelecido “sua civilização”(sua cultura) na Grécia no mesmo período, pelo contato mútuo; antes são postas tais culturas numa posição claramente subalterna, em que receberiam a civilização grega após serem conquistadas. E infelizmente, não se problematiza nos exercícios tal caráter eurocêntrico do comentário, pede antes que os alunos façam suas respostas a partir disso:

Leia o texto a seguir e responda às questões no caderno.

“Como Estado, o império de Alexandre foi efêmero [...] Mas, como portadora de influência grega, a conquista macedônia foi mais bem-sucedida. A civilização grega se espalhou pela Ásia.

Por toda parte o grego passou a ser idioma das pessoas educadas, e rapidamente foi adotado como língua comum nas atividades comerciais, assim como aconteceu com o inglês em décadas recentes. Por volta de 200aC, falava-se grego desde as Colunas de Hércules até o Ganges. Assim, a ciência, a filosofia e sobretudo a arte dos gregos começaram a se relacionar com as velhas civilizações do Oriente. Moedas, vasos, vestígios de arquitetura e de escultura e, em menor escala influências literárias, dão testemunho dessa invasão cultural[...]”

Bertrand Russell. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 162

1. Segundo o texto, qual foi a maior consequência do helenismo no mundo antigo?
2. Que expressões da cultura grega foram incorporadas por outros povos? (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.217)

No livro, há uma narrativa dos macedônicos dominando a Grécia e depois o Império Persa. Em seguida há uma valorização grande das relações entre gregos e outros povos. Todavia, nestas os gregos são os dominadores, conquistadores que são influenciados e influenciam. A narrativa não impede assim de ser adequada dentro do eurocentrismo; porém assume ter tido contribuições muito significativas “orientais”(dos povos antes sob domínio persa) no campo da economia, da matemática, das artes, da arquitetura, da filosofia, da escultura. Se cita também a Biblioteca de Alexandria, na África(Egito) e seu caráter gigantesco. De certa forma, a descrição do período helenístico desloca a Grécia para o mundo

afro-asiático, porém com os gregos como os conquistadores. Há certa contradição nisso, presente noutros livros. O próprio “Oriente” acaba por significar o povo “ocidental” grego. Apela-se para a noção de Oriente, um tanto quanto artificiosa, segundo Said(2007), que representa com exotismo, generalidade e subserviência os orientais em relação aos europeus, que se colocam como ocidentais. Já no livro *Mosaico*, há:

O macedônio **Alexandre, o Grande(ou Magno)**, sucessor do trono, assumiu o controle do império dois anos mais tarde. Ele havia sido educado pelo filósofo grego Aristóteles. Tinha, portanto, grande admiração pela civilização grega.

Alexandre deu início a uma poderosa expansão militar(veja o mapa da página seguinte). Conquistou o Egito, onde fundou **Alexandria**, e depois as terras do Império Persa. Chegou com suas tropas até as margens do rio Indo, na atual Índia. De volta de suas campanhas militares, fixou-se na Babilônia, que se tornou capital do império. Em todos esses lugares, o Exército macedônico deixou marcas da cultura grega. O império de Alexandre unificou vastas regiões do mundo antigo.

A mistura de elementos culturais dos helenos(gregos) com as culturas dos povos dominados deu origem ao Helenismo. Por isso, o período de expansão do Império de Alexandre e de seus sucessores (século IV a.C. - II a.C.) ficou conhecido como **Período Helenístico**.

Alexandre Magno morreu em 323 a.C., aos 33 anos. O grande império que conquistou foi se desmembrando progressivamente, o que contribuiu para a conquista romana décadas depois. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 235-236)

Existe um mapa[abaixo] com a seguinte legenda: “As conquistas de Alexandre Magno, além de terem fundido os povos orientais com os greco-macedônios, mesclaram suas culturas, originando o Helenismo. (...)” (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 236):

Figura 21: Mapa “As conquistas de Alexandre Magno”



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 236

Percebe-se, nos trechos analisados, a valorização da conquista bélica macedônica do Império Persa como algo de valor cultural. Se contrapormos citações já vistas sobre as guerras com os persas do mesmo livro, percebe-se uma arbitrariedade significativa. Se dá à conquista alexandrina um caráter civilizatório. Além disso, há os seguintes excertos no livro:

**VOCÊ PRECISA SABER...**

**O quê?**

(...)

\* A Guerra do Peloponeso levou ao enfraquecimento dos gregos, que foram conquistados pelos macedônios do norte.

\* A invasão macedônica com Filipe II transformou a Grécia em província grega. Alexandre Magno, além do domínio da Grécia, avançou em conquista sobre o Oriente, formando um grande império, que se desmembrou progressivamente após a sua morte.

\* Da fusão de elementos culturais gregos com orientais prevaleceu o Helenismo.

**Por quê?**

\* Da democracia da época de Péricles ao mundo grego helenístico prevaleceu a formação imperial (em lugar da autonomia da pólis) e a concentração do poder nas mãos de Alexandre.

\* A força das armas e o comando militarizado se sobrepuseram às decisões consensuais da democracia, típicas das cidades gregas.

\* As guerras favoreceram a conquista de novos domínios e riquezas, mas geraram insegurança e transformação cultural que denominamos Helenismo

**Retome**

(...)

**5** As guerras enfraqueceram as cidades gregas e facilitaram a invasão dos povos do norte da península Balcânica. Quem eram esses povos e quem os comandava?

**6** O sucessor de Filipe II foi Alexandre Magno, que realizou inúmeras conquistas, originando o que chamamos de Helenismo. Defina o Helenismo. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 236-237)

Vemos acima uma lista de informações que o livro didático referido havia já apresentado e discutido e assim resumido em tal questão. Penso que vale questionar-se, pelo menos no que tange à Educação para as Relações Étnico-Raciais, da pertinência pedagógica em que se enumera tais informações sem as refletir. Há também, no livro, imagem de uma escultura helenística junto de dois textos:

Figura 22: Escultura “Laocoonte e seus filhos”



Fonte: VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 245

Laocoonte e seus filhos, escultura em mármore de Hagesandro, Polidoro e Atenodoro, feita provavelmente no século II a.C.. A dramaticidade da obra e a ênfase nas emoções foram resultado do contato da arte grega com o mundo oriental (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 245)

E:

No Período Helenístico, a arte grega tornou-se mais realista, exprimindo violência e dor, componentes constantes dos novos tempos de guerra. Na arquitetura, predominavam o luxo e a grandiosidade, reflexo da imponência do império Macedônico. Na escultura, turbulência e agitação eram os traços mais significativos. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 245)

Vemos assim, felizmente, discussão sobre influências culturais no campo da arte que os gregos antigos tenham recebido durante o Período Helenístico. Há também trecho a respeito da filosofia de tal contexto:

No Período Helenístico, novas correntes filosóficas surgiram:

- **estoicismo**, fundado por **Zenão** (333 a.C.-264 a.C.), propunha ao homem a possibilidade de aceitar calmamente a dor e o prazer, a ventura e o infortúnio;
- **Epicurismo**, fundado por **Epicuro** de Atenas (341 a.C.-270 a.C.), pregava que a obtenção do prazer era a base da felicidade humana;
- **ceticismo**, fundado por **Pirro** (265 a.C.-275 a.C.), caracterizava-se, essencialmente, pelo negativismo e defendia que a felicidade consiste em não julgar coisa alguma (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.248)

Vemos, a seguir, porém, novamente uma síntese serial de informações que ressalta como os gregos teriam influenciado a Filosofia, História e Política de outras civilizações e

criado uma arte que “os diferenciavam” das “civilizações orientais”. Penso haver uma tonalidade eurocêntrica em tais comentários.

VOCÊ PRECISA SABER...

**O quê?**

\* Os gregos antigos desenvolveram conhecimentos e artes que os diferenciam das civilizações orientais.

(...)

**Por quê?**

\* Literatura, teatro, mitos, escultura, Filosofia, História e política são algumas das áreas gregas que influenciaram outras civilizações. A civilização grega é considerada o impulso fundamental da cultura ocidental.

(...)

\* O fim da democracia e as seguidas guerras dos períodos Clássico e Helenístico atuaram fortemente nas mudanças culturais e artísticas, principalmente na escultura e na Filosofia. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 251)

Há ainda, novamente, um exercício de caráter quase mnemônico, ao pedir aos alunos que respondam a perguntas que pedem para se descrever o que se foi visto em textos anteriores. Não há reflexão crítica evidente, mas reforço de ideias:

**Retome**

(...)

5 Com relação à cultura helenística, responda:

a) Como surgiu?

b) Quando surgiu?

c) Cite três características das obras de arte helenísticas.

d) Qual foi a novidade trazida pelo Helenismo para a vida política da Grécia antiga? Explique-a. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.252)

No geral, no livro *Mosaico*, percebe-se a repetição da narrativa da conquista macedônica da Grécia e do Império Persa com Alexandre Magno, bem como do posterior período helenístico. Porém, percebe-se a valorização do contato cultural entre gregos e outros povos, bem como as contribuições do mundo chamado oriental, na arte, na escultura, na filosofia. Porém, se percebe um caráter novamente de preponderância dos gregos sobre outros povos conquistados, bem como uma imagem orientalizada de qualquer coisa além do Helesponto. Dessa forma, todos povos do Império Persa entram na ideia de Oriente genérica, conforme Said(2007) criada pelo “Ocidente”(isto é, os colonizadores europeus e a imagem que criaram de si) justificando sua dominação. Dessa forma, os orientais aqui são todos aqueles dominados pelos gregos, que tem de forma positiva modificado a cultura desses

colonizados, que- por outro lado- contribuíram em troca aperfeiçoando a cultura grega. Contraditoriamente, percebe-se a valorização do multiculturalismo nos livros didáticos, porém a partir de uma perspectiva mitificante de Oriente e colonizada, em que a Ásia e a África tem um papel subalterno, somente sendo comunicadas de suas existências na História grega de forma profunda quando representadas como culturas tuteladas, subalternas. Spivak (2012) vem dialogar com o presente trabalho. Os povos “orientais” somente ganham voz através da helenização, isto é, por ação da cultura grega como protagonista. Vejamos como isso ocorre em outros livros; em *Piatã*, encontramos:

**Período Helenístico (338 a.C. a 146 a.C.)**

Em 358 a.C., Filipe II, rei da Macedônia, declarou guerra às cidades-Estado gregas. Seu filho Alexandre, ainda um adolescente, tornou-se imperador de todo o domínio macedônico. Em continuidade ao expansionismo militar de seu pai, Alexandre se tornou o Grande, justamente por conquistar áreas que abrangiam terras desde o Egito ao vale do rio Indo na Índia.

O império alexandrino deu origem ao último período da história da Grécia antiga, conhecido pela fusão da cultura grega a culturas e saberes do Oriente, chamado pelos historiadores de Helenístico. Embora Macedônico, o jovem imperador foi um dos maiores divulgadores do conhecimento helênico. Aluno de Aristóteles, Alexandre era versado em grego, filosofia, matemática e retórica.

O império de **Alexandre, o Grande**, não se estendeu por muito tempo. Sua morte, precoce, dividiu o imenso território macedônico, que acabou conquistado pelos romanos em 146 a.C. (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.141)

E:

Alexandre, o Grande, ampliou seu império e fundou muitas cidades, dezesseis delas chamadas Alexandria- a mais conhecida fica no Egito. Durante o Período Helenístico, essa cidade, fundada no delta do Nilo, transformou-se em um grande centro cultural e comercial, onde havia a grande Biblioteca de Alexandria e o gigantesco farol, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p.141)

Neste livro, já não percebemos uma tão grande valorização no Período Helenístico das culturas afro-asiáticas com a grega, posta sob o rótulo costumeiro de cultura oriental, tal como Said (2007) afirma fazerem europeus e norte-americanos em relação a muitos povos asiáticos. A narrativa da evolução dos fatos é semelhante aos de outros livros didáticos. Porém, nesse livro, nem veríamos a representação significativa das culturas ditas orientais e sua influência na Grécia. Há apenas a breve referência da Biblioteca de Alexandria no Egito. Há uma aridez no que tange ao tema dos contatos e influências mútuas culturais entre gregos

e outros povos; e quando há, estão de forma subalternas as outras culturas, como as que foram conquistadas pelos gregos. Já no livro *Araribá*, encontramos:

A partir de então, iniciaram-se intensas lutas entre as diversas cidades gregas, o que permitiu que elas fossem facilmente dominadas por outros povos. Primeiramente pelos persas, que retomaram o domínio sobre as *poleis* gregas da Ásia Menor. Em 338 a.C., foi a vez dos macedônios, comandados pelo rei Felipe II. Eles conquistaram toda a Grécia continental e entraram em guerra contra os persas para expulsá-los da Ásia Menor. Os persas foram derrotados, mas Felipe II morreu em combate, deixando o trono para seu filho Alexandre. (APOLINÁRIO, 2014, p.168)

Há um mapa na página 169:

Figura 23: Mapa do Império Alexandrino



Fonte: APOLINÁRIO, 2014, p.169

Além disso, há os seguintes excertos:

Alexandre preservou o império fundado por seu pai e ampliou seus domínios, conquistando o Oriente. Após onze anos de batalhas, dominou a Síria, a Palestina, o Egito, a Mesopotâmia, a Pérsia e a Índia. A vastidão de seu império o levou a se tornar conhecido como Alexandre, o Grande

(...)

Alexandre morreu em 323 a.C., aos 32 anos(...) Sua grande obra cultural, porém, já tinha sido realizada. Por onde passou, Alexandre submeteu os povos locais e fundou

novas cidades, mais de trinta delas batizadas de Alexandria. O objetivo do imperador macedônico era transformar as cidades em grandes centros de difusão cultural.

Muitos soldados gregos e macedônicos se fixaram nas regiões conquistadas. Ali difundiram o grego que se tornou a língua oficial do império, embora as populações locais continuassem a falar seus idiomas. Também construíram templos, ágoras e ginásios bem parecidos com os das cidades gregas.

A síntese da cultura grega com as dos povos do Oriente conquistados por Alexandre deu origem à cultura helenística (do grego *hellenistês*, aquele que fala ou vive como os helenos) O centro dessa cultura era a cidade de Alexandria, no Egito. Ali foi construída a maior biblioteca da Antiguidade, um museu e o famoso Farol de Alexandria, que, de tão grande, podia ser avistado pelos navegantes a mais de 50 quilômetros de distância.

Outro destaque da Grécia do período helenístico foram as esculturas como a reproduzida abaixo. Podemos perceber que a obra é bem mais realista que as esculturas gregas de épocas anteriores. Isso porque a intenção dos artistas desse novo período não era apenas representar o ser humano, mas também suas emoções, suas dores e suas angústias. (APOLINÁRIO, 2014, p. 169-170)

Percebemos a narrativa da conquista macedônica da Grécia e depois do Império Persa, bem como de novo a noção genérica de Oriente, em contraposição à Grécia, que supostamente seria parte do Ocidente. Cita-se a Biblioteca de Alexandria no Egito e as influências “orientais” na escultura. O “Oriente” aparece como fundante para a Grécia quando dominado pelos gregos. Há também uma escultura reproduzida do Período Helenístico sem correlacionar com questões étnicas e culturais:

Figura 24: Escultura “Lacaoonte e seus filhos”



Fonte: APOLINÁRIO, 2014, p.170

Há ainda um exercício mnemônico, reforçando o que foi apresentado sem reflexão:

Identifique as afirmativas incorretas e corrija-as em seu caderno.  
(...)

O governo de Alexandre, o Grande, foi marcado por um grande intercâmbio entre a cultura grega e as tradições do Oriente, que resultou no surgimento da cultura helenística (APOLINÁRIO, 2014, p. 172)

No livro *História: sociedade e cidadania* encontramos: “Alexandre Magno, filho e sucessor de Felipe II, deu continuidade à política expansionista de seu pai e montou o maior império conhecido até então. Seus limites eram o Egito (na África), Grécia (na Europa) e a Índia (na Ásia). Veja o mapa”(BOULOS JÚNIOR, 2015, p.222) Há a seguir um mapa do Império Alexandrino com o trajeto de sua campanha, a identificação da Grécia e da Macedônia, bem como cidades conquistadas, da página 222:

Figura 25: Mapa de Império de Alexandre Magno



Fonte:BOULOS JÚNIOR, 2015, p.222

Além disso, temos as seguintes seleções:

Alexandre foi um político habilidoso: respeitou a religião dos povos conquistados e incentivou as trocas culturais entre os diferentes povos de seu império. Das trocas entre a cultura grega e as culturas orientais, nasceram a **cultura** e a **arte helenística**. Enquanto a arte grega se caracterizava pela simplicidade, pelo equilíbrio e pela harmonia, a arte helenística valorizava a dramaticidade, a expressividade e o preciosismo na representação de pessoas e objetos.

As ciências tiveram extraordinário desenvolvimento no império de Alexandre Magno. A cidade de Alexandria, no Egito, abrigava a maior biblioteca da Antiguidade, com cerca de 700 mil volumes, e foi um dos principais centros de reunião de sábios orientais e gregos. Entre os mais importantes cientistas helenísticos estão **Aristarco**, **Euclides** e Arquimedes.

Nascido na colônia grega de Siracusa, na Sicília, por volta de 285 a.C., Arquimedes foi um dos mais brilhantes alunos da famosa Escola de Alexandria. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento da Geometria, da Aritmética e da Física. (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.223)

Em box lateral, há a seguinte informação:

**Euclides(c. 330-260 a.C.)**

Desenvolveu a geometria e fundou a primeira escola de Matemática em Alexandria. (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.223)

Repetem-se os mesmos pontos abordados noutros livros, com exceção da citação de figuras como Aristarco, Euclides e Arquimedes. Não se problematiza, por exemplo, o quanto a geometria herdada por Euclides era egípcia.<sup>54</sup> Novamente, vemos um Oriente genérico que funde-se à Grécia após ser conquistado. Vejamos o livro *Integralis*:

Costuma-se dividir a história da Grécia Antiga em diferentes períodos, que se estendem desde o processo de povoamento da Hélade, como era conhecido o lugar, até a conquista dos povos locais pelos romanos. Esses períodos são:

(...)

•**Helenístico (entre os séculos III e II a.C):** a Grécia Antiga é dominada pelos macedônios, que formaram um extenso império. A cultura grega entra em contato com os costumes do Oriente. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.113-114)

E

**Sob o domínio da Macedônia**

A Macedônia localizava-se ao norte da Grécia continental. Era habitada por povos de origem indo-europeia, em língua e cultura semelhantes às dos gregos antigos. Ao contrário de seus vizinhos, porém, na Macedônia ocorreu um processo mais intenso de unificação, que se consolidou em meados do século VII a.C.

Em 359 a.C, Filipe II, rei da Macedônia, começou a conquistar a hegemonia na região. A batalha final foi a de Queroneia, que ocorreu em 338 a.C., na qual os gregos foram, por fim, dominados completamente.

O soberano da Macedônia, todavia, manteve a autonomia das cidades gregas. Ele pretendia estender seu domínio sobre o Império persa, mas acabou assassinado em 336 a.C., por um aristocrata a quem havia ofendido. O poder passou então para seu filho, Alexandre, na época com 20 anos.

**Sob o domínio de Alexandre**

Educado em meio aos gregos, como o pai, Alexandre mostrou-se um dos mais brilhantes estrategistas militares da Antiguidade, Um de seus professores foi

---

<sup>54</sup> Conforme El-Nadoury e Vercoutter: “ Os historiadores gregos Heródoto e Estrabão concordam em que a geometria foi inventada pelos egípcios.” (2016,p. 141)

Aristóteles, importante filósofo da Grécia Antiga. Com ele, aprendeu a admirar a cultura grega e também a odiar os persas.

No início de seu governo, Alexandre consolidou a dominação sobre os gregos, sufocando revoltas surgidas em algumas cidades. Como o pai, procurou manter a autonomia das *polis* gregas. Estabelecido o domínio, passou então a atacar o Império Persa. Justificava a investida como uma espécie de vingança contra o povo que havia tentado conquistar os gregos no passado.

Na verdade, ele procurava um caminho para a conquista do Oriente. Ao longo de 11 anos de conflitos, percorreu mais de 25 mil quilômetros. Conquistou a Fenícia, o Egito e a Mesopotâmia. Prosseguiu ainda até a Índia, nas margens do Rio Indo. Estabeleceu o centro de seu império na Babilônia.

Manteve como regra a tolerância para com os povos dominados. Em 323 a.C., então com 33 anos, foi acometido por uma forte febre e acabou morrendo sem deixar herdeiro. O império que construiu não resistiu por muito tempo. Acabou, primeiro, dividido entre seus principais generais.

**Ptolomeu** ficou com o Egito, a Fenícia e a Palestina; **Seleuco**, com a Pérsia, a Mesopotâmia e a Síria; **Cassandro**, com a Macedônia; e **Lisímaco**, com a Ásia Menor e a Trácia. Com a divisão, o Império Macedônico se enfraqueceu e deu origem a pequenos reinos, que foram conquistados pelos romanos entre os séculos II e I a.C.

As conquistas de Alexandre trouxeram grandes transformações para o Mundo Antigo. O centro econômico, então localizado no Mar Egeu, por exemplo, deslocou-se para o Oriente Médio. No plano político, difundiu a crença de uma origem divina para o poder do governante. Contrariava, dessa forma, uma das mais importantes instituições atenienses, a democracia. Por fim, deu novos contornos à cultura dos gregos, ao fundi-la com hábitos dos povos do Oriente (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.137)

O livro coloca Alexandre Magno como um governante tolerante, sem problematizar os motivos para isso. Também, estabelece uma narrativa helenocêntrica, bem como eurocentrada, ao dizer que o eixo do mundo antigo era o Mar Egeu e não o Oriente Médio, sendo o helenismo que teria deslocado o eixo para o Oriente Médio.

Novamente, a ideia de Oriente genérica é evocada. Entretanto, diferente de outros livros, há uma problematização da artificialidade desse conceito, por mais que seja recorrente no livro analisado. Isso é muito positivo, no sentido de fazer os alunos refletirem sobre tal constructo. Infelizmente, porém, mesmo ciente de sua artificialidade, o livro usa tal noção irrefletidamente. Vejamos o exercício:

Ocidente e Oriente são sinônimos, respectivamente, de oeste e leste. Ou seja, são referências geográficas. Contudo, o significado de “Mundo Ocidental” e “Mundo Oriental” vai muito além de uma referência espacial. Observe o mapa-mundi a seguir e responda às questões.

Figura 26: Planisfério dividido em hemisfério Ocidental e Oriental



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.125

1. Você já deve ter estudado que o Meridiano de Greenwich é uma linha imaginária que divide o globo em dois hemisférios: Ocidental e Oriental. Em qual hemisfério se localiza a maior parte da Europa? Em qual se localiza o continente americano?
2. Faça uma pesquisa na internet com a expressão “países do Mundo Ocidental” e responda: A América faz parte desse grupo? E a Europa?
3. Com base em suas respostas anteriores, você concluiria que a localização geográfica desses dois continentes corresponde ou não à localização do ponto de vista histórico-cultural (Mundo Ocidental e Mundo Oriental)?
4. Um desafio: Levante uma hipótese que explique a situação que você percebeu na questão anterior. Uma dica: a caracterização de um “Mundo Oriental” e de um “Mundo Ocidental” surgiu na Europa. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.125)

Vejamos outros trechos selecionados do livro:

O cemitério contém cerca de 500 covas, entre elas, os supostos túmulos da família real, além de Filipe II, acredita-se que ali estejam enterrados Alexandre IV da Macedônia, filho assassinado de Alexandre, o Grande [...] e Filipe III da Macedônia, meio-irmão do lendário general.[...]

Os túmulos foram encontrados praticamente intactos e trazem resquícios da influência de Alexandre na cultura grega, como a introdução de elementos decorativos asiáticos e egípcios nos frisos e inscrições, além de mosaicos e peças trabalhadas em bronze, prata e ouro como jarros e cetros. Um dos destaques[...] é uma tradicional coroa de louros da rainha- um diadema de ouro representando folhas e flores de murta e carvalho[...]

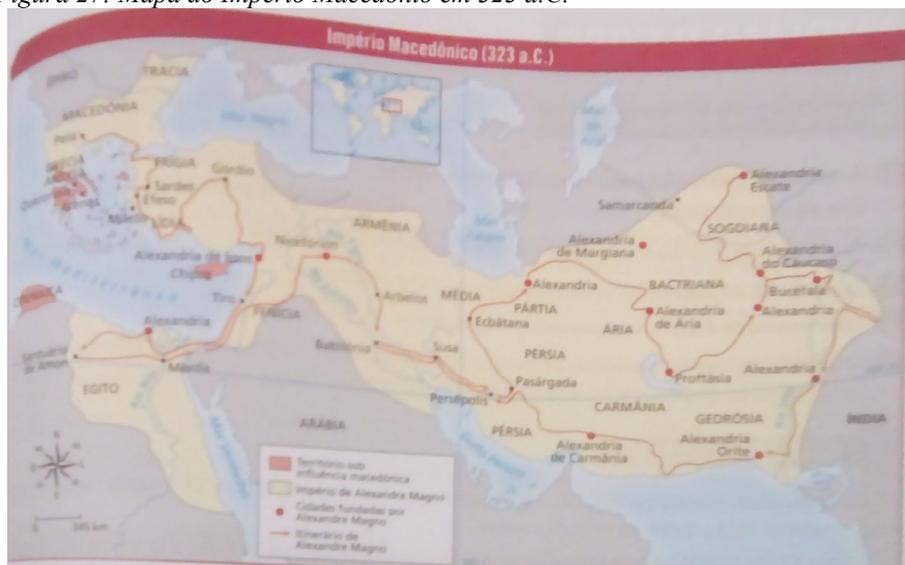
LEAL, Fred. A vida na corte de Alexandre. *IstoÉ*, 15 abr.2011. Disponível em: <[www.istoe.com.br/reportagens/133098\\_a+vida+na+corte+de+alexandre](http://www.istoe.com.br/reportagens/133098_a+vida+na+corte+de+alexandre)>. Acesso em: 28 jan.2015

1. Quais sítios arqueológicos são citados no texto? O que eles contêm?
2. O que os vestígios arqueológicos encontrados em Vergina- frisos, inscrições, mosaicos e peças- podem informar sobre a história da Grécia Antiga?” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.138)

Ressalta-se, no exercício, a “influência de Alexandre” de trazer aspectos egípcios e asiáticos para a arte grega. Não seriam as populações a trazer influências artísticas outras, mas o próprio Alexandre. Vejamos outras seleções.

Há um mapa do Império Alexandrino com o itinerário das conquistas e territórios sob influência anterior macedônica, com a legenda:

Figura 27: Mapa do Império Macedônio em 323 a.C.



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.139

Por meio de campanhas militares, Alexandre expandiu as fronteiras do Império Macedônico, um dos maiores da Antiguidade. No percurso de suas conquistas, fundou várias cidades, a primeira delas, Alexandria, no Egito. Muitas eram uma espécie de fortaleza para a defesa do território. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 139)

Há também o seguinte excerto:

#### A cultura helenística

Alexandre era um verdadeiro admirador da cultura grega. Com suas conquistas, expandiu os hábitos da Grécia Antiga para os diversos lugares conquistados e favoreceu um intenso intercâmbio entre a cultura grega e a oriental, sobretudo egípcia e persa.

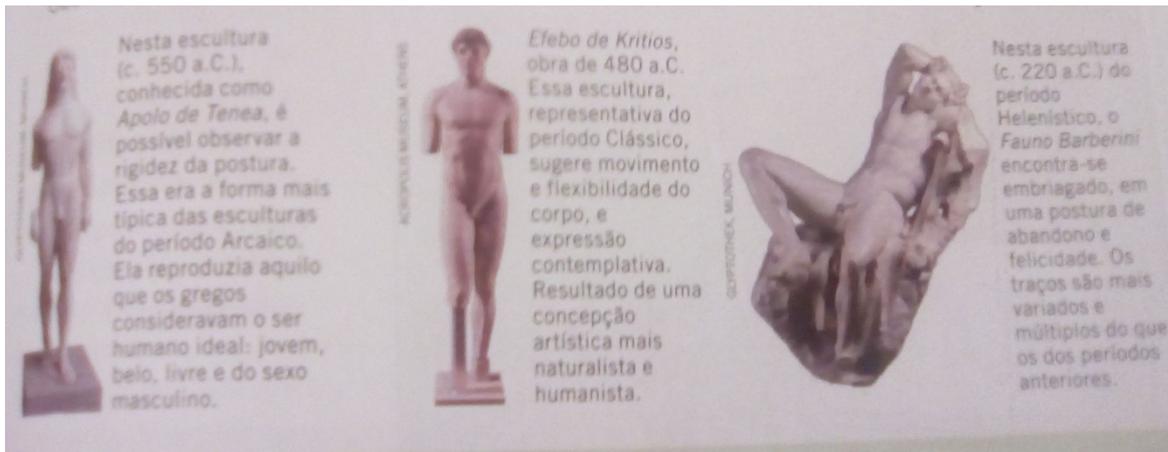
O resultado foi a formação do **helenismo**, cujo principal polo de difusão estava na cidade de Alexandria, no Egito. Para essa cidade foram atraídos sábios, filósofos, matemáticos, intelectuais de diversas áreas e de diversas partes do império. Conheceremos melhor as características do helenismo no Capítulo 11.” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 139)

É interessante, porém, que neste livro analisado, em geral, as relações que geram o helenismo não são fruto da iniciativa grega somente, mas de todo o mundo helenístico. Creio que esse é um ponto positivo a ser observado. Além disso, temos os seguintes exercícios: “5.

O domínio do Império Macedônico provocou algumas mudanças, do ponto de vista político e econômico, na dinâmica do Mundo Grego. Cite e explique duas delas.” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.140) de caráter mnemônico, somente reforçando o que já teria se ensinado. Em seguida, porém, temos um exercício de reflexão, o que exige dos alunos buscarem correlacionar aspectos históricos e artísticos da Grécia Antiga entre três esculturas, uma sendo do Período Helenístico (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 141):

A produção cultural entre os gregos antigos foi intensa( no Capítulo 11, conheceremos vários aspectos dessa produção). Ao analisar as obras gregas, é possível perceber todo o movimento- mudanças, continuidades, rupturas- desses povos no Mundo Antigo.  
 Observe estes três exemplares da escultura grega. Leia a legenda de cada imagem e depois faça as atividades.

Figura 28: Reprodução de esculturas



Fonte: CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 141

Nesta escultura(c.550 a.C.), conhecida como *Apolo de Tenea*, é possível observar a rigidez da postura. Essa era a forma mais típica do período Arcaico. Ela reproduzia aquilo que os gregos consideravam o ser humano ideal: jovem, belo, livre e do sexo masculino.

*Efebo de Kritios*, obra de 480 a.C. Essa escultura, representativa do período Clássico, sugere movimento e flexibilidade do corpo, e expressão contemplativa. Resultado de uma concepção artística mais naturalista e humanista.

Nesta escultura( c. 220 a.C.) do período Helenístico, o *Fauno Barberini* encontra-se embriagado, em uma postura de abandono e felicidade. Os traços são mais variados e múltiplos do que os dos períodos anteriores.

1. Identifique:

- a) o período histórico em que cada imagem foi produzida;
  - b) as principais características de cada escultura.
2. Relacione ao menos dois acontecimentos históricos que tenham ocorrido em cada período em que foram produzidas as esculturas.
  3. Refaça as legendas de cada escultura, relacionando o período histórico com as principais características das imagens

O exercício acima é interessante por pensar mudanças artísticas e culturais na Grécia Antiga. Infelizmente, não é problematizado no que se refere à Educação para as Relações Étnico-Racial. Já sobre a filosofia e arte no Período Helenístico, vê-se os seguintes trechos:

Os gregos desenvolveram os fundamentos do pensamento filosófico e deram forma a diferentes ramos do conhecimento. Não ficaram para trás no campo das artes: produziram diversas obras na arquitetura, na escultura, na pintura. Essa produção se notabilizou por traços harmônicos, equilibrados, simples.

Há ainda o teatro, também uma invenção grega. Sob o domínio macedônio, toda essa cultura fundiu-se com a cultura oriental, sobretudo com a egípcia, a mesopotâmica e a persa. O resultado foi o helenismo, com obras dramáticas, grandiosas, suntuosas.

Graças ao expansionismo de Alexandre, surgiram novas correntes filosóficas marcadas pela influência dos grandes centros urbanos. A união entre a visão grega de mundo e o modo mais prático dos orientais contribuiu para o conhecimento em diferentes áreas.

(...)

(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.170)

E:

No **período Helenístico**, surgiram novas correntes filosóficas, como o **estoicismo**, **epicurismo** e o **ceticismo**. Era o resultado da mistura das ideias gregas e da visão fatalista dos orientais. Dado o momento de incertezas e descrenças, nessas correntes predominavam ideias pessimistas e negativas.

(...)

“no período Helenístico, as obras, antes marcadas pela harmonia e pelo equilíbrio, ganharam dramaticidade e grandiosidade. Os maiores centros de produção artística foram transferidos da Península Balcânica para Antioquia, Pérgamo e, principalmente, Alexandria, que contava com museus e uma imensa biblioteca, cujo acervo chegava a aproximadamente 400 mil obras.

(...)

Essas produções, como muitas outras, sofreram alterações no período Helenístico. A escultura e a pintura adquiriram aspecto mais realista, dramático.” (p.174-176)

Além de:

No período Helenístico, as obras tornaram-se grandiosas e monumentais, como o **Templo de Zeus**, em Pérgamo, o **Farol de Alexandria** e o **Colosso de Rodas**. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.179)

Nos trechos, por mais que haja a valorização da contribuição dos povos afro-asiáticos (sob o rótulo de orientais) para a arte e a filosofia gregas, é sempre no sentido de-originalmente- a arte e a filosofia serem gregas. Sempre o Oriente é o corpo celeste que orbita ao redor da Grécia como se esta fosse seu sol. Por outro lado, no que refere-se à filosofia,

atribui-se ideia depreciativa ao pensamento dos “orientais”, como fatalistas. Said (2007) aponta isso ser um constructo muito comum do orientalismo, colocar os denominados orientais como fatalistas, ao contrário dos “ocidentais”. Ainda que se perceba um cuidado no livro didático acima em equilibrar influências culturais mútuas, sua ideia de Oriente, por exemplo, gera uma leitura eurocêntrica.

No geral, o Período Helenístico, ainda que seja apresentado nos livros didáticos com forte influência “oriental” (isto é, afro-asiática), sempre acaba por centrar-se na Grécia, na Europa. Há um jogo sutil, ou nem tanto, em que ganham destaque as culturas na Ásia e África em relação à Grécia somente após poderem ser representados como conquistadas e civilizadas pelos gregos. Não lhes é dada voz significativa nos livros exceto quando evidenciadas como subalternas e com a impossibilidade de ocultá-las em relação à ocupação grega de seus espaços. Porém, as guerras geradas por Alexandre Magno e seus sucessores não são problematizadas, são naturalizadas. Os mapas traçam as batalhas apenas como itinerários. Não se questiona toda violência que envolveu esse contato da “cultura grega” com as outras existentes na Ásia e na África. Antes, o invasor grego é simbolizado como tolerante. Não se coloca em questão toda espécie de conflito que se deu, por exemplo, no caso de um dos livros citados, na adoção do grego em países de línguas afro-semitas. De forma totalmente descomprometida, não se discute o grau de imposição cultural que isso revela. Contraditoriamente, porém, quando são apresentadas de forma subalterna as culturas afro-asiáticas, estas são reveladas importantes para a História grega.

Devido às limitações temporais dessa pesquisa, não se analisou a bibliografia de cada livro didático, que podem relacionar-se a uma historiografia ainda baseada em conceitos feitos em períodos do imperialismo nas regiões do chamado Oriente. Curiosamente, nos livros didáticos, a noção de Oriente aparece de forma muito gritante no que se refere ao Período Helenístico, e não antes. Enquanto em relação, quando abordam outros períodos, os livros didáticos tendem a citar os egípcios, os mesopotâmicos, os fenícios, os persas, quando adentrarmos no Período Helenístico todos povos e culturas são restritos na noção de orientais, inclusive os egípcios, que se encontram na mesma longitude dos gregos historicamente.

## **6.Outras referências à Educação para as Relações Étnico-raciais no tema da História da Grécia Antiga nos livros didáticos**

Há nos livros didáticos, além das citações da Grécia Antiga em relação a outros povos ao longo da sua História, citações outras que apontam para uma Grécia como o berço da nossa cultura, sob o rótulo genérico de Ocidente. Há uma valorização de continuidade do passado grego até o nosso, em que a Grécia Antiga teria sido uma cultura civilizatória. Se citam contribuições no campo da arte, das ideias, da política. Por mais que não discorde das contribuições efetivas que por ora tenhamos recebido advindas desse recorte histórico que denominamos “Grécia Antiga”, porém questiono o modo como os livros didáticos assim apresentam muitas vezes, no sentido de colocar a Grécia como berço de muitas manifestações que, conforme a bibliografia aqui já consultada, podem não o ser totalmente. Se coloca o teatro, por exemplo, como sendo eminentemente grego, mesmo existindo manifestações dramatizadas na Mesopotâmia antes. (BERTHOLD, 2003, p. 16-17) A filosofia é posta como grega, mesmo existindo tradições sapienciais anteriores(BERNAL, 1987: 121-160) que-inclusive- podem ser consideradas como filosofia, conforme a leitura feita (BERNAL, 1987). Bernal cita o pensamento abstrato envolvendo a ideia filosófica da unicidade divina no Egito Antigo, além da tradição hermética que possivelmente recua a tempos anteriores ao Helenismo com seu deus Toth, depois considerado “Toth Três Vezes Maior” em paralelo ao Hemes Trimegisto( “Três Vezes Maior”)(BERNAL, 1987:139-145).

Algumas vezes, nos livros didáticos, vemos generalizações preocupantes. Além disso, há uma vinculação da cultura grega com o mundo romano, e uma contraposição entre Ocidente e Oriente, oposição tão criticada por Said(2007) como uma ideia que fortalece posições a favor das potências europeias e do aniquilamento da auto-representação dos povos considerados orientais, postos sob o rótulo genérico de não-ocidental: aqueles que são definidos pelo que se diz que a Europa não é.

Infelizmente, esse trabalho não pode analisar- devido à sua limitante de tempo- os livros didáticos em capítulos outros destinados que não à Grécia Antiga ou a tópicos relacionados (como heranças helênicas até os dias atuais). Sendo assim, a crítica desse trabalho pode ter um teor desequilibrado na análise, se posto em paralelo com capítulos não

analisados. Entretanto, a própria divisão e classificação dos livros didáticos em capítulos de recortes feitos por identidades étnicas- algo que retroage à historiografia dos tempos da fundação da ideia de Estado-Nação (CARRETERO ET AL, 2013)- favorece o reforço de estereótipos que fortalecem noções que opõem culturas diferentes, povos diferentes, como se fossem entidades ontologicamente distintas; e não dois recortes diversos. Sendo assim, se coloca de um lado os gregos; de outro, os egípcios; de outro, os mesopotâmicos, hebreus e fenícios(e todas generalizações que isso envolve). Isso favorece ideias como de Oriente e Ocidente, por exemplo.<sup>55</sup> Como romper com tal lógica de divisão por etnias dos livros didáticos sem prejuízo à compreensão estudantil é uma questão em aberto.

Por outro lado, percebe-se em muitos livros um cuidado na forma de apresentação de tais contribuições dos gregos a nós. Nem sempre a apresentação é feita de uma perspectiva eurocêntrica. Isso, penso, auxilia a imaginar os livros didáticos em abordagens mais cuidadosas e refletidas sobre a Grécia Antiga. Por outro lado, este trabalho teve a limitante de analisar os capítulos dos livros didáticos reservados à Grécia Antiga somente e não pode verificar se noutros capítulos se atribui também a outros povos importância nos campos em que são valorizadas as contribuições gregas. Porém, surgiam-me questionamentos quando percebia citações sobre o teatro grego, a filosofia, a medicina na Grécia Antiga até os dias de hoje sem haver paralelos com outros povos. Nesse sentido, poderíamos falar em eurocentrismo, caso não se atribua contribuições semelhantes a outros povos em capítulos de outros recortes histórico-culturais( o Egito Antigo, a Mesopotâmia, os Fenícios, dentre outros) que se não analisou. A questão permanece em aberto. Por outro lado, há ainda alguns trechos comparativos entre gregos e outros povos na Antiguidade, que nos permitem a pensar aberturas ou não para a Educação para as Relações Étnico-Raciais nos livros didáticos. Em alguns casos, vemos uma ruptura com o eurocentrismo. No livro *Apoema*, encontramos:

Sobre os esportes olímpicos hoje há: “Vários esportes praticados até hoje tiveram origem na Grécia, assim como as olimpíadas. Pesquise as modalidades disputadas nos Jogos olímpicos e, no caderno, copie e complete o quadro estabelecendo uma relação entre os jogos

---

<sup>55</sup> No que tange à Grécia Antiga, isso se veria , por exemplo, conforme defende Klerides (2009) no caso cipriota e os seus livros didáticos.

na Grécia Antiga e os atuais” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.224). Há também um exercício, em que consta novamente um exercício de rememoração:

Refleta sobre as diferenças entre os esportes do passado e os do presente e, em seguida, faça o que se pede.

a) Explique as diferenças entre os objetivos dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga e os objetivos deles na atualidade.

(...)(MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 232)

Sobre contribuições médicas gregas, vemos: “Foi Hipócrates quem resumiu a ética médica, presente até hoje no juramento que os médicos fazem ao se formar.” (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.228) e o seguinte texto com exercícios:

#### JURAMENTO DE HIPÓCRATES

Juro

Considerar os meus mestres igualmente a meus pais.

Ensinar esta arte, generosamente, aos meus e aos seus filhos, considerando-os iguais a meus irmãos; bem como àqueles que se comprometerem a praticá-la, sujeitos a este juramento, e a nenhum outro em contrário.

Aplicar o tratamento em benefício dos doentes de acordo com a minha capacidade e consciências, evitando qualquer malefício; mesmo sob **injunção** de quem quer que seja.

Praticar jamais métodos que provoquem **abortamento**.

Conservar a dignidade de minha vida e de minha arte.

Entrar na intimidade dos doentes tão só em seu benefício, sem corromper os costumes nem lhe causar ofensa ou dano.

Guardar segredo do que quer que eu veja, ouça ou venha a conhecer no exercício da Medicina ou fora dele que não deva ser divulgado, considerando a discrição como um dever.

Manter este compromisso até o limite das minhas forças.

Se eu cumprir este juramento, e de forma alguma o violar, seja-me permitido desfrutar de minha vida e de minha arte, gozando, perenemente, fama e honra entre os homens. Se eu o transgredir ou perjurar, seja o contrário o meu destino”

*Juramento de Hipócrates.* Disponível em:

<[http://apm.org.br/imagens/Pdfs/suplementocultural/Suplemento\\_Janeiro2009.pdf](http://apm.org.br/imagens/Pdfs/suplementocultural/Suplemento_Janeiro2009.pdf)>.

Acesso em: abr.2015.

Com base no documento acima, responda às questões no caderno.

1) Que aspectos do juramento de Hipócrates se mantêm na sociedade atual?

2) Há trechos do juramento que não se aplicam a nossos dias? Justifique (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p.228)

Creio que há uma carência nos comentários acima sobre Hipócrates, ao não citar a medicina mesopotâmica e sua influência na Grécia(BURKERT, 1992, p. 41-87), ou o desenvolvimento médico egípcio notável e sua influência na Grécia<sup>56</sup>, mas reputar a

<sup>56</sup> El-Nadoury e Vercoutter(2016,p. 138) aponta, por exemplo: “Por sua abordagem metódica, o Papiro Smith serve como testemunho da habilidade dos cirurgiões do antigo Egito, habilidade que, supõe -se, foi

Hipócrates heranças médicas à atualidade, pode produzir uma visão eurocêntrica a respeito.<sup>57</sup>Já abaixo, há comentários sobre Heródoto e Tucídides:

Além de todos esses campos do saber, os gregos se destacaram pela preocupação em descrever os acontecimentos históricos sem recorrer às narrativas míticas. Foi o surgimento da História como ciência. Entre os historiadores gregos, Heródoto e Tucídides são os nomes mais importantes. Heródoto foi o primeiro pensador a tratar a História como objeto de investigação. Viajou pelo Egito, pelo Império Persa e por outros lugares(...) (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 228)

Percebemos uma afirmação categórica: de que na Grécia Antiga surgiu a História como ciência e objeto de investigação. Afirmar isso é ignorar, em absoluto, todos registros de crônicas egípcias, hebraicas e mesopotâmicas (KITCHEN,2003, p. 46-47). Tratar o trabalho dos escribas egípcios e mesopotâmicos em registrar a História como não-investigativo e a de Heródoto como sim é questionável, se pensarmos o quão fabuloso possa ter sido o registro de Heródoto (ARAUJO, 2018, p. 82-87) e o quanto o próprio Heródoto recorreu a registros egípcios genealógicos.(MOYER, 2014). Creio que devemos repensar e muito esse tópico. Já a seguir, há uma citação sobre o teatro grego: “O teatro surgiu durante as festas em homenagem ao deus **Dionísio** e apresentava dois gêneros: a comédia e a tragédia”( MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 225), bem como exercícios:

- 3) Observe a imagem e pesquise para responder às questões a seguir.  
O uso das máscaras era recorrente no teatro grego. Atualmente, elas são o símbolo universal do teatro.
- O que as duas máscaras simbolizam?
  - Por que os atores utilizavam esses artefatos?

transmitida pouco a pouco à Africa, à Asia e à Antiguidade clássica pelos médicos que acompanhavam as expedições egípcias aos países estrangeiros. Além disso, sabe -se que soberanos estrangeiros, como o príncipe asiático de Baktan, Bactria, ou o próprio Cambises, mandavam chamar médicos egípcios, e que Hipócrates “tinha acesso à biblioteca do templo de Imhotep em Mênfis”. Posteriormente, outros médicos gregos seguiram -lhe o exemplo

(..)

Imhotep, o vizir, arquiteto e médico do rei Zoser, da III dinastia, é uma das mais significativas personalidades da história da medicina. Sua fama manteve -se durante toda a história do antigo Egito, chegando até a época grega. Divinizado pelos egípcios com o nome de Imouthes, foi assimilado pelos gregos a Asclépio, o deus da medicina. Com efeito, a influência egípcia sobre o mundo grego, tanto na medicina como na farmacologia, é facilmente reconhecível nos remédios e nas prescrições. Alguns instrumentos médicos utilizados em operações cirúrgicas foram descobertos em escavações.

(...)a medicina egípcia não deve ser desconsiderada enquanto ciência, pois contém o embrião de uma abordagem metódica, particularmente quanto à observação de sintomas(...)

57 Também, segundo El Nadoury E Vercoutter( 2016, p. 138): “sabe-se que(...) Hipócrates “tinha acesso à biblioteca de Imhotep em Mênfis” ”

c) Qual a importância do teatro grego? (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 233)

Penso que não citar a existência de rituais dramatizados no Egito e na Mesopotâmia podem gerar uma impressão solipsista de criatividade inata grega (BERTHOLD, 2003, p. 7-17). Creio que nisso se possa falar de um silenciamento que gera um viés eurocêntrico. Além disso, há uma charge reputando à Grécia Antiga a origem do pensamento científico ocidental, junto com questões anexas:

Figura 29: Reprodução de charge



Fonte: MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 268

- Por que Zeus está bravo?
  - Segundo o filósofo, qual era a função da religião?
  - De acordo com o que você aprendeu, por que a Filosofia foi importante?
  - Pode-se afirmar que o filósofo da tirinha é racionalista? Por quê?
  - Como a sociedade se organizava no período em que Homero escreveu suas obras?
- (MOCELLIN E CAMARGO, 2015, p. 268)

No campo da filosofia, penso que há acima um silenciamento que favorece um viés eurocêntrico da História da humanidade. Há um desenvolvimento sapiencial no Egito Antigo antes da Grécia Clássica, que bem pode ter a muito influenciado, com filósofos famosos como Pitágoras e Tales de Mileto ou até mesmo Platão sendo reputados de que teriam alguma vez viajado para o Egito. (LAUER *apud* BERNAL, 1987, p. 279) No entanto, a gravura não entra em contradição com a ideia de Vernant(1998, p. 81-104) da originalidade grega residir em fazer do saber independente da mitologia, gerando o que convencionamos de filosofia (ainda que assim, toda filosofia religiosa se extirparia do cânone filosófico).

Vejamos a seguir outro livro didático, *Mosaico*. Há outra citação, de seleção de Ciro Flamarion Cardoso citando Aristóteles (*O trabalho compulsório na Antiguidade: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias*, p.120-121): “Como é de costume nas cidades, não deveríamos comprar escravos das mesmas origens étnicas”.(VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 239) Tal citação faz parte de um exercício maior sobre escravos na Grécia Antiga, porém não problematiza a questão étnica (nem discute o que no texto original grego seria o termo traduzido por origens étnicas). Além desse trecho, há o seguinte:

As obras gregas valorizam o humano ( e não principalmente aos deuses, como as dos povos do Oriente) e tentaram se aproximar ao máximo do seu mundo propondo novas reflexões sobre seus pensamentos, seus sentimentos e suas atitudes diante da vida. Em alguns lugares do mundo, os valores dessa cultura foram considerados exemplares.

(...) Os mitos gregos também exerceram grande influência sobre outros povos, servindo até hoje de inspiração para obras de arte e para diversas áreas do conhecimento humano, como a Psicologia (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.242)

Aqui se ressalta a oposição entre Oriente e Ocidente, com negativização do mundo oriental por suas leituras míticas do mundo em contraposição às leituras “humanizadas” gregas, como se fosse possível desassociar os deuses do que é humano e quando os orientais comentassem sobre o mundo divino não pudessem comentar sobre a realidade humana. Igualmente, é estranho tal afirmativa dos gregos valorizarem o humano com sua arte religiosa ou seu teatro muitas vezes fundamentados em Homero.

Por outro lado, colocar os mitos gregos como influentes na atualidade, se não foram feitas as contrapartes das influências religiosas de outras culturas também, pode gerar um eurocentrismo que as oculta. Entretanto, esta pesquisa desconhece se noutros capítulos possa ter sido feito isso. Vejamos outras citações:

O desenvolvimento econômico, as guerras e as constantes migrações que ocorriam na Grécia antiga fizeram da região um “ponto de encontro” de diversos povos. Cada um deles tinha os próprios mitos para explicar a origem do mundo e da humanidade. Diante de tantas explicações diferentes para os mesmos fatos, os gregos começaram a se questionar: quais delas seriam verdadeiras e quais seriam falsas? Foi com base nesses questionamentos que se procurou buscar uma verdade que valesse para todos. Essa busca deu origem à Filosofia, forma de conhecimento que não mais se baseava em explicações mitológicas, mas na razão humana (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.246)

Essa citação, felizmente, valoriza o multiculturalismo na Grécia Antiga, colocando como a origem do pensamento filosófico no mundo nos múltiplos contatos entre os gregos e os outros povos. Podemos perceber em alguns momentos rupturas com o eurocentrismo nos livros didáticos, o que pode ser pensado como pontos valorativo incorporado. Porém, tais pontos a favor de uma educação multicultural são muitas vezes anulados por outros:

VOCÊ PRECISA SABER...

**O quê?**

\* Os gregos antigos desenvolveram conhecimentos e artes que os diferenciam das civilizações orientais.

(...)

**Por quê?**

\* Literatura, teatro, mitos, escultura, Filosofia, História e política são algumas das áreas gregas que influenciaram outras civilizações. A civilização grega é considerada o impulso fundamental da cultura ocidental.

(...)

\* O fim da democracia e as seguidas guerras dos períodos Clássico e Helenístico atuaram fortemente nas mudanças culturais e artísticas, principalmente na escultura e na Filosofia. (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p. 251)

Os gregos seriam então aqueles que influenciam as civilizações orientais, bem como dariam o fundamento da cultura ocidental. Por outro lado, as mudanças culturais, artísticas e filosóficas nos períodos Clássico e Helenístico não seriam tanto decorrentes dos contatos multiculturais e multiétnicos, mas das guerras e do fim da democracia. Além de tais trechos, há o seguinte que, diferentemente do anterior, rompe de forma interessante com certa perspectiva que isola os gregos de outros povos:

**Retome**

(...)

2 Compare a religião dos gregos e dos antigos egípcios, apontando uma semelhança e uma diferença entre elas.

(...) (VICENTINO E VICENTINO, 2015, p.252)

No exercício acima, é proposto justo uma das críticas de Martin Bernal(1987): não dar o devido crédito à dívida da religião grega à egípcia. Porém, de forma surpreendente, não se trabalha tal problemática no livro citado. Isso poderia decorrer de referências bibliográficas utilizadas por este. A questão fica em aberto. Vejamos citações restantes de outros livros didáticos sobre a temática étnico-racial na Grécia Antiga.

No livro *Piatã*, encontra-se um detalhe de vaso grego de bronze achado em Vix, na França, não reproduzido aqui. A questão em nada problematiza sobre a localização de tal vaso fora da Grécia. Além disso, há a citação abaixo, que em si não necessariamente valorizaria um etnocentrismo eurocêntrico se não se invisibilizasse noutros trechos as influências afro-asiáticas. Sendo assim, se dá uma falsa impressão da “genialidade” grega:

A cultura ocidental herdou muitas coisas dos gregos, e o estudo da Grécia antiga é uma oportunidade de identificação de vários dos fundamentos das sociedades atuais, manifestados no modo de pensar, de fazer política, de refletir sobre a beleza das coisas e sobre as expressões artísticas (RIBEIRO E ANASTASIA, 2015, p. 138)

Já no livro *Araribá*, encontramos:

A primeira obra historiográfica de que se tem notícia é a de **Heródoto** (484-425aC) (...) Para tanto, viajou por diversos lugares, como a Península Itálica, o Egito e o Império Persa, e registrou muitas observações e depoimentos sobre os diferentes povos que conheceu.

A primeira frase de Heródoto em seu livro *História* já anuncia o caráter racional de sua forma de pensar e descrever os acontecimentos:

“Os resultados das investigações[...] são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerreavam”

HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora UnB, 1985, p.19 (APOLINÁRIO, 2014, p. 167)

Há também um texto sobre a influência grega na Medicina e Hipócrates:

Outro campo científico desenvolvido pelos gregos antigos foi o conhecimento sobre o corpo humano e as doenças, que mais tarde daria origem à medicina. Um dos pensadores que mais se destacaram nessa área foi Hipócrates (460-380 a.C.). Ele afirmava que as causas das diversas doenças eram naturais, e não sagradas ou mágicas, como acreditavam os antigos curandeiros. (APOLINÁRIO, 2014, p.167)

Vemos também uma legenda acompanhando o texto:

Detalhe de *Hipócrates se recusando a receber um presente de Artaxerxes*, pintura de Anne-Louis Giradet de Roucy-Trioson, 1816 (...) A cena retrata o momento simbólico em que Hipócrates se recusa a receber presentes do rei persa Artaxerxes, inimigo dos gregos, em troca de seu trabalho médico (APOLINÁRIO, 2014, p.167)

Novamente, se reproduz a ideia de Heródoto como o “Pai da História”, o que se colocou como questionável. Por outro lado, há um quadro de Hipócrates em que, no que tange à temática étnico-racial, não acrescenta nada de positivo para o debate, em que o persa

seria o inimigo a ofertar presentes a Hipócrates que o nega. Igualmente, contribuições egípcias à medicina de Hipócrates não são comentadas.

Vejamos, então agora, o livro *História: sociedade e cidadania*. Há em boxes imagens de esculturas com legendas: “Cópia romana da deusa Hera(...)”(BOULOS JÚNIOR, 2015, p.232), “Cópia romana de uma estátua grega de Zeus encontrada em Pompeia(...)” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.232) ,“(...)”, “ Cópia romana de uma estátua grega de Afrodite(...)” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 233). Há ainda um outro trecho de uma legenda na página 238: “A maioria das estátuas gregas é conhecida por sua cópias romanas (...)” Além disso, há a seguinte citação: “O médico Hipócrates de Cós é considerado o fundador da medicina ocidental.” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.232, p.232, p.233, p.238, p.241)

A referência a Hipócrates não seria eurocêntrica se noutros capítulos se abordassem práticas médicas de outros povos, inclusive os que afetaram os gregos, bem como a influência egípcia que Hipócrates recebeu. Porém, não percebemos nenhuma citação nesse sentido. Passemos agora ao livro *Integralis*:

Nesta unidade, conheceremos a sociedade romana, assim como outra que a antecedeu e influenciou grandemente: a grega. Juntas, essas duas sociedades criaram instituições e produções culturais que até hoje são importantes referências para vários povos no mundo

(...)

A forma de viver do brasileiro tem muito em comum com a de pessoas de outras nacionalidades(...)

Dentre essas semelhanças há, por exemplo, um governo e um sistema político que inclui a participação da população, o fato de as terras, ou a casa em que se habita, ser propriedade privada; a valorização da troca de ideias entre os indivíduos; a observação dos fenômenos naturais e humanos como base de construção do conhecimento.

A existência desses elementos em comum tem uma explicação histórica, e são exemplos de um conjunto maior de elementos que caracterizam o chamado mundo ocidental. (...) A construção desse mundo começou na chamada Grécia Antiga, uma sociedade da Antiguidade composta por diversos povos, que compartilhavam costumes em comum e chegaram a dominar grande parte do Mediterrâneo(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 111-112)

A Grécia e Roma antigas são vinculadas, atribuindo à cultura grega como origem do “Ocidente” (noção tão criticada por Said, conforme já citado nesta pesquisa). Já abaixo, vemos trecho que se vincula a Grécia Antiga à ideia de civilização ocidental.

Há muito tempo, os povos do Oriente construíram aquilo que muitos estudiosos chamam de **civilização**: uma sociedade complexa, em que a vida coletiva ganha variedade, cores, alternâncias, dinamismos. Os gregos antigos foram os primeiros a dar essa dimensão a uma sociedade do Ocidente.

A Grécia Antiga formou-se com base na contribuição de inúmeros povos, como os aqueus e os jônios. E foi cenário para uma sociedade pioneira em vários aspectos. Na política, por exemplo, os gregos antigos abandonaram a **força** como base do poder e passaram a utilizar a **persuasão** ( o convencimento pelas ideias), passo decisivo para a construção da **democracia**.

Criaram ainda a **filosofia**, método de pensar e compreender o mundo, que se tornou base para o desenvolvimento da matemática, da física, da medicina, da astronomia. Em outras palavras, fortaleceram os princípios da observação e do questionamento, fundamentos da ciência contemporânea.

Os gregos antigos também estabeleceram novos **padrões de beleza**, sobretudo no que se refere à arquitetura e à representação do corpo humano. Nas artes, criaram o **teatro**, com as tragédias e as comédias. Deram origem, enfim, a um legado que foi assimilado e reelaborado por inúmeros povos, em diferentes tempos, até chegar aos dias atuais.” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.113)

Os gregos, como protótipos do Ocidente, transformam-se nesse livro como a cultura não-oriental que se baseou antes na persuasão do que na força. Seriam, conforme o trecho citado, também os possibilitadores da democracia, bem como os criadores da filosofia, que permitiria o desenvolvimento da matemática, da física, da medicina e da astronomia, “Em outras palavras, fortaleceram os princípios da observação e do questionamento, fundamentos da ciência contemporânea”. Isso é clara reprodução de preconceitos: Podemos ver persuasão envolvida nas guerras de Alexandre Magno para conquistar o Império Persa, nas guerras entre cidades gregas e também entre o Império Persa, as sucessivas invasões de povos, a mítica guerra de Troia? Por outro lado, se coloca a filosofia e o teatro como invenções gregas, o que é discutível. Vejamos outras citações outras do mesmo livro.

No século II a.C., os romanos conquistaram as cidades da Grécia Antiga. E, segundo o poeta romano Horácio, “a Grécia cativa cativou Roma”. Os conquistadores romanos, sedentos tanto por grandeza e glória como por conhecimento, encantaram-se com a filosofia e a arte gregas.

Mesmo com o fim do Império Romano, todo o legado da cultura greco-romana não desapareceu. Preservado por inúmeros povos, sobrevive até os dias de hoje. Transformado, reelaborado, reinterpretado, constitui a base da cultura ocidental, e é o tema deste capítulo. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.169)

Novamente, a Grécia, associada a Roma, vira epítome da cultura ocidental. Essa pesquisa questiona-se o quão vantajoso o é manter tal conceito. No caso, por exemplo, se coloca a Grécia Antiga e o período romano como base do Ocidente, e não do Oriente. Dessa forma, toda História do Oriente Próximo acaba se desligando de qualquer discussão de influências greco-romanas, por exemplo. Vejamos outras citações:

Os gregos desenvolveram os fundamentos do pensamento filosófico e deram forma a diferentes ramos do conhecimento. Não ficaram para trás no campo das artes: produziram diversas obras na arquitetura, na escultura, na pintura. Essa produção se notabilizou por traços harmônicos, equilibrados, simples.

Há ainda o teatro, também uma invenção grega. Sob o domínio macedônio, toda essa cultura fundiu-se com a cultura oriental, sobretudo com a egípcia, a mesopotâmica e a persa. O resultado foi o helenismo, com obras dramáticas, grandiosas, suntuosas.

Graças ao expansionismo de Alexandre, surgiram novas correntes filosóficas marcadas pela influência dos grandes centros urbanos. A união entre a visão grega de mundo e o modo mais prático dos orientais contribuiu para o conhecimento em diferentes áreas.

Os romanos, por sua vez, eram mais tradicionais. Preocupados com as normas que regulavam as sociedades, lançaram as bases da ciência jurídica: o direito. Com espírito prático, criaram grandes obras arquitetônicas destinadas a atender às necessidades da população. Mas, ao conquistar a Grécia Antiga, no século II a.C., renderam-se aos elementos da cultura grega, que adotaram e reelaboraram.

A objetividade romana deu lugar à grandiosidade e à imponência, sobretudo na arquitetura e na escultura, e passou a ser impossível, em alguns casos, dissociar a cultura grega da romana. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.170)

O eurocentrismo parece-me gritante. As influências afro-asiáticas sobre a cultura grega ocorrem com o helenismo e não anteriormente. Apresenta-se os gregos como criadores do teatro e da filosofia, o que pode ser questionado, se pensarmos na tradição sapiencial anterior aos gregos e nos rituais dramáticos anteriores.

Vemos outras citações, em que os gregos são associados aos romanos, e disso, associa-se com a gênese de grande parte de nossa sociedade. Esse ponto é de interesse para futuras pesquisas, pensar como se relaciona a Grécia à Roma Antiga nos livros didáticos, mas foge ao escopo dessa análise com um enfoque afro-asiático. Há uma legenda: “Ruínas de teatro greco-romano na região da atual Sicília, Península Itálica. O teatro é considerado uma invenção dos gregos. Apropriado pelos romanos, espalhou-se por vastos territórios” e um outro trecho: “Grande parte dos povos próximos ao Mediterrâneo herdou suas crenças religiosas dos gregos antigos. Foi assim, por exemplo, com os romanos”(CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015,p.170, p.171) Há também:

Vários hábitos, entretanto, se modificaram, sobretudo ao receber influências das culturas etrusca e grega. Os númenes, por exemplo, adquiriram forma humana, identificando-se com os deuses de origem grega. Os principais deuses romanos, assim, coincidiam com os do panteão grego, inclusive em suas atribuições. Mas possuíam nomes latinos. (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.172)

Vemos também: “Os romanos aproveitaram diversos conhecimentos elaborados pelos gregos. Vários deles acabaram sendo aperfeiçoados e utilizados, por exemplo, na arquitetura.” e “A produção artística entre os romanos, por sua vez, sofreu grandes transformações a partir das conquistas militares e durante o Império. Contribuíram para isso os intensos contatos com as culturas da Grécia Antiga e do Oriente.” e [*Referente aos romanos*]: “Os circos assemelhavam-se aos hipódromos gregos, (...)” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.174, p.175 , p.179) e:

Na sociedade romana, podemos perceber várias permanências do Mundo Grego. O historiador Paul Veyne, um dos maiores especialistas no assunto, afirma que “os gregos estão em Roma, são o essencial de Roma

1. Aponte três semelhanças entre a cultura dos gregos e a dos romanos.
2. Aponte também três diferenças entre essas culturas.
3. Por que os romanos absorveram grande parte da cultura dos gregos? (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p.181)

Além disso:

Muitas das características do Mundo Grego Antigo e do Império Romano chegaram até os dias atuais. Lógico: elaborados, reelaborados, transformados. Vamos conhecer um pouco mais de perto essa dinâmica, em que culturas de diferentes tempos conseguem dialogar?” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 200)

Por fim, há citações genéricas sobre a contribuição dos filósofos gregos ao conhecimento humano, sobre contribuições literárias e teatrais gregas para a atualidade e um exercício que solicita aos alunos explicarem a origem do teatro; está última questão tendo um caráter eurocêntrico, porque o livro didático não fornece explicações outras para a origem do teatro exceto a endógena grega, o que pode ser problematizado: “Os diferentes métodos desenvolvidos pelos filósofos gregos contribuíram para transformar o conhecimento humano.”, “As obras literárias e teatrais criadas na Grécia Antiga são de extrema importância para a nossa cultura.” e “5. Explique a origem do teatro.” (CERQUEIRA; PONTES; SANTIAGO, 2015, p. 174, p. 179, p.181)

Como podemos ver, há nas citações mais generalistas sobre a Grécia Antiga novamente um caráter eurocêntrico, ocidentalizado (em contraposição ao Oriente), em que se cala inúmeras influências afro-asiáticas e explicações outras nas quais as heranças culturais gregas não são tão somente gregas. Há uma “ignorância sancionada”, como diria

Spivak(2012, p.98) sobre culturas outras que não a grega. Conforme Spivak sugere, há um jogo de poder que silencia os considerados subalternos na História, o que parece se encaixar perfeitamente em muitas das citações retiradas dos livros didáticos aqui trabalhadas. A Grécia Antiga se afirma como a terra da originalidade cultural antes de tudo pelo silêncio imposto a outras culturas e povos aos quais ela fosse devedora. Não tanto a escrita explícita da História eurocêntrica, porém a ausência dos subalternos é que gera esse tom eurocêntrico. O problema em si não seria o ensino sobre a Grécia Antiga: mas esse ensino ser desassociado das realidades vizinhas a esse recorte geográfico-temporal que denominamos Grécia Antiga.

Infelizmente, pela limitante do recorte de pesquisa desse trabalho, não foi possível contrabalançar a análise com a de capítulos outros dos livros didáticos que abordam outros recortes que não o da Grécia Antiga. Talvez muitos dos problemas aqui apontados sejam amenizados nessas outras partes que não foram vistas. Entretanto, isso não diminui a problemática de que- quando se comenta a respeito da Grécia Antiga- a isolar frequentemente de realidades étnico-culturais que fujam desse recorte, bem como tornar subalterno o contato com tais realidades. O quanto isso possa ser devedor a um modelo que secciona os livros didáticos por etnias, que remonta a uma pedagogia nacionalista em defesa do Estado-Nação(CARRETERO ET AL, 2013), demanda outra pesquisa, além do trabalho de pesquisa aqui realizado, de ordem curricular, que deveria gravitar em torno de 180 horas, valor em muito ultrapassado nessa pesquisa, com seleções exaustivas de excertos dos livros didáticos, leitura ampla em História Antiga e outras temáticas, com ampla bibliografia em literatura estrangeira (centenas, se não milhares de páginas) e citações. Igualmente, como já dito, essa pesquisa não se focou em analisar a bibliografia citada nos livros didáticos, de modo a questionar-se o quanto a produção acadêmica atual possa ser responsável pelos vieses interpretativos e informações oferecidas pelos livros didáticos; bem como qual a influência possível que possa existir de uma formação universitária em Antiguidade que excluísse e/ou inferiorizasse as influências afro-asiáticas para com a Grécia Antiga.

## **7. Conclusões**

Resumidamente, penso que depois do que foi exposto, podemos refletir o quanto os livros didáticos, no que se refere à seleção feita de parcela dos livros de História para o 6º ano do Ensino Fundamental aprovados para o Triênio 2017-2019, abordam a temática étnico-racial no que se refere à Grécia Antiga em um enfoque afro-asiático. Penso que podemos aqui refletir de estar se reproduzindo leituras históricas aos alunos que silenciam o contato dos povos africanos e asiáticos para com as populações que viviam na Grécia Antiga. Talvez ainda haja reminiscências do período colonialista europeu impressos nos livros didáticos, optando em primazia por explicações eurocêntricas e ignorando outras que proponham uma perspectiva afro-asiática, ou mesmo não-helenocêntrica.

Esta pesquisa dialogou com ideias defendidas por Martin Bernal no que tange ao *Ancient Model*, que propõe uma releitura da Grécia Antiga a partir de um viés afro-asiático. Segundo tal autor, tal modelo foi rejeitado por motivos racistas, pelos quais não seria possível dar valor tanto a culturas semitas como a fenícia quanto a culturas africanas como a egípcia. A Grécia teria se tornado epítome de civilização europeia e logo de humanidade e civilização, a partir de historiadores europeus. No que tange aos livros didáticos, tais ideias aparentam estar presentes, ao serem reproduzidas ideias grosseiras e contraditórias como da Grécia ser o berço da política (como se não houvesse política fora e antes dela) ou se trabalhar com afrescos cretenses de forma anacrônica e descontextualizada, em que nada se fala de possíveis origens negras da civilização grega, bem como citar junto das figuras sobre escravizados onde não há nenhuma razão para se ver isso, exceto se estigmatizando a cor negra das pessoas representadas como fossem escravas. Ou ao se encontrar ideias negativas atribuídas aos povos “orientais”, em contraposição da visão positiva dada aos gregos.

A ideia de Oriente e Ocidente, por outro lado, foi muito recorrente nos textos analisados. O conceito de Said de Orientalismo, ao que aparenta, demonstra ser aplicável a muito do que se encontrou nos livros didáticos. Coloca-se de forma extremamente genérica todos povos que pertenciam ao Império Persa como orientais, e estes orientais são muitas vezes representados como recebendo influências positivas gregas somente com o Período Helenístico, quando são dominados após invasão greco-macedônica. Igualmente, são

retratados como influenciando os gregos em muito após serem dominados pelos helenos. A ideia de Oriente genérico, inferior e tutelado pelos europeus, bem como espelho europeu, o grande “Outro” da identidade eurocêntrica- conforme Said defende do colonialismo identificar como Oriente- penso que aplica-se nesse caso.

Igualmente, a ideia de Spivak, de que às populações subalternas não é dada voz, exceto se mediadas por um superior, também dialoga com tal pesquisa. Há a negativa em pensar a Ásia e a África em relação à Grécia, em um silenciamento contínuo do que podemos chamar de uma ignorância sancionada. O teor eurocêntrico ocorre menos pela forma com que é apresentado o texto didático do que pelo ocultamento geral de explicações que podem trazer à lume influências afro-asiáticas. Quando não é mais possível ignorar relações com a África e a Ásia, os livros didáticos tendem a mediar os temas por um viés valorativo da Grécia Antiga. Sabe-se, por outro lado, que o ensino da Grécia Antiga foi utilizado no passado para fins colonialistas (LARSON, 1999) ou atualmente por disputas nacionalistas (KLERIDES, 2009). Também, o tema de estudo do Helenismo foi flagrantemente construído em cima de comparações imperialistas. (BIAZOTTO, 2014; 2017)

Ainda que exista bibliografia considerável sobre outros caminhos na leitura da História da Grécia Antiga, por lentes afro-asiáticas, persiste uma abordagem eurocentrada, ignorando trabalhos já muito conhecidos no mundo acadêmico como de Burkert (1992), dentre outros tantos citados nessa pesquisa. Por outro lado, há algumas aberturas em que se pode pensar em um ensino não-eurocentrado possível em algumas passagens dos livros investigados. Em todo caso, o que predomina é uma leitura em que a Grécia permanece aparte da realidade afro-asiática, exceto quando confrontada com a Guerra com os Persas, a Invasão de Alexandre Magno do Império Aquemênida e o Período do Helenismo.

Primeiramente, relaciona-se a etnicidade grega com as invasões indo-europeias, bem como com a emergência da língua grega no Período Micênico. Desconsidera-se discussões como a de Hall (2001), que apontam a emergência do ethos grego em decorrência das guerras contra os persas ou no Período Clássico. Mesmo que abordando alguns casos das populações nativas anteriores- os pelasgos-, além da Civilização Minoica, há um distanciamento de todos esses dos gregos. Os cretenses não poderiam ser vistos como gregos, pois não falariam a língua indo-europeia grega. Igualmente os pelasgos. Os cretenses são postos, frequentemente,

como superados e dominados. Mesmo citando contatos entre os minoicos, egípcios, fenícios e hititas, são referências breves e rasas, sem aprofundamento. Não se cogita nos livros didáticos analisados da população anterior às invasões indo-europeias poder ter origens étnicas parcialmente afro-semitas. Não se problematiza a língua minoica poder ter sido afro-semita. Igualmente, não se aborda uma possível origem fenícia de várias cidades gregas. No que se refere à escrita no período pré-homérico, a hieróglifa cretense é reputada como de origem afro-asiática, isto é, egípcia, em um livro apenas. Também aspectos religiosos e políticos relacionados aos cretenses e ao mundo afro-asiáticos não são apresentados. Por outro lado, não são abordadas outras questões mais minuciosas, como a problemática de toponônimos não explicados pelo idioma grego. Sobre o Período Micênico, o padrão de ocultamento afro-asiático é semelhante, ainda que comentem os contatos comerciais com povos na Ásia e na África.

Já do Período Homérico até o Clássico, com a expansão colonial grega e o modelo da pólis grega, há geralmente um silêncio sobre os povos com quem os gregos entram em relação direta ao instalar suas colônias. Por outro lado, há algumas citações esporádicas, em que se relacionam os gregos com egípcios e fenícios. Também em dois livros apenas se informa do alfabeto grego fonético ter sido introduzido pelos fenícios, seja sem citar data para tanto ou ao se colocar isto em 900 a.C., sem discutir uma possível continuidade da escrita desde o Período Micênico, em que o alfabeto pode ter sido introduzido muito anteriormente pelos semitas na Grécia. Se comenta também de influências artísticas afro-asiáticas para esse período, porém, em geral, esporádicas e nunca aprofundadas. Não se adentra em possíveis influências religiosas, linguísticas e literárias afro-asiáticas até o Período Clássico(BURKERT, 1992). Igualmente, o colonialismo grego é pensado centrado na pólis, e não tanto em uma visão de sistema-mundo (*world-system*) proposto por Vlassopoulos(2007,a; 2007, b), em que as cidades gregas e suas colônias se relacionam em um modelo global(isto é, no contexto regional) no espaço do Mediterrâneo. Ao centralizarem o fenômeno do colonialismo na pólis, os livros didáticos ignoram um contexto mais geral que necessita pensar mais profundamente as relações étnico-raciais. Se coloca também como sinônimo de organização política grega a pólis, o que é questionável, bem como se utiliza o conceito de cidade-Estado irrestritamente, sem o discutir(ARAUJO, 2018). Por outro lado, citam-se

Atenas e de Esparta como modelos de *póleis* gregas. Nesses dois modelos, se apresenta diferenças étnicas geralmente como conflitivas; já os estrangeiros, se citados, geralmente são definidos por aqueles que não tem direitos e decisão na pólis.

Quando adentramos no que se refere ao contato dos gregos com os persas, o que fica evidente é somente o conflito bélico. Toda possibilidade de abordar como o contexto histórico da conquista persa e as posteriores guerras influíram na cultura grega é deixada de lado. Não se relaciona, por exemplo, o fenômeno do teatro grego com o contexto de contato; ou a concomitância da filosofia grega no período nas áreas persas. Os persas são os inimigos desestabilizadores da Grécia, na narrativa geral de muitos dos livros investigados.

Quando se adentra na invasão macedônica da Grécia Antiga e o posterior avanço e saque helênico do Império Persa com Alexandre Magno, o relato é naturalizado. Alexandre Magno é posto como tolerante às diferenças culturais, mesmo invadindo o maior Império do mundo no momento. Não se coloca em questão toda violência que envolve uma invasão militar, bem como os saques feitos aos cofres persas, sem falar da falta de visão futura de governo de Alexandre Magno, em sua sede insaciável por conquistas.

Já o Período Helenístico, inaugurado com a divisão dos povos subjugados pelos gregos, é posto como um período de riqueza cultural, em que a invasão helênica tivesse possibilitado aos orientais ter conhecimento da cultura grega. As referências aos povos afro-asiáticos no que tange ao Período Helenístico são reduzidas, geralmente, ao rótulo genérico de Oriente. Por outro lado, os livros didáticos não abordam possíveis conflitos entre os orientais dominados e seus novos governantes helênicos. Entretanto, são ressaltadas inúmeras contribuições afro-asiáticas para a Grécia Antiga. Porém, o centro de atenção é a Grécia Antiga, e não o mundo afro-asiático. Isso é compreensível para a abordagem de capítulos didáticos referentes à Grécia Antiga, porém pode distorcer a percepção dos alunos a respeito.

Uma dificuldade, dos livros analisados, no que se refere à Educação para as Relações Étnico-Raciais, é a divisão da Antiguidade por etnias. Vemos os livros didáticos repartidos em capítulos segundo recortes étnicos específicos: egípcios, fenícios, hebreus, mesopotâmicos, chineses, gregos, dentre outros. Isso, em certa medida, se alinha com uma tradição historiográfica nacionalista (CARRETERO ET AL, 2013), que vê na filiação étnico-nacional um fato natural. Assim, se classificam as culturas de forma estanque e separadas em etnias.

Desse modo, essa própria forma de seccionamento dos livros didáticos favorece abordagens que mais isolam do que inter-relacionam as culturas na Antiguidade. Igualmente, deve ser ressaltado mais as limitantes da pesquisa: ela direcionou-se unicamente às seções destinadas à Grécia Antiga. Em vista disso, pode haver um desequilíbrio nas críticas feitas.

Não está claro também, por outro lado, porque os livros didáticos seriam escritos de modo a privilegiar uma abordagem eurocêntrica no que consta ao tema da História da Grécia Antiga. Aponta-se a possibilidade de isso poder decorrer da bibliografia utilizada por tais livros, porém esta pesquisa não analisou tal aspecto, devido a limitante de tempo.

Ainda estão em aberto, para análises futuras, alguns pontos como a análise de capítulos outros dos livros didáticos envolvendo povos que não os gregos; a análise da bibliografia citada pelos livros didáticos; a análise de livros didáticos do mesmo triênio ou de triênios diversos não explorados nesse trabalho.

Igualmente, penso que essa pesquisa- junto de possíveis acréscimos que venham a ser feitos por pesquisas outras relacionadas- possa ajudar a pensarmos sobre a História da luta contra o racismo no Brasil e no mundo, a aplicação de políticas públicas no que tange ao livro didático e o ensino de temáticas obrigatórias, o ensino de História Antiga no Brasil (bem como a sua reprodução acadêmica) e a escrita de livros didáticos e paradidáticos. Além disso, pode se pensar na reflexão a respeito da historiografia e temas envolvendo a temática étnico-racial; buscando analisar o quanto se modificou ou não ao longo dos anos as abordagens dos livros didáticos e por quais razões.

Por fim, cabe deixar uma provocação. Incomodou-me pensar no ineditismo dessa pesquisa. De que modo eu, alguém de descendência europeia, fui o primeiro a se aventurar no tema? Parece que a provocação de Spivak, a respeito de o quanto é dada a fala ao subalterno, mediada por alguma figura de autoridade, fica no ar. Ao mesmo tempo, o próprio caráter mediador que Spivak argumenta ter muitas vezes tais mediadores. Isso, ao me fazer pensar na minha vida pessoal, deixa-me pensativo. Pensativo ao refletir desde os períodos na biblioteca do colégio que ficava à revelia do desejado pelo colégio, ainda que tolerado, esperando minha mãe voltar do trabalho. Sem essas leituras, nunca teria chegado até aqui.

**Obras analisadas:**

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto Araribá**–História. 6 ano. São Paulo: Moderna, 2014.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade e cidadania**- 6º ano. 3ª edição, São Paulo: FTD, 2015.

CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida; SANTIAGO, Pedro. **Integralis: História**- 6º ano. São Paulo: IBEP, 2015.

MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane. **Projeto Apoema: História**-6º ano. 2º edição. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

RIBEIRO, Vanise Maria; ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Piatã: História** 6º ano. Curitiba: Positivo, 2015.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Projeto Mosaico**–História- 6º ano **História**. São Paulo: Scipione, 2015.

## **Referências:**

- ANDRADE DURÃO, Gustavo. Antiguidade, afrocentrismo e crítica: invenção e mito na História Antiga. **Faces da História**, Assis, v. 4, n. 2, p. 28-41, 2017. Disponível em: [seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/168/833](http://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/168/833) Acesso em 3 dez. 2019
- ARAUJO, Matheus Treuk Medeiros de. **O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13032019-104322/publico/2018\\_MatheusTreukMedeirosDeAraujo\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13032019-104322/publico/2018_MatheusTreukMedeirosDeAraujo_VCorr.pdf) Acesso em 15 de nov. 2019
- ASHERI, David. **O Estado Persa: ideologias e instituições no império aquemênida**. Perspectiva: São Paulo. 2006.
- BAILKEY, Nels. Early Mesopotamian constitutional development. **The American Historical Review**, Washington(Estados Unidos), v. 72, n. 4, p. 1211-1236, 1967. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1847791> Acesso em 17 de nov. de 2019
- BALCER, Jack Martin. The Greeks and the Persians: the Processes of acculturation. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Stuttgart(Alemanha), n. H. 3, p. 257-267, 1983. Acesso em: <https://www.jstor.org/stable/4435852> Acesso em: 19 dez. 2019
- BERNAL, Martin. **Black Athena: Afroasiatic roots of classical civilization**, Volume I: The fabrication of ancient Greece, 1785-1985. Rutgers University Press: New Brunswick(Estados Unidos), 1987.
- BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. 1ª edição, 2ª reimpressão, Editora Perspectiva: São Paulo, 2003, p.1-28, 103-138.
- BIAZOTTO, Thiago do Amaral. Construindo a Helenização: interações culturais entre greco-macedônios e autóctones nas obras de Droysen, Jouguet e Momigliano. **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 111-131, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cliio/article/download/40430/24669> Acesso em 19 dez. 2019
- \_\_\_\_\_. Imperialismo macedônio e colonialismo francês: o mundo helenístico de Pierre Jouguet. **Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 139-156, 2017. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/view/304> Acesso em 19 dez. 2019
- \_\_\_\_\_. “... E ele teria caçado Bin Laden até o Afeganistão, se fosse preciso”. O Alexander, de Oliver Stone, e a política norte-americana. **NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade**, Rio de Janeiro, Ano 7,n. 1,p. 114-124, 2014. Disponível em: [www.neuerj.com/Nearco/arquivos/numero14/8.pdf](http://www.neuerj.com/Nearco/arquivos/numero14/8.pdf) Acesso em: 19 dez. 2019

BIETAK, Manfred. The setting of the Minoan wall paintings at Avaris. **British School at Athens Studies**, Londres(Reino Unido), v. 13, p.83-90, 2005. Disponível em: [www.jstor.org/stable/40960394](http://www.jstor.org/stable/40960394) Acesso em 19 de nov. 2019

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017. Disponível em: [basenacionalcomum.mec.gov.br/](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/) Acesso em 10 de dez. 2019

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **PNLD**. Brasília, 2019. Disponível em: [portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id%3D12391&option%3Dcom\\_contentview%3Darticle](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id%3D12391&option%3Dcom_contentview%3Darticle) Acesso em 17 de dez. 2019

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2013

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. 29ª edição. Ediouro: Rio de Janeiro, 2003.

BURKERT, Walter. **The orientaling revolution: Near Eastern influence on Greek culture in the early archaic age**. Harvard University Press: Cambridge(Estados Unidos), 1992.

CANDIDO, Maria Regina. A África Antiga sob a ótica dos clássicos gregos e o viés africanista. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.19, n.30,p. 20-38, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernohistoria/article/view/15945> Acesso em 15 out. 2019

CARRETERO, Mario et al. La construcción del conocimiento histórico. **Propuesta educativa**, Buenos Aires(Argentina), n. 39, p. 13-23, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4030/403041710003.pdf> Acesso em 19 dez. 2019

COLBURN, Henry P. Orientalism, Postcolonialism, And The Achaemenid Empire: Meditations On Bruce Lincoln'S Religion, Empire, And Torture. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, Londres(Reino Unido), v.54, n.2, p.87-103 Reino Unido: Londres, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.2041-5370.2011.00026.x> Acesso em 14 nov. 2019

EL-NADOURY, Rashid; VERCOUTTER, Jean. **O legado do Egito faraônico**. In: MOKHTAR, Gamal. **História geral da África: África antiga**. São Paulo: Ática/Unesco, 2016. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190250\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190250_por) Acesso em 19 de dez. 2019

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 63, p. 489-506, 2007. Disponível em: [revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2745/2092](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2745/2092) Acesso em 19

dez. 2019

GREEN, Peter. **Alexandre, o Grande**: e o período helenístico. Rio de Janeiro:Objetiva, 2014.

HALL, Jonathan. Quem eram os gregos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, n. 11,p.213-225, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/109419/107899/0> Acesso em 19 dez. 2019

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOLLAND, Tom. **Fogo Persa**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

KITCHEN, Kenneth Anderson. **On the reliability of the Old Testament**. Wm. B. Eerdmans Publishing: Cambridge(Reino Unido), 2003. Disponível parcialmente em: [encurtador.com.br/acvxy](http://encurtador.com.br/acvxy) Acesso em 17 nov. 2019

KLERIDES, Eleftherios. National identities on the move: examples from the historical worlds of Greater Britain and Hellenism. **Comparative Education**, v. 45, n. 3, p. 435-452, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03050060903184999> Acesso em 14 nov. 2019

KOTSONAS, Antonis. Politics of periodization and the archaeology of early Greece. **American Journal of Archaeology**, Boston(Estados Unidos), v. 120, n. 2, p. 239-270, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.3764/aja.120.2.0239> Acesso em 04 out. 2019

LARSON, Victoria Tietze. Classics and the acquisition and validation of power in Britain's "imperial century"(1815–1914). **International Journal of the Classical Tradition**, v. 6, n. 2,p. 185-225, 1999. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12138-999-0002-0> Acesso em 19 dez. 2019

MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de História, diálogo intercultural e relações étnico-raciais. **Educação & realidade**. Porto Alegre, RS.V. 42,n.1, p. 59-77, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/152658> Acesso em 19 dez. 2019

MOKHTAR, Gamal. (org.) **História geral da África: África antiga**. São Paulo: Ática/Unesco, 2016. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190250\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190250_por) Acesso em 19 dez. 2019

MOYER, Ian. Egyptian History in the Classical Historiographers. *In*: GRAJETZKI,Wolfram; WENDRICH,Willeke. **UCLA Encyclopedia of Egyptology**, UCLA: Los Angeles(Estados Unidos), 2014. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/2sx6s9fn> Acesso em 19 dez. 2019

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: [encurtador.com.br/fPR35](http://encurtador.com.br/fPR35) Acesso em 19 dez. 2019

RIAD, H.; DEVISSE, J. O. Egito na época helenística. *In: MOKHTAR, Gamal. História geral da África: África antiga*. São Paulo: Ática/Unesco, 2016. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190250\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190250_por) Acesso em 19 de dez. 2019

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. 4ª reimpressão, São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. O ensino de História Antiga no Brasil e o debate da BNCC. **Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História**, São Luís, v.16, n.28, p.128-145, 2019. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos\\_uma/article/view/703](https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uma/article/view/703) Acesso em 19 dez. 2019

SØRENSEN, Annette Højten et al. Miniatures of Meaning and Interdisciplinary Approaches to the Miniature Frescos from the West House at Akrotiri on Thera. **Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle**, Halle(Alemanha), v.9, p.149-162, 2013. Disponível em: [encurtador.com.br/cdgiH](http://encurtador.com.br/cdgiH) Acesso em 19 dez. 2019

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. Uma velha África: Heródoto e o ensino de História da África. *In: OLIVEIRA, Francisco de; TEIXEIRA, Cláudia; DIAS, Paula Barata. Associação Portuguesa de Estudos Clássicos*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra (Portugal), 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/31828> Acesso 17 de nov. 2019

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; TEIXEIRA, Rozana; PACÍFICO, Tânia Mara. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 127-143, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/53047> Acesso em 19 dez. 2019

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1ª reimpressão, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2012.

STOCKWELL, Stephen. Before Athens: Early popular government in phoenicia and Greek city-states. **Australian Political Studies Association Conference 2009**. Sydney(Austrália), 2009. Disponível em: <https://research-repository.griffith.edu.au/handle/10072/29985> Acesso em 21 de nov. 2019

URQUHART, Lela M. Competing Traditions in the Historiography of Ancient Greek Colonization in Italy. **Journal of the History of Ideas**, v. 75, p. 23-44, n. 1, Philadelphia(Estados Unidos), 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43289649> Acesso em 4 out. de 2019

VAN DOMMELEN, Peter. Colonialism and migration in the ancient Mediterranean. **Annual review of anthropology**, v. 41, p. 393-409, Palo Alto(Estados Unidos), 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23270718>. Acesso em 4 out. de 2019

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 10ª edição, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1998.

VLASSOPOULOS, Kostas. Between East and West: The Greek poleis as part of a world-system. **Ancient West and East**, v. 6, p. 91-111, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/1198031/Between\\_East\\_and\\_West\\_The\\_Greek\\_Poleis\\_as\\_Part\\_of\\_a\\_World-System](https://www.academia.edu/1198031/Between_East_and_West_The_Greek_Poleis_as_Part_of_a_World-System) Acesso em 19 dez. 2019

\_\_\_\_\_. Beyond and below the Polis: networks, associations, and the writing of Greek history. **Mediterranean Historical Review**, v. 22, n. 1, p. 11-22, 2007 Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09518960701538507> Acesso em 19 dez. 2019

\_\_\_\_\_. The barbarian repertoire in Greek culture. **Ariadne**, v. 18, p. 53-88, Rethymnon (Grécia), 2012. Disponível em: <https://ejournals.lib.uoc.gr/index.php/Ariadne/article/view/364> Acesso em 19 dez. 2019

\_\_\_\_\_. Ethnicity and Greek history: re-examining our assumptions. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, v. 58, n. 2, Londres(Reino Unido), 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.2041-5370.2015.12008.x> Acesso em 19 dez. 2019